



Programa de Pós Graduação em História

**EGIPTOMANIA E USOS DO PASSADO: O Museu Egípcio e
Rosacruz de Curitiba-Paraná**

Leandro Hecko

2013



Programa de Pós Graduação em História

EGIPTOMANIA E USOS DO PASSADO: O Museu Egípcio e Rosacruz de Curitiba-Paraná

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, linha de pesquisa Intersubjetividade e Pluralidade: reflexão e sentimento na História, para obtenção do título de doutor.

Orientação: Profa. Dra. Renata Senna Garraffoni.

Leandro Hecko

2013

Catálogo na Publicação
Aline Brugnari Juvenêncio – CRB 9ª/1504
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Hecko, Leandro

Egiptomania e usos do passado: o Museu Egípcio e Rosacruz de Curitiba (PR) / Leandro Hecko. – Curitiba, 2013.
138 f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Renata Senna Garraffoni
Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas,
Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. Ordens monásticas e religiosas. 2. Comunidades cristãs.
3. Ciências ocultas. 4. Egiptologia. 5. Egito – Usos e costumes.
6. Civilização egípcia. I. Título.

CDD 932




UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.
E-mail: cpghis@ufpr.br Website: www.poshistoria.ufpr.br

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR) para realizar a argüição da Tese de Doutorado de Leandro Hecko, intitulada: **EGIPTOMANIA E USOS DO PASSADO: O Museu Egípcio e Rosacruz de Curitiba-Paraná**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua A.PROVAÇÃO, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Doutor em História**.


Curitiba, dois de abril de dois mil e treze.


Profa Dra Renata Senna Garraffoni (Orientadora)
Presidente da Banca Examinadora


Profa Dra Raquel dos Santos Funari (UNICAMP)
1º Examinador


Profa Dra Margaret M. Bakos (PUCRS)
2º Examinador


Prof. Dr. Moacir Elias Santos (UNIANDRADE)
3º Examinador


Profa Dra Karina Kosicki Bellotti (UFPR)
4º Examinador

DEDICATÓRIA

À minha mãe Ilda, ao meu pai Antônio (*in memoriam*) e à minha filha Athena.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora, Profa. Dra. Renata Senna Garraffoni, pela confiança ao aceitar meu pedido de orientação mesmo me desconhecendo, pela paciência diante de tantos contratempos pelos quais passei ao longo dos quatro anos de doutorado e pela extrema competência ao me indicar nortes quando perdido. Deixo o meu agradecimento e elogio à sua grande figura intelectual.

Agradeço aos membros da banca, por terem aceito o convite e participarem dessa defesa.

Agradeço à coordenadora do Museu Egípcio e Rosacruz Vivian Tedardi, bem como aos estagiários do museu, pelo acesso e acolhida durante as aplicações dos questionários.

Agradeço à Maria Cristina, secretária do Programa de Pós-Graduação, pela presteza e sempre bom atendimento na secretaria.

Agradeço ao meu amigo Rômulo Basso Preti, pelo empréstimo de algumas publicações da AMORC, do seu acervo particular.

Agradeço ao meu amigo Ricardo Pieralisi, pela ajuda na tabulação dos dados.

Agradeço ao meu irmão, Marcos Antônio Hecko, na requalificação dos gráficos.

Agradeço aos meus grandes amigos Júnior, Keila, João Paulo, Rafael, Graciele, Raul, Luiz, Márcia e Ademir, sempre parceiros nas horas difíceis.

À minha grande amiga, classicista e companheira de trabalho Katia Teonia, que me acompanhou em amizade durante o mestrado e doutorado, à qual tenho grande carinho e admiração intelectual.

Agradeço à minha noiva Luciane, pela paciência nessa fase final do trabalho e companheirismo.

Agradeço a todos, enfim, que colaboraram com este trabalho.

RESUMO

Nesta tese objetivamos primeiramente definir a egiptomania e o grande quadro que ela compõe na contemporaneidade, a forma como o Antigo Egito entrou no Brasil e ainda a pluralidade temática e de formas de manifestação em terras brasileiras. Em seguida, mapeamos o campo dos usos do passado como uma necessidade de orientação temporal e forma de se relacionar com o tempo transcorrido comum às sociedades. Desta forma, no amplo panorama de usos, inserimos a egiptomania. Após essa abordagem, fizemos um recorte preciso de estudos a partir do Museu Egípcio e Rosacruz, na cidade de Curitiba, Paraná/Brasil, entendendo a Ordem Rosacruz como apropriadora de conhecimentos sobre o Antigo Egito, portanto inserida entre instituições que fazem usos do passado egípcio. Assim, no espaço da Ordem constrói-se o Museu Egípcio e Rosacruz, que por meio de suas exposições didaticamente suscita conhecimento sobre o Antigo Egito e possibilita um cenário propício a se pensar sobre sentimentos dos visitantes em acervos sobre antiga civilização. Por fim, identificamos que sentimentos os visitantes manifestam a respeito do Antigo Egito mediados pelo MERC. Deve-se compreender a partir do conjunto de sentimentos manifestos, a base que possibilita a Egiptomania como uso do passado presente em nossa sociedade.

Palavras-chaves: egiptomania; usos do passado; sentimentos; museu egípcio e rosacruz.

ABSTRACT

In this thesis we aim, foremost, define the egyptomania and the great picture that it represents in the contemporaneity, the way that the Ancient Egypt was introduced in Brazil and further the plurality of themes and manifestation forms in Brazilian lands. Then, we mapped the field of the uses of the past as a need of temporal orientation and way to relate the elapsed time common to societies. Therefore, in the broad panorama of uses, we insert the egyptomania. In the sequence, we made a precise snip of studies from the *Rosicrucian and Egyptian Museum* (REM), in Curitiba, Paraná/Brazil, understanding the Rosicrucian Fraternity as appropriating of knowledge about Ancient Egypt, therefore, inserted between institutions that make use of the Egyptian past. Thus, in the Fraternity's space is built the *Rosicrucian and Egyptian Museum*, which through its exhibitions didactically raises knowledge about Ancient Egypt and provides a favorable scenario to think about the feelings of visitors collections of this ancient civilization. Finally, we identified which feelings the visitors manifested about Ancient Egypt by MERC. Should be understood, from the set of manifested feelings, the basis that allows the egyptomania as a use of the past present in our society.

Keywords: egyptomania; uses of the past; feelings; rosicrucian and egyptian museum.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Tabela elaborada por Bakos *et.al.* p.22

Imagem 2: Dom Pedro II e Dona Tereza Cristina estiveram excursionando no Egito em 1871, quando foi feita esta tomada defronte da Esfinge e da Pirâmide no Vale dos Mortos p.28

Imagem 3: Caricatura de D. Pedro II, mostrando-o metamorfoseado em esfinge, publicada *Revista Illustrada*, em 1871 p.28

Imagem 4: Ibero-América Egípcia (Bakos, 2008, p.280) p.31

Imagem 5: 1-A múmia do Sarney (2011); 2-Como ficar eternamente no poder(2012); 3-Maldição da Múmia (2012) p.35

Imagem 6: 1-Sarney e Mubarak as duas múmias (2012); 2-Sarney (2012); 3-Sarneykamon (2012) p.36

Imagem 7: 1-CPMF (2012); 2-Arrastão das múmias (2012); 3-Túmulos (2012) p.37

Imagem 8: 1- Brasão da cidade de Pelotas (2012); 2- Brasão cidade de Campinas (2012) p.38

Imagem 9: 1- Ala de Esfinges - Templo Rosacruz (2012); 2- Casa em Pelotas (2012); 3- Valinhos - Residência em São Paulo (2012) p.40

Imagem 10: 1- Casa Egípcia(2012); 2- Sobrado Neo-Egípcio (2012); 3- Cemitério no Rio de Janeiro (2012) p.41

Imagem 11: 1-Detalhes das pinturas de parede da Sala Egípcia da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul (2012); 2- Detalhe do teto da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul (2012); 3- Detalhe Templo Rosacruz (2012) p.42

Imagem 12: 1- Academia de ginástica em Natal (2012); 2- Templo Rosacruz p.43

Imagem 13: Pensamento Rüseano (RÜSEN, 2001, p.35) p.48

Imagem 14: Mosaico do complexo de prédios do Bosque Rosacruz. Fotos: Leandro Hecko p.69

Imagem 15: Fachada do MERC. (Imagens diversas, 2012) p.71

Imagem 16: Deus Osíris (sala 1), uma das representações da fertilidade e vida após a morte. A vida após a morte é uma das características que, através de suas representações, mais fascina os visitantes de qualquer museu que contenha artefatos egípcios. Fotos de Leandro Hecko p.76

Imagem 17: Máscara e Estatueta de Anúbis. Outra divindade ligada à morte. Chama a atenção por sua representação de chacal e associação à mumificação. É em força de imagem mais atrativa que as representações de Osíris, uma vez que nesta réplica mostra suas feições antropozoomórficas, elemento que seduz aos visitantes. Fotos: Leandro Hecko p.77

Imagem 18: Tampa de Ataúde, Máscara Funerária com atributos de Ísis, Vasos Canópicos e Barco Funerário (Da esquerda para direita, em sentido horário). Guardar o morto, de forma adornada, proteger suas vísceras e pensar numa travessia para outro mundo. Funções das representações destas peças, que no todo da primeira sala ilustram a visão Egípcia da morte e *post mortem* dos egípcios antigos. Fotos: Leandro Hecko p.78

Imagem 19: Pedra de Roseta e Jean-François Champollion. A pedra e seu descobridor/decifrador remetem ao grande interesse pelo Egito Antigo na França do Século XIX, junto às incursões de Bonaparte no Egito. Fotos: Leandro Hecko p.79

Imagem 20: Esfinge da Rainha Faraó Hatshepsut e Busto de Nefertiti. Duas representações de poder, e beleza, respectivamente, ícones das mulheres como sujeitos históricos e grandes personagens da História p.80

Imagem 21: Projeto Tothmea. Foto: Leandro Hecko p.81

Imagem 22: Visão geral da Antecâmara (Imagens Antecâmara Tothmea, 2012) p.82

Imagem 23: Detalhe Antecâmara (Imagens Antecâmara Tothmea, 2012) p.82

Imagem 24: Sarcófago Tothmea. (Imagens Tothmea, 2012) p.83

Imagem 25: Face de Tothmea. (Imagens Tothmea, 2012) p.83

Imagem 26: Distribuição territorial dos museus no Brasil (THÉRY & MELLO, 2009, p.187) p.88

Imagem 27: Museus por Unidade Federativa (MINC, 2009, p.74) p.89

Imagem 28: Vínculo com a Ordem Rosacruz p.99

Imagem 29: Faixa etária p.100

Imagem 30: Tendência a visitar museus histórico-arqueológicos p.100

Imagem 31: Frequência de visitas a museus histórico-arqueológicos p.101

Imagem 32: Distribuição dos visitantes por escolaridade p.101

Imagem 33: Sexo p.102

Imagem 34: Objeto/Informação/Imagem que mais atraiu no MERC p.104

Imagem 35: Origem do Conhecimento sobre o Egito Antigo p.105

Imagem 36: Sentimentos que o Egito Antigo desperta p.106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1- EGIPTOMANIA: UM EGITO PRESENTE EM VOZES QUE QUEREMOS OUVIR.....	18
1.1 Egiptomania: um Antigo Egito presente.....	20
1.2 O Antigo Egito chega ao Brasil: na vida e nos museus.....	23
CAPÍTULO 2- O CONHECIMENTO SOBRE O PASSADO E OS USOS DO PASSADO.....	46
2.1 Os usos do passado em perspectiva: entre o conhecimento formal e a vida prática.....	47
2.2 Usos do passado em perspectiva	53
CAPÍTULO 3- O MUSEU EGÍPCIO E ROSACRUZ E SEU CONTEXTO.....	64
3.1 AMORC: Antiga e Mística Ordem <i>Rosae Crucis</i>	65
3.2 O MERC: Museu Egípcio e Rosacruz.....	70
CAPÍTULO 4- A EGIPTOMANIA E OS SENTIMENTOS: OLHARES SOBRE O PÚBLICO VISITANTE DO MERC E SUAS SENSIBILIDADES.....	85
4.1 Sobre a dimensão de análise	86
4.2 Os questionários e os dados: identificando as sensibilidades dos visitantes	97
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
6- REFERÊNCIAS.....	113

6.1 Fontes.....	113
6.1.1 Publicações oficiais relacionadas à AMORC.....	113
6.1.2 Publicações relacionadas ao Museu Egípcio e Rosacruz.....	114
6.1.3 Acervo e imagens do Museu.....	114
6.1.4 Sítios oficiais da AMORC.....	114
6.1.5 Questionários aplicados aos visitantes dos museus e suas tabulações.....	115
6.1.6 Imagens diversas sobre a egiptomania no Brasil.....	115
6.1.7 Outras fontes.....	117
6.2 Referências Bibliográficas.....	117
7- ANEXOS.....	125
7.1 Anexo 1 – Questionário A.....	125
7.2 Anexo 2 – Tabulações do Questionário A.....	126
7.3 Anexo 3 – Formato de Banco de Dados	128
7.4 Anexo 4 – Questionário B.....	129
7.5 Anexo 5 – Tabulações do Questionário B.....	131
7.6 Anexo 6 – Excertos Diário D. Pedro II.....	134

INTRODUÇÃO

Ao iniciarmos as pesquisas para o doutorado no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Paraná, em 2009, o projeto inicial tinha o título de “ACERVOS DE ANTIGUIDADE NOS MUSEUS BRASILEIROS: perspectivas para construção da narrativa e da memória em História”, com um olhar geral na construção da memória e narrativa nos acervos de antiguidade dos museus Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo e do Museu Nacional no Rio de Janeiro. Perspectivas amplas e abrangentes.

No decorrer das disciplinas e diálogos com a orientadora¹, decidimos por recortes mais precisos e acessíveis para o desenvolvimento da pesquisa. No processo, duas foram as disciplinas mais significativas: História, Modernidade e Pós-Modernidade² e Estudos Avançados em História I – Micro-história italiana e sua interface com as ciências sociais: análise de redes sociais³.

Na primeira disciplina tivemos acesso a discussões sobre os usos do passado por meio de textos de História e Arqueologia que nos auxiliaram a delimitar o campo teórico de discussões e em consequência ver na egiptomania um uso do passado. Junto à segunda disciplina, conseguimos refletir metodologicamente sobre a dimensão da análise na escala do museu, tabulação de dados, questionários, análise quantitativa e qualitativa, bem como, relação entre micro e macro análise, elementos importantes para o desenvolvimento desta tese.

A partir desse contexto, um conjunto de temáticas foi delimitado e um museu mais próximo escolhido. Assim, definimos como tema geral a egiptomania estudada a partir do Museu Egípcio e Rosacruz (MERC), da cidade de Curitiba, estado do Paraná. Cabe destacar que tal museu não mais existe da forma como o pesquisamos, pois foi demolido completamente para a construção de um novo prédio⁴. Não obstante, é a partir do museu que existia que desdobramos nossa pesquisa entre os anos de 2010 e 2011 e observamos a egiptomania, que em linhas gerais é um fenômeno que se desdobra nas pessoas em relação ao Egito Antigo e se insere num campo de interesses e usos que largamente são feitos do

¹ Professora Doutora Renata Senna Garraffoni.

² Ministrada pela professora Renata Senna Garraffoni.

³ Desenvolvida pela professora Doutora Martha Daisson Hameister.

⁴ Conforme informações do sítio da AMORC em <http://www.amorc.org.br/noticia-nova-estrutura-novo-museu-egipcio-e-rosacruz.html> com último acesso em 10/04/2013.

passado, em todos os âmbitos sociais. Assim, a partir dessas opções, restava organizar as ideias.

Iniciamos rememorando nossa participação na X Jornada de Estudos do Oriente Antigo: História Antiga e Modernidade em 2004 na Pontifícia Universidade Católica em Porto Alegre-RS, quando ainda no curso de mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. No evento, organizado por Margaret Marchiori Bakos, tivemos oportunidade de assistir à conferência de Jean-Marcel Humbert, sobre a egiptomania no mundo Ocidental. Neste evento tivemos, portanto, nosso primeiro contato com o mundo da egiptomania, logo em seguida sistematizado pela leitura do livro “Egiptomania: o Egito no Brasil”, organizado pela referida professora. A partir desse livro, um novo horizonte sobre estudos do Antigo Egito, a partir da sociedade contemporânea, nos foi descortinado.

Em seguida, após o encerramento do mestrado, efetuamos algumas leituras dispersas sobre o tema, no sentido de adotar um novo caminho para a pesquisa já dentro do curso de doutorado na Universidade Federal do Paraná. Entre as leituras retomadas sobre egiptomania e as discussões sobre os usos do passado da disciplina mencionada anteriormente, iniciamos algumas reflexões e definimos caminhos.

Entendendo as formas de manifestações da egiptomania como uma espécie de (re) vivificação do Antigo Egito por meio de empréstimos de signos dessa antiga sociedade e novos usos que são feitos dos mesmos (HUMBERT, 1994, p.21) observamos na egiptomania uma forma de usos do passado. Os estudos sobre tais usos possibilitam entender as relações entre a Antiguidade e o mundo contemporâneo, criando uma História Antiga mais problematizadoras (SILVA, 2005, p.29) e próxima da contemporaneidade.

Observando esses dois aspectos, a egiptomania e os usos do passado, nos questionamos sobre a razão dessas manifestações, percebendo que as mesmas ocorrem porque existe nas pessoas um contínuo ímpeto na vida prática de interesses e carências de orientação no tempo, responsáveis pela construção e utilização de ideias sobre o passado, necessárias à sua orientação existencial (RÜSEN, 2001, p.30-35). Por sua vez, a egiptomania percebida como um uso do passado existe porque existe uma relação profunda de imaginação e curiosidade que liga as pessoas ao Antigo Egito e faz com que elas por ele se interessem e queiram de alguma forma estudá-lo ou consumi-lo na contemporaneidade. Em parte, podemos entender esse interesse permeado pela construção Oriente/Ocidente na qual aquele é erigido por este, na perspectiva do orientalismo colocada por Edward Said (1990) como uma estrutura de mitos e fantasias (SAID, 1990, p.18), ou ainda exotismo, no qual o Oriente aparece como um constructo da sociedade europeia. Neste contexto, o que mais profícuo para motivar

interesse e imaginação que uma sociedade antiga oriental que deixou um legado de realizações incomensurável através de milênios como o Antigo Egito?

Neste contexto, outra questão nos chamara a atenção. Era o fato, identificável por meio das leituras dos textos sobre egiptomania, de existir uma presença muito grande de adjetivos declinados a partir de sensações e sentimentos que se podiam surgir ou perceber em relação ao Antigo Egito ou nas manifestações da egiptomania. Foi, portanto, a partir desse conjunto de ideias que chegamos ao nosso olhar sobre a egiptomania. Esse olhar significa observar o passado muito distante do Antigo Egito e a contemporaneidade, percebendo de inúmeras formas na sociedade e na vida prática das pessoas uma inquietação em relação àquela cultura antiga. Assim, afirmamos a egiptomania como um fenômeno vasto de usos do passado despertados a partir de/ou despertadores de diversos sentimentos sobre o Antigo Egito.

Com esse olhar optamos por organizar os estudos nos quatro capítulos que compõe esta tese. No primeiro, “Egiptomania: um Egito presente em vozes que queremos ouvir”, buscamos definir a egiptomania e o grande quadro que ela compõe na contemporaneidade, a forma como o Antigo Egito entrou nas terras brasileiras e ainda a pluralidade temática e de formas de manifestação em terras brasileiras.

No segundo capítulo, “O conhecimento sobre o passado e os usos do passado”, mapeamos o campo dos usos do passado como uma necessidade de orientação temporal e forma de se relacionar com o tempo transcorrido comum às sociedades. Desta forma, no amplo panorama de usos, inserimos a egiptomania.

No terceiro capítulo, “O museu Egípcio e Rosacruz e seu contexto”, faremos um recorte preciso de estudos a partir do referido museu, entendendo a Ordem Rosacruz como apropriadora de conhecimentos sobre o Antigo Egito, portanto inserida entre instituições que fazem usos do passado egípcio. Assim, no espaço da Ordem constrói-se o Museu Egípcio e Rosacruz, que por meio de suas exposições didaticamente suscita conhecimento sobre o Antigo Egito e possibilita um cenário propício a se pensar sobre sentimentos dos visitantes dessa antiga sociedade.

Por fim, no quarto capítulo, “A egiptomania e os sentimentos: olhares sobre o público visitante do MERC e suas sensibilidades”, identificamos que sentimentos os visitantes manifestam a respeito do Antigo Egito mediados pelo MERC. Deve-se compreender, a partir do conjunto de sentimentos manifestos, a base que possibilita a egiptomania como uso do passado presente em nossa sociedade.

Finalmente, cabe considerar que esta tese se desenvolveu diante da ausência de uma pesquisa específica em relação à egiptomania e usos do passado, bem como explorando

as causas de suas manifestações. Pretendemos, por fim, trazer uma abordagem que contribua com o desenvolvimento dos estudos sobre a egiptomania no Brasil, ampliando as formas de entendê-la e explicá-la, inaugurando novas possibilidades de pesquisa em quaisquer espaços onde seja possível identificá-la.

CAPÍTULO 1- EGIPTOMANIA: UM EGITO PRESENTE EM VOZES QUE QUEREMOS OUVIR

“Afiml, o que há no Egito que explique tamanho fascínio, capaz de resistir – e, na realidade, crescer ainda mais – ao longo de tantos séculos? O que faz uma civilização tão antiga como essa continuar ditando modas e, seis milênios depois, prosseguir influenciando aspectos tão diversos da vida contemporânea, seja na arquitetura, nas artes, no espiritualismo, na ciência e na filosofia? E o que faz, nos dias de hoje, movimentos sociais tão variados, como a maçonaria e as associações de consciência negra, reivindicarem uma relação de descendência direta ou indireta com ela?”
(Margaret Bakos)

Assim inicia, Margaret Bakos¹ (2004), o livro que organiza pela Paris Editorial, intitulado “Egiptomania: o Egito no Brasil”. Uma provocação contundente que ecoa em nossa contemporaneidade, adentrando diversos espaços da vida das pessoas. É fato que pegadas antigas, modernas e contemporâneas deixadas por essa sociedade estão espalhadas no mundo, fazendo parte do contexto de pesquisadores e pessoas comuns. À parte dessas evidências colocadas em diferentes tempos e espaços, simultaneamente, cabe refletir com Bakos a natureza desse interesse pelo Antigo Egito que instiga as pessoas das mais variadas idades e origens, das mais variadas formações e graus de formação. É importante declinar a problematização de Bakos não apenas por que ela diz respeito a uma importante sociedade, mas, acima de tudo, por que tal relação evoca nossa ânsia de nos relacionarmos com o tempo e espaço, com as memórias e narrativas, enfim, de exercitar o pensamento histórico, acadêmico ou não, conscientemente ou não, que é parte da natureza humana.

Partindo da problematização de Bakos, posta em nossa epígrafe, foi interesse desta pesquisa compreender algumas das distintas formas de apropriação do passado egípcio a partir do campo inaugurado pela autora no Brasil², considerando que o referido livro, lançado em 2004, e o primeiro na área publicado no país, reúne diversas pesquisas de autores

¹ A autora e professora da PUC/RS possui um grande grupo de pesquisa relacionado à Egiptomania, com professores universitários e alunos de graduação e pós graduação, funcionando desde 2004. Mais informações consultar: Egiptomania em <http://www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/>.

² Que tem como marco inicial a participação da autora no Sétimo Congresso Internacional de Egiptólogos, realizado em Cambridge em 1995, onde a autora publica *Three moments of Egyptology in Brazil*. Cambridge, 3-9 September 1995. Leuven, Uitgeverij Peeters, 1998, p.87-91, segundo BAKOS, Margaret Marchiori et.al. História da Egiptomania no Brasil: Bibliografia Comentada. Plêthos, 2, 1, 2012, p.218-246.

brasileiros que tratam de temas em torno das relações entre Egito Antigo e manifestações na contemporaneidade, como: presença em museus brasileiros, influências nas artes cênicas e arquitetura de residências e prédios comerciais, influência em instituições (Maçonaria e Ordem Rosacruz), propaganda, obras de arte, caricaturas entre outras muitas apropriações passíveis de se identificar.

Seguindo tais interesses manifestos em relação à cultura egípcia antiga, a tese visa buscar mapear e compreender de que forma, a partir da construção da memória e narrativa históricas dispostas no Museu Egípcio e Rosacruz (MERC) na cidade de Curitiba, estado do Paraná, o público visitante se manifesta. Buscamos assim explorar os sentimentos mais comuns que emergem entre os visitantes, que tipo de conhecimento possuem e qual a origem desse conhecimento em relação a essa antiga sociedade. Em linhas gerais o objetivo foi definir que impressões podem ser perceptíveis na relação entre museu, acervo e visitantes.

Para trilhar esse caminho investigativo, partimos de uma reflexão sobre o Egito Antigo, suas diversas apropriações, a relação das pessoas com o passado que configuram lapsos de consciência histórica (RÜSEN, 2007, p.121) e também usos do passado³. No tocante à ideia de “usos do passado”, esta vem se desenvolvendo na contemporaneidade, muito ligada a historiadores sobre a Antiguidade. Pode-se entender tal expressão como um desdobramento das atuais investigações entre Arqueologia e História Antiga, numa teorização sobre as utilizações que são feitas dos conhecimentos produzidos a partir dessas disciplinas. Glaydson José da Silva chama atenção, no âmbito dos usos do passado para a ideia de que:

“O estudo das relações entre a Antiguidade e o mundo contemporâneo, entre o passado e o presente na escrita da História do mundo antigo tem sido, desde então, objeto de inúmeros estudos recentes (BERNAL: 2003; CAUCANAS, CAZALS e PAYEN: 2001; DROIT 1991; DUBUISSON 2001; HINGLEY 2001 ; MICHEL 2002, entre muitos outros) e tem contribuído para o desenvolvimento de uma História Antiga que se pretende mais problematizada.” (SILVA, 2005, p.29)

³ Há um grupo de pesquisa sobre usos do passado coordenado pelos professores Glaydson José da Silva (Unifesp) e Renata Senna Garraffoni que pode ser acessado em www.usosdopassado.ufpr.br.

Desta forma, pela amplitude do problema que a discussão sobre egiptomania possui, pelo amplo campo que possibilita a percepção do passado no cotidiano das pessoas, pela importância que possuem as discussões sobre os usos do passado se optou por recortar um contexto mais preciso a investigar: egiptomania no Brasil.

1.1 Egiptomania: um Antigo Egito Presente

A ciência que tem como objeto exclusivo o Egito Antigo é a Egiptologia, que surge e se desenvolve a partir de fins do século XVIII. Mas é nos séculos XIX e XX que se torna conhecida e sistematizada da forma como a entendemos hoje. O interesse pelo Antigo Egito, todavia, arrastou-se ao longo dos milênios, desde seus contemporâneos na Antiguidade, em seguida Idade Média, séculos XVII e XVIII (SAUNERON, 1970, p.7-31). Neste caminho, há sobre o Antigo Egito uma infinidade de reflexões e problematizações históricas, desde a constituição da ciência chamada Egiptologia, ao colecionismo de objetos da Antiguidade egípcia até apreensões apaixonadas sobre temas relacionados a essa sociedade. Não obstante haja tantas manifestações, vemos o que se entende por egiptomania a que se desdobra como objeto e campo de estudos sistematizados na contemporaneidade. Configura-se, a nosso ver, como ao mesmo tempo objeto e área de estudos.

A egiptologia nos mostra que, segundo Serge Sauneron manifestou no início da década de 1970:

“a cultura faraônica representa um patrimônio universal: a humanidade toda tem o direito de aproximar-se dela, de recebê-la, apreciá-la, assimilá-la como uma parte da sua história comum. Os cientistas devem procurar escrever para outros que não eles próprios e transmitir aquilo que eles tiveram tanto prazer em descobrir. Num universo em que o livro, o rádio, o disco já desempenham um papel tão relevante, não faltarão os meios de difusão para levar a outros aquilo que os egiptólogos concordarão em não guardar somente para si. A meio caminho entre um mundo vivo, ávido de cultura, de deslocamento geográfico, de história, e o extinto universo das eras faraônicas, o egiptólogo terá, hoje como ontem, de desempenhar uma missão simultaneamente difícil e enaltecida: dele dependerá a restituição à vida e à luz daquilo que terá sido outrora, num mundo longínquo e diferente, riqueza e dignidade humanas.” (SAUNERON, 1970, pp.129-130)

A popularização da Egiptologia, entre os séculos XIX e XX, caracteriza aquilo que a egiptomania nos mostra como reflexos das palavras de Sauneron, em interesse por aquela sociedade antiga que hoje, segundo Margaret Bakos (2004, p.10), pode ser identificado por três vias de acesso/interesse sobre o Antigo Egito: Egiptologia (a ciência), Egiptofilia (formas de colecionismos) e a Egiptomania (apropriações e ressignificações). Ligado a essa Egiptomania ainda poderíamos pensar a Egiptosofia, como uma fonte profunda no Antigo Egito de sabedoria esotérica (HORNUG, 2001, p.3).

Esta é uma perspectiva ampla que, em seus estudos, pode ser observada, enquanto objeto de conhecimento e área de estudos sobre esse objeto. Define-nos o estudioso francês dessa área, Jean-Marcel Humbert, que:

"Egiptomania, Revivificação Egípcia, Estilo do Nilo, Faraonismo: diferentes palavras e termos vêm sendo usados por diferentes períodos e países para descrever as variedades de expressões de um singular e expressivo fenômeno. Ele consiste no tomar de empréstimo, dos elementos mais espetaculares, da gramática de ornamentos que é a essência original da arte Egípcia antiga; e dar a esses elementos decorativos, nova vida através de novos usos"⁴ (HUMBERT, 1994, p.21).

Entre todas essas significações, sentidos e interesses o elo comum coloca-se no campo dos usos que são feitos a respeito de tudo que emana da cultura egípcia antiga. Em um artigo publicado em 2012, Bakos *et alli*⁵ (2012) mapeia o campo de possibilidades dos estudos da egiptomania, elencando e expondo 41 produções desenvolvidas e/ou publicadas desde 1998 e seus principais focos. Aqui nos interessam os números e os temas apontados no referido artigo. Segundo os dados, de 1995 a 2011 a produção sobre egiptomania consta de 84 trabalhos, entre trabalhos de mestrado/doutorado, especialização, trabalhos de conclusão de curso, livros, capítulos de livros, artigos e textos completos em anais de eventos (BAKOS *et.al.*, 2012, p.241-242).

De toda essa produção, que não cabe aqui expor, Bakos define os principais temas elencados/pesquisados nos trabalhos. Reproduzimos abaixo a tabela presente no artigo:

⁴ Tradução livre de Margaret Marchiori Bakos.

⁵ O artigo é de produção coletiva dos pesquisadores brasileiros: Margaret Marchiori Bakos, Moacir Elias Santos, Liliane Cristina Coelho e Gregory da Silva Balthazar, publicado na revista *Plêthos*.

Tema	Número de publicações
Arquitetura	16
Arte	13
Arte cemiterial	3
Brinquedos	2
Cinema	4
História da Egiptologia e da Egiptomania	22
Literatura	20
Música	2
Prática docente	9
Publicidade	9
Total	100

Imagem 1: Tabela elaborada por Bakos (BAKOS et.al., 2012, p.243). Evidencia a pluralidade de lugares e áreas onde aparece a egiptomania.

Na quantificação fica evidente que os estudos traçam um grande campo de usos que são feitos do passado pela vertente da egiptomania e se relacionam com a vida prática das pessoas. Em relação a essa produção, ainda cabe destacar uma obra de fundamental importância, a qual fizemos menção nas considerações iniciais. Trata-se de “Egiptomania: o Egito no Brasil”, organizada por Bakos, publicada em 2004. Segundo a própria organizadora e autora, o livro é um marco que supre uma ausência de publicações, calcado no interesse científico e na emoção autêntica que permeia a egiptomania (2004, p.13), manifesta nas mais diferentes formas e materiais, monumentos de pedra, logomarcas, quadros, poemas e festas populares.

O campo sobre os usos do passado, no qual inserimos a egiptomania, alicerça-se nas diversas ideias que delineamos nos itens anteriores, cabendo evidenciar no âmbito histórico que:

“Ao retirar a História do campo da neutralidade e da objetividade, a base epistemológica dessa disciplina passou a ser repensada, proporcionando uma explosão de reflexões acerca da teoria para a produção de modelos interpretativos menos normativos acerca das relações humanas no passado”. (GARRAFFONI, 2008, p.5-6)

A egiptomania reflete, neste caminho, um campo de possibilidades permeado pela inserção das subjetividades refletidas na construção, representação, apropriação e usos do passado, sendo um dos mais longos fenômenos de transferência cultural já contabilizado, matriz de valores e gostos estéticos mundiais contemporâneos (BAKOS, 2008, p.18-19).

No referido campo de possibilidades acerca da egiptomania cabe destacar alguns interesses manifestos na produção brasileira enumerados por Bakos (*et alli*, 2012, p.220-240). Um primeiro se trata da identificação de três momentos da Egiptologia no Brasil, com a formação das coleções egípcias em nosso país, a abertura do canal de Suez e a inserção da Egiptologia nos cursos de pós-graduação (BAKOS, 1998, p.87-91). Outros interesses aparecem com pesquisas sobre a egiptomania no Rio Grande do Sul (BAKOS, 2001, 2002), sobre a relação entre o Império no Brasil e o Antigo Egito (BAKOS, 2003), acerca da egiptomania como uma discussão entre a ciência e a imaginação (BAKOS, 2003), temas relacionados ao corpo e egiptomania (BAKOS, 2003), o Egito em sala de aula (FUNARI, 2006, 2008), na arquitetura (BAKOS, 2003), na vida cotidiana (BAKOS, 2004) e espaços privados (COELHO; SANTOS, 2005), manifestações na literatura (JUNQUEIRA, 2007; COELHO, 2007) para enumerar apenas alguns em linhas gerais⁶.

Neste ínterim, ao observar tal variedade de interesses, cabe contextualizar suas manifestações no Brasil, a partir do fato que na historiografia se estabeleceu no século XIX, com a atração dos imperadores D. Pedro I e D. Pedro II, em relação ao Antigo Egito.

1.2 O Antigo Egito chega ao Brasil: na vida e nos museus

Para demarcar o interesse pelo Antigo Egito no Brasil há que dizer que ele, em terras brasileiras, tem suas primeiras manifestações por meio do Imperador Dom Pedro I, que

⁶ Para ver especificamente as sínteses em relação aos temas levantados consultar Bakos *et alli*, 2012.

repassa a D. Pedro II, que acaba por se iniciar nos estudos egiptológicos (BAKOS, 2005, p.17). Consta que muitas peças coletadas por Giovanni Belzoni⁷ entre 1816 e 1819 chegaram às mãos do comerciante Nicolau Fiengo. Este viajou em direção à Argentina (KITCHEN & BELTRÃO, 1990, v.1, 4), mas por problemas no Rio da Prata viaja para o Rio de Janeiro. Em uma oportunidade que Fiengo tem de expor as peças no Museu Real atrai o interesse do imperador D. Pedro I que, por meio da figura de José Bonifácio, arremata as peças em 1827 (SANTOS, 2012, p.162). No entanto, ficará mais evidente a atração de D. Pedro II pela cultura egípcia antiga, vale destacar que o imperador realizou duas viagens ao Egito⁸, berço dessa antiga cultura, deixando registros de suas viagens, sobre os quais são necessárias algumas considerações.

Resultados das manifestações egiptológicas de Dom Pedro II, seriam três documentos, publicados na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: Diário da Viagem ao Alto Nilo feito pelo Imperador Dom Pedro II, o artigo D. Pedro II no Egipto de Nicolas Debanné versando sobre o diário e um artigo chamado Aspectos da primeira viagem dos Imperadores do Brasil à Europa e Egito (1871-1872)⁹. O diário com as anotações do próprio imperador, escrito em francês, foi traduzido por Affonso Taunay e publicado para o ano de 1909 (em um volume impresso em 1919). O artigo de Nicolas Debanné, publicado em 1910, sendo fruto de uma conferência sobre a segunda viagem do Imperador ao Egito. O terceiro, publicado em 1945, com raras observações e dados sobre a primeira incursão do imperador naquele país. Esses três materiais compõem o que se considera a herança primordial da Egiptologia, Egiptomania e Egiptofilia no Brasil.

A segunda viagem do Imperador às “terras do Nilo” acontece de 1876 a 1877 e é marcada pela grande formação que Dom Pedro II teve anteriormente, contando com o autodidatismo e indicações de grandes egiptólogos da Europa. O Imperador tornou-se amigo e correspondente de três grandes egiptólogos da época: François Auguste Ferdinand Mariette,

⁷ Para mais informações ver: SANTOS, Moacir Elias. Das Necrópoles Egípcias para a Quinta da Boa Vista: um estudo das partes de múmias do Museu Nacional. Revista Mundo Antigo. Ano I, Volume I – junho, 2012. Disponível em <http://www.nehmaat.uff.br/revista/2012-1/artigo08-2012-1.pdf> com último acesso em 10/04/2013.

⁸ A primeira viagem aconteceu de 1871 a 1872 e a segunda de 1876 a 1877. Para a segunda viagem o Imperador se preparou, estudando o Egito Antigo, sendo uma viagem mais demorada e com registros precisos.

⁹ O acesso a esse material é possível pelo sítio da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, por meio do endereço <http://www.ihgb.org.br/rihgb.php> com último acesso em 15/04/2013.

Émile Charles Adalbert Brugsh e Charles Olivier Camille de Rougé. Correspondeu-se mais com Mariette e Brugsh, de quem inclusive discutia com muita afinidade as teorias (BAKOS, 2005, pp.18-19). O Imperador brasileiro se tornou um grande conhecedor do Egito Antigo e respeitado no Instituto Egípcio, que reunia grandes pesquisadores da Egiptologia.

O Diário da Viagem ao Alto Nilo feito pelo Imperador Dom Pedro II em 1876 foi descoberto acidentalmente por Affonso d'Escragnolle Taunay no fundo de uma gaveta de uma escrivaninha do Imperador, vendida após a Proclamação da República. O Diário foi publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro n. 72 de 1909.¹⁰ O diário já contava com páginas rasgadas, deixando muitas informações fragmentadas. Em 1912, Nicolas Debanné publica um artigo, fruto de uma palestra sua no Instituto Egípcio, no Cairo, discorrendo sobre a segunda viagem de Dom Pedro II ao Egito, publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro n. 75 de 1912. No artigo, Nicolas Debanné, que era secretário da Embaixada do Brasil no Egito, discorre acerca das considerações de Dom Pedro II em seus estudos egiptológicos, sobre a personalidade do imperador e algumas ideias do Imperador sobre o Brasil¹¹. Ainda aparecem os comentários de Debanné sobre o Imperador e sua Nação.

É nestas linhas, apontadas no texto de Debanné que se podem buscar sentimentos relacionados ao Antigo Egito pelo Imperador e ainda buscá-los como herança ao Brasil. Aqui vamos tratar de um conjunto deles, presentes em ambos os documentos, no artigo e no Diário do Imperador, quais sejam: racionalidade, História *Magistra Vitae*, Maravilhamento, Egiptofilia, Egiptomania e Nacionalismo.

A Ciência, no século XIX, alargou bastante as suas fronteiras e um primeiro sentimento que pode ser apreendido diz respeito à racionalidade que Dom Pedro II busca em suas anotações e estudos. Essa racionalidade¹², típica do século XIX, se liga as suas correspondências com egiptólogos importantes do Instituto Egípcio e aos seus estudos e

¹⁰O Diário foi publicado no n. 72 da Revista, que é de 1909, mas foi impresso e divulgado em 1910.

¹¹ Sobre as viagens e registros de D. Pedro II ver também: SANTOS, Jacqueline Monteiro dos. O Imperador Itinerante: D. Pedro II no Egito e a construção da identidade nacional. Universidade Federal do Paraná, 2012 (monografia). Disponível em <http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2012/07/Jacqueline.pdf> com último acesso em 10/042013.

¹²Tal racionalidade pode se ligar também aos estudos de Ciências Naturais, Artes Plásticas, Música, Literatura, e ainda com diversos idiomas com os quais o Imperador tinha afinidade ou conhecimento: grego, latim, sânscrito, hebraico, hieróglifos, francês, italiano, inglês, alemão, árabe e tupi (FREITAS, 2003, 90-91).

discussões acerca do tema Egito Antigo. Considerado o Imperador um “*imperador homem de ciencias*” como o denominava o seu amigo Pasteur, ou ainda o príncipe “*philosopho*”, como o apelidava Lamartine e o “neto” de Marco Aurélio, como o chamava Victor Hugo, Dom Pedro II era membro de diversas sociedades científicas, do Instituto de França e do Instituto Egípcio (DEBANNÉ, 1912, p.131).

A organização e manutenção científica do IHGB era, para o Império, uma questão muito importante, pois fazia do Brasil um episódio da Ciência no mundo, com diversos correspondentes, principalmente da Europa. Por diversas vezes, o Imperador se Dirigia aos egiptólogos do Instituto para, como em 10 de novembro de 1871, tomar parte em interessantes pesquisas, discutir e informar as suas teorias, comunicar as suas observações e duvidas sobre diversas questões científicas e, especialmente, de Egiptologia (DEBANNÉ, 1912, p.132). No manuscrito do Diário de visita do Imperador ao Egito, havia desenhos e notas que o imperador queria mandar em correspondência aos seus amigos Mariette, Brugsh (DEBANNÉ, 1912, p.134). O Imperador discute com autoridade as teorias desses seus amigos, contrapõem ideias e tira conclusões, tomando uma postura de proximidade com os egiptólogos, entre os quais se colocava no Instituto Egípcio (vide Excertos de 1 a 4 do Diário de D. Pedro II nos anexos). Essa mesma racionalidade que Dom Pedro II tinha, ele queria também para o seu país (vide Excerto 8), e o fazia ao incentivar museus, revistas científicas, artistas e de forma geral o trânsito cultural no Brasil.

Quando pensa o Imperador sobre a Historia, outro sentimento parece ser bastante evidente, qual seja, o de que a Historia é a *Magistra Vitae*. Faz Debanné uma apologia a Dom Pedro II, ao dizer que o Imperador não fora negado pelo Brasil como um dos seus fundadores, e o próprio Imperador tinha as ideias de fundação em seus pensamentos, pois segundo Debanné, anota o Monarca que o exército e a marinha, os médicos e os engenheiros não podem negar a origem intelectual junto ao Imperador, assim como não o podem negar em relação aos intelectuais do tempo dos faraós ou de Roma (DEBANNÉ, 1912, p.142). Diz Debanné, com base nas anotações de Dom Pedro II:

“...que o Egypto dos Mamelucos influi sobre o Egipto de Mahomed Aly; mas os homens deste último fizeram o Egypto de Ismail, como vos mesmos formareis o Egypto de amanhã. Com efeito, o passado é o pai do presente, como a criança é o pai do homem.” (DEBANNÉ, 1912, p.142)

O passado é para o Imperador o responsável pela construção do conhecimento, das Nações e das coisas, um oráculo do presente sem o qual este ou o futuro não podem existir (vide Excertos 8 e 9 do Diário de D. Pedro II nos anexos).

Mas o Imperador ainda manifesta o maravilhamento, talvez aquele mesmo *tomastha* de Heródoto ao visitar o Egito. Fato é que o Imperador demonstrava grande apreço por aquela sociedade antiga, passível de ser visualizada por meio dos sítios arqueológicos de hoje, apenas. Esse maravilhamento, passional, é a contrapartida do racionalismo de Dom Pedro II em seus estudos, e nas anotações de seu Diário de Viagem (DEBANNE, 1912, p.131). O grande interesse do Imperador pelo Egito Antigo e sua primeira viagem renderam no Brasil, na Revista *Illustrada*, uma famosa sátira política, a partir de uma foto de Dom Pedro II próximo a Esfinge em Gizé (vide Imagem 2) que retratava o monarca transformado em esfinge (vide Imagem 3). Debanné acentua a sensação do Imperador, alma sensível, e lastima que nem todos possam ter as sensações que ele teve ao visitar os sítios, ou constatar, como disse Heródoto, que o Egito é um presente do Nilo (HERÓDOTO, II), que somado ao conhecimento e técnica dos Egípcios produziu grandeza em um espaço já pleno em belezas naturais (vide excertos 7, 8, 9, 11, 12 do Diário de D. Pedro II nos anexos). A representação do Imperador configura ainda, uma primordial manifestação de interesse pelo Antigo Egito no Brasil, sendo este um marco que possibilitaria o desenvolvimento de uma egiptomania a partir de várias fontes de inspiração, como os relatos de viajantes, manifestações anteriores da egiptomania, peças arqueológicas e peças de arte específicas (COELHO, 2009), que compõe o campo de possibilidades no Brasil.



Imagem 2: Dom Pedro II e Dona Tereza Cristina estiveram excursionando no Egito em 1871, quando foi feita esta tomada defronte da Esfinge e da Pirâmide na necrópole de Gizé (DELIE, M. & BECHARD, E., 2003).



Imagem 3: Caricatura de D. Pedro II, mostrando-o metamorfoseado em esfinge, publicada *Revista Illustrada*, em 1871 (BAKOS, 2004).

Diante do gosto pelo Egito Antigo, há manifesta também a Egíptofilia, pois guardava o imperador diversos objetos relacionados a essa sociedade em suas decorações, presentes recebidos, objetos recolhidos pelo próprio Imperador ou ainda herdados de seu pai. Expõe também sua indignação com a conservação no Egito dos sítios arqueológicos e monumentos, pois estes conservam História em suas pedras e questiona os governantes afirmando que eles poderiam gastar menos em palácios e investir mais na conservação do seu passado (vide Excerto 5 do Diário de D. Pedro II nos anexos).

Resta ainda comentar que, Debanné, entre muitos outros sentimentos, destaca muitos aspectos de vida relacionados ao Imperador, constituintes de sua personalidade e, principalmente, intelectualidade que fazem surgir o sentimento de Nacionalismo, manifesto na forma paternalista de observá-lo, na ênfase de que mesmo com a Proclamação da República não se deixou de venerar tal intelectual (DEBANNÉ, 1912, p.134), a figuração da imagem do Imperador de longas barbas, olhar compenetrado, às vezes sisudo, que amava seu povo e lutava pelo desenvolvimento das Ciências e Artes no Brasil, representada a luta por sua própria imagem, de conhecimento (DEBANNÉ, 1912, p.143-147). Junto a essa ideia, o fomento cultural dado pelo imperador ao país, mostraria que a arqueologia monumental, do século XIX, muito ligada ao desenvolvimento identitário do Brasil, permitia que o Estado aparecesse como guardião de uma tradição generalizada, mundial, mas também local (ANDERSON, 2005, p.250). Era comum, no Brasil, o que se percebe na própria Revista do IHGB, a presença de relatórios arqueológicos, muito bem ilustrados para o público, o que construía uma “logo-ização” (ANDERSON, 2005, p. 250-251) geral do que era o Brasil manifestado em artigos sobre personalidades brasileiras, povos brasileiros e ainda, cultura universal.

Feitas essas considerações, cabe afirmar que temos no Brasil Império, nas figuras dos imperadores, um marco importante na relação entre nosso país e a cultura egípcia antiga. É fato que esta atrai interesses no mundo todo, mas na cultura brasileira toma um papel importante na imaginação e atração em querer utilizar seus elementos para dar significados a diversas situações. Seguindo esta ideia, cabe aqui tratar de algumas dessas utilizações, manifestas por meio da presença de museus com peças originais, réplicas e ainda outras formas de incorporação à vida dos brasileiros. Malgrado saíamos aqui de uma visão histórica e intelectual para apropriações cotidianas, estas não podem ser compreendidas sem as discussões anteriores.

Como comentamos antes, no Brasil a egiptomania tem origem no século XVIII conforme indicam os estudos de Margaret Marchiori Bakos, perpassando diversos momentos de sua história pulverizada em sua miríade de significações. Pensando em uma história da egiptomania no Brasil, podemos defini-la em três grandes fases em nosso país: a primeira com a formação das coleções brasileiras (a partir dos imperadores D. Pedro I e D. Pedro II, século XIX, portanto), a segunda com a abertura do canal de Suez em 1869 e a terceira com o início dos cursos de pós-graduação em História Antiga no Brasil (BAKOS, 1998, p.87-91), década de 1970¹³. E desta forma o Antigo Egito se estabelece no imaginário brasileiro. Somam-se a estas três fases o fato de tal sociedade encontrar-me amplamente projetada na mídia, por meio do cinema, livros, documentários, entre outros. É neste contexto que optamos por observar a egiptomania na contemporaneidade, considerando que a pesquisa teve como foco o Museu Egípcio e Rosacruz ligado à Ordem Rosacruz e seus visitantes.

Neste caminho, há que contextualizar amplamente alguns itens sobre a presença do Egito na contemporaneidade e o lugar do Brasil nesse campo de interesses. Em uma pesquisa publicada em 2008, Bakos delinea na América Latina a quantidade e as características de manifestações egiptomaníacas espalhadas pelo continente. Segue a Imagem 4:

¹³ Não se pode precisar o início e fim das fases, conforme inexistente na própria referência, uma vez que com o passar dos anos elas se interpenetram em influência.

Países Sul-Americanos Pesquisados								
Egiptomania	Argentina	Bolívia	Brasil	Chile	Colômbia	Peru	Uruguai	Venezuela
Esfinges	3	-	7	3	-	-	-	-
Obeliscos (monumentos)	8	-	188	5	5	4	2	2
Obeliscos (outros)	16	1	5	1	2	-	1	-
Pirâmides	3	-	31	4	1	1	-	-
Política/Faraó	2	-	4	2	-	-	-	-
Política Faraona	8	-	2	-	-	-	-	-
Religião/Divindades	6	-	3	-	-	-	-	-
Religião/Mitologia	2	-	5	4	-	-	-	-
Sociedade/ Caracterização	-	1	3	-	-	-	-	-

Imagem 4: Ibero-América Egípcia (Bakos, 2008, p.280). Observam-se, nos países, a quantificação e os temas de egiptomania mais encontrados.

Pela Imagem 4, percebemos o destaque do Brasil no contexto latino-americano, já que os dados levantados¹⁴ dizem respeito a uma pesquisa mais desenvolvida no país e, também, a questões de amplitude territorial e populacional. Não obstante, demonstram-se bastante significativos se levarmos em conta simultaneamente à dimensão das características levantadas, alinhadas decrescentemente, entre obeliscos, pirâmides, esfinges, política/religião/mitologia e sociedade. Em torno dessas características circulam, como aponta a autora, as categorias específicas que remetem às pirâmides, esfinges, obeliscos, rio Nilo, Akhenaton, Quéops, Ramsés II, Tutankhamon, Cleópatra VII, Nefertiti, Amon Rá, Bastet, Ísis, Anúbis, Hórus, Aton, Kheper, múmias, fênix e caracterização geral diretamente remetidas ao Egito Antigo (BAKOS, 2008, p.281).

Essa apropriação, como evidenciamos, é fruto de um conjunto de sentimentos que mobilizam o conhecimento sobre o Egito Antigo e o resignificam no presente e na vida prática. Assim, a partir dos estudos sobre a egiptomania no Brasil cabe ressaltar alguns dos

¹⁴ Os dados da tabela podem ser alterados de acordo com o desenvolvimento das pesquisas da autora.

principais pontos encontrados para demonstrar como essa sociedade antiga se faz presente no Brasil e organizar as suas principais apropriações.

Observemos como uma das manifestações a arte cemiterial, num primeiro exemplo, que mostra a presença de elementos egípcios em túmulos brasileiros que trazem inspiração de pirâmides, sarcófagos, obeliscos e colunas em homenagem aos mortos (ARAÚJO, 2004, p.45). As pirâmides demonstrando o anseio do descanso eterno, perpetuando a memória do morto, significando um marco de importância da morte, associada a forças místicas e sobrenaturais (ARAÚJO, 2004, p.46-47). A esfinge, em sua serenidade e invencibilidade; as colunas e obeliscos, como solidez, força sustentadora e marco memorial (ARAÚJO, 2004, p.49-51).

Na arquitetura, as manifestações egiptomaníacas espalham-se pelo país desde o século XVIII como aponta Bakos ao falar do chafariz do Mestre Valentim, no Rio de Janeiro, datando daquele século (BAKOS, 2004, p.57-58). Além disso, pirâmides espalham-se em espaços públicos e privados em residências, estabelecimentos comerciais e edificações diversas (BAKOS, 2004, p.58-67). Elementos decorativos em detalhes arquitetônicos também são amplamente identificáveis, assim como na arte e na decoração em ambientes públicos e privados (BAKOS, 2004, p.87-96).

Também identifica Bakos a presença do Egito Antigo em festas e carnavais, principalmente por meio de músicas, carros alegóricos e fantasias (BAKOS, 2004, p.103-114), no *marketing* que estabelecimentos comerciais fazem dos elementos egípcios construindo suas mensagens (BAKOS, 2004, p.135-140) e charges, caricaturando a partir de elementos egípcios (BAKOS, 2004, p.11, 96 e 97).

Essas informações levantadas pelas pesquisas citadas são exemplos da miríade de possibilidades das manifestações egiptomaníacas em nosso país, mas as mesmas não cessam por aí.

Faz parte da cultura política brasileira de questões políticas, tecer críticas aos acontecimentos dessa ordem e manifestá-las de formas variadas. Já no século XIX, identifica-se uma charge como manifestação política de egiptomania mais difundida através da Revista *Ilustrada*, no ano de 1871. A imagem mostra uma crítica a D. Pedro II e seu interesse pelo Egito, onde o imperador aparece metamorfoseado em uma esfinge (Imagem 3). D. Pedro II, durante seu governo, realizou, como comentamos, duas viagens ao Egito, nutrindo grande

interesse científico por essa antiga sociedade. Num contexto no qual seus interesses pareciam distantes da política brasileira, coube esta crítica por parte da revista. Descreve-nos, analiticamente, Bakos essa figura:

“Vê-se D. Pedro representado como cabeça de esfinge, fabulosa criatura com face humana e corpo de leão. O monarca porta o característico adorno de cabeça denominado *nemes*, utilizado apenas pelos reis do Egito (...) Na caricatura, o artista substitui o símbolo da realeza egípcia pelo emblema da coroa brasileira. E, no toucado, há as inscrições das três questões que, no Brasil, precisam ser resolvidas: a política, a econômica e a religiosa. Ao pé da esfinge, o caricaturista desenhou pessoas com os braços levantados que fitam o governante, como a exigir uma atitude”. (BAKOS, 2004, p.25)

Pela descrição de Bakos e observando as imagens percebe-se que há duas coisas importantes a se considerar nesse uso político: conhecer a cultura egípcia minimamente e reutilizar os elementos de tal cultura na mensagem que se deseja passar. Desses dois pontos, há que considerar ainda a forma como essa mensagem poderia ser recebida pelos leitores da revista ou ainda pela leitura visual da população possivelmente não letrada. Tal leitura diz respeito ao contexto em que a mensagem é veiculada. O contexto possibilita certo entendimento e no caso, a viagem do imperador ao Egito, traz à tona esse país e informações a seu respeito que possibilitam um mínimo de entendimento.

Seguindo essa perspectiva política e ainda considerando a linguagem de sátiras feitas pela imprensa brasileira, avançamos para fins do século XX, contexto onde surgiram muitas dessas utilizações, conforme evidenciaremos em relação a José Sarney e temas gerais de nossa política¹⁵.

De 2012 em diante pode-se identificar um conjunto de charges satirizando o político José Sarney. Este arrasta uma carreira política desde 1955, como deputado, passando a governador do Maranhão em 1965, senador pela primeira vez em 1971 pelo Maranhão (com dois mandatos), presidente da República em 1985 (com a morte de Tancredo Neves) e

¹⁵ Aqui não é interesse declinar cada utilização feita de elementos egípcios antigos em charge, mas evidenciar sua existência e difusão. Um estudo recente foi elaborado por Karine Lima da Costa em sua dissertação de mestrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, orientada pela profa. Dra. Margaret Marchiori Bakos, com o título: *Anacronismo em Charges: as análises da egiptomania*, disponível em http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4346 com último acesso em 10/04/2013.

senador pelo Amapá mais duas vezes. Além disso, Sarney foi presidente do senado nos mandatos de 1995 a 1997, de 2003 a 2005, de 2009 a 2011 e pela quarta vez de 2010 a 2013¹⁶. Tal trajetória rendeu algumas manifestações egiptomaníacas muito criativas, conforme nos mostram as Imagens 5 e 6.

Primeiramente “O retorno da múmia”, no conjunto de imagens na figura 5, vemos Sarney chegando ao complexo do Palácio dos Três Poderes em Brasília fantasiado como uma múmia, em alusão à sua perenidade no poder, ao seu quarto mandato no senado e quarta presidência do senado (item 1 Imagem 5). Na imagem seguinte, uma múmia lê um livro intitulado “Como ficar no poder eternamente” com fictícia autoria de José Sarney. A múmia está no deserto e ao fundo apresenta-se a imagem de uma pirâmide, numa menção de que se trata do contexto egípcio. A relação da imagem deve-se à associação de Sarney e sua capacidade de permanecer no poder frente à renúncia de Hosni Mubarak à presidência do Egito em fevereiro de 2011. A sátira mostra que Mubarak deve aprender com Sarney como permanecer no poder, já que o egípcio não conseguiu ficar mais que 30 anos na política, diferente de Sarney que está há mais de 50 anos. A múmia e a pirâmide denotam o caráter da eternidade na mensagem que se deseja passar, portanto.

Na imagem seguinte, intitulada a “Maldição da múmia” um homem assiste ao noticiário falando de manifestações políticas no contexto Sarney/Mubarak, quando é interrogado se as manifestações políticas falariam do Egito, onde responde: “Não, do Sarney como novo presidente do senado”. Novamente a figura da múmia numa direta relação com a temporalidade e eternidade na mensagem que se deseja passar.

¹⁶ Informações retiradas do site oficial de José Sarney: ww.josesarney.org, com acesso em 29/06/2012.



Imagem 5: 1-A múmia do Sarney (2011); 2-Como ficar eternamente no poder (2012); 3-Maldição da Múmia (2012)¹⁷. A menção imagética e em palavras aparece com frequência em imagens vinculadas a Sarney ou outros políticos.

A Imagem 6 nos mostra um outro conjunto de representações do mesmo contexto. No item 1, “Múmias e maldições”, Sarney se vangloria dos seus 50 anos no poder para Mubarak e seus quase 30 anos. Sarney e Mubarak mostram-se mumificados num ambiente desértico que remete ao Congresso Nacional do Brasil onde as cúpulas côncava e convexa aparecem como pirâmides. No item 2, Sarney aparece mumificado saindo da cúpula côncava, havendo uma mescla entre as cúpulas do Congresso Nacional em sua formação normal e as pirâmides. No item 3, sobre “Saques e tesouros no Egito”, Sarney e Tiririca exploram o sarcófago de Tutankhamon, buscando riquezas e logo abaixo desta imagem aparece o nome “Sarneykamon” dizendo que múmias assim conservam o poder por muito

¹⁷ As referências constam ao fim do trabalho, com as imagens individualizadas a partir de suas datas. As composições com múltiplas imagens (Imagens 5, 6 e 7) foram feitas por nós para que fossem visualizadas em grupos.

mais tempo. Neste caminho, essa sequência mostra o grande interesse em apropriar-se de elementos egípcios e reutilizá-los de diferentes formas pelas figuras de múmias e pirâmides.



Imagem 6: 1-Sarney e Mubarak, as duas múmias (2012); 2-Sarney (2012); 3-Sarneykamon (2012). Da mesma forma que as imagens anteriores, a associação de caracteres egípcios ou de múmias a Sarney e políticos se evidencia nas imagens.

Veja-se agora a sequência de figuras da Imagem 7. No primeiro item a CPMF (Contribuição Provisória sobre a Movimentação Financeira) que entrou em vigor no ano de 1997 como medida provisória, aparece mumificada em Brasília por ter se tornado informalmente política durante diversos governos e por mais de 10 anos. Já na segunda imagem da sequência, surge um contexto com pirâmides, sarcófagos e alguns políticos mumificados numa ação de “arrastão” de “múmias políticas” sempre rondando o poder. O item 3 mostra novamente o Congresso Nacional com pirâmides no lugar das cúpulas, cercado por múmias políticas que se eternizam em Brasília.



Imagem 7: 1-CPMF (2012); 2-Arrastão das múmias (2012); 3-Túmulos (2012). Múmias políticas e caracteres arquitetônicos (Itens 1, 2 e 3). Disponível em em www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania, no Banco de imagens.

Em outro tipo de uso político da egiptomania aparecem brasões com elementos egípcios como o obelisco e a ave fênix (Bakos, 2004, p.80-82). Na Imagem 8, aparecem o brasão da cidade de Pelotas em seus detalhes onde é mostrada a figura do obelisco. Este, além da sua beleza, sempre que utilizado politicamente aparece como símbolo de estabilidade e perenidade, além de servir de marco a ações políticas em amplo aspecto. Em seguida aparece o brasão da cidade de Campinas e a figura da fênix, figura mitológica egípcia sempre representando a capacidade da renovação frente às cheias do Nilo ou em outros contextos de renascer do meio de dificuldades¹⁸.

¹⁸ Os exemplos apontados foram levantados e já divulgados pelo grupo de pesquisa em Egiptomania liderado pela profa. Dra. Margaret Marchiori Bakos e estão divulgados no “Acervo de imagens” em www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania. Mais informações, basta acessar o referido acervo.



1



2

Imagem 8: 1- Brasão da cidade de Pelotas (2012); 2- Brasão cidade de Campinas (2012). Obelisco (Item 1) e a ave mitológica Fênix (item 2). Disponível em em www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania, no Banco de imagens.

Observa-se, enfim, que os elementos da cultura egípcia servem de significação de ações políticas contemporâneas diversas, bem como formas de críticas. A expressão maior identifica-se junto à figura das múmias, pirâmides, obeliscos e fênix não descartando outras possibilidades de utilizações que possam ser encontradas em pesquisas futuras. As utilizações podem, portanto, ser bastante dinâmicas da mesma forma como é a ideia geral da egiptomania.

Em continuidade, há que ressaltar outra forma de egiptomania e, sem dúvida, a mais largamente difundida: os usos estéticos. Estes se encontram num profundo sentimento de relação com o passado refletido amplamente no cotidiano da vida das pessoas.

A ideia de estética que podemos apreender junto à egiptomania é a do próprio sentido que se veicula a origem do termo, vindo da palavra grega *aisthesis* designando

simultaneamente a faculdade e o ato de sentir (como sensação e percepção) onde a sensibilidade coloca-se em primeiro lugar (TALON-HUGON, 2009, p.7). De fato, observando a produção sobre egiptomania¹⁹ percebe-se que se tratam basicamente de apropriações que refletem interesses no passado egípcio em torno da eternidade, da imortalidade, do misticismo, grandiosidade, exotismo, admiração, beleza, maravilhamento, riqueza, mistério, curiosidade, entre outras sensibilidades. Decorrentes desses sentimentos mobilizadores temos a ampla utilização dos elementos do Egito Antigo nos mais variados espaços públicos e privados.

Veja-se a Imagem 9 que contém representações já trabalhadas no livro de Bakos (2004). Primeiramente a Ala das Esfinges de um Templo Rosacruz de São Paulo e a apropriação de elementos egípcios para o adorno de prédios rosacruzes, fachadas e interiores difundem-se pelo mundo (SANTOS, 2004, p.119-130), além é claro de prédios da maçonaria. O item 2 da Imagem 9 mostra uma casa piramidal em Pelotas-RS e o item 3 uma residência em Valinhos-SP, ambas com forte apelo aos ideais arquitetônicos egípcios (BAKOS, 2004, p.64-65). Em continuidade, na Imagem 10, a Casa Egípcia no Rio de Janeiro e o túmulo em pirâmide no mesmo estado mostram a força da estética em relação à cultura egípcia à qual querem remeter. Já nos itens da Imagem 11, detalhes de elementos da Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul e de um templo Rosacruz de São Paulo exemplificam como o uso estético é percebido também em detalhes das construções, exibindo um grau de sofisticação da apropriação. Essas leituras podem acontecer em espaços públicos e privados, como se veem nos detalhes das Imagens 11 e 12, manifestações interiores e exteriores às construções e decorações.

¹⁹ Cf. BRANCAGLION Jr., 2004; ARAÚJO, 2004; BAKOS, 2004; SANTOS, 2004; CLEMENTE, 2004; CARDOSO, 2004.



Imagem 9: 1- Ala de Esfinges - Templo Rosacruz (2012); 2- Casa em Pelotas (2012); 3- Valinhos - Residência em São Paulo (2012). Esfinges, Pirâmide e outros traços arquitetônicos perceptíveis. Disponível em www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania, no Banco de imagens.



Imagem 10: 1- Casa Egípcia(2012); 2- Sobrado Neo-Egípcio (2012); 3- Cemitério no Rio de Janeiro (2012). Pirâmide e detalhes na arquitetura, que remetem à cultura egípcia antiga. Disponível em em www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania, no Banco de imagens.

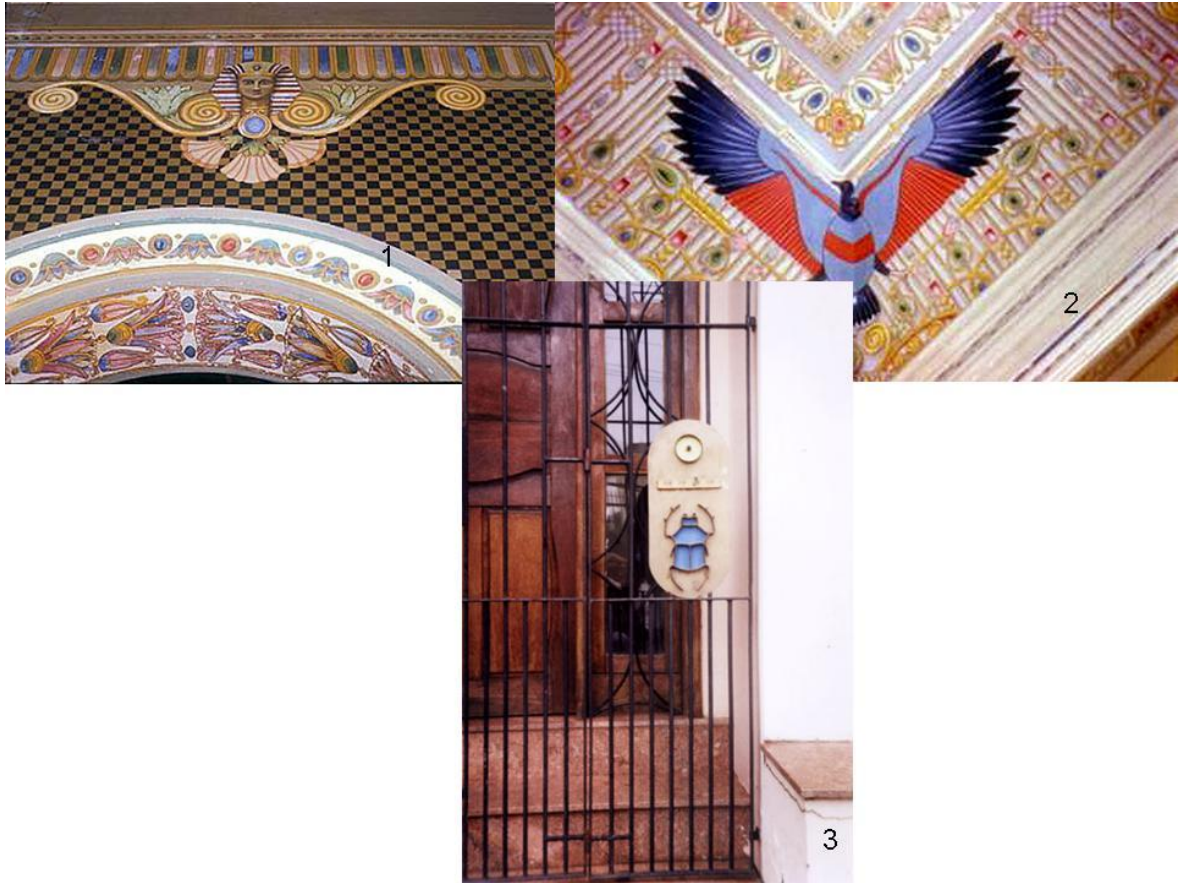


Imagem 11: 1-Detalhes das pinturas de parede da Sala Egípcia da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul (2012); 2- Detalhe do teto da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul (2012); 3- Detalhe Templo Rosacruz (2012). Traços na arte que remetem à cultura egípcia antiga. Disponível em em www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania, no Banco de imagens.



Imagem 12: 1- Academia de ginástica em Natal (2012); 2- Templo Rosacruz. Pirâmide e traços arquitetônicos que remetem ao Antigo Egito. Disponível em em www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania, no Banco de imagens.

Seguindo esses olhares, identificam-se usos estéticos do Egito Antigo em coleções de peças originais e réplicas utilizadas como adornos em museus e/ou residências (BRANCAGLION Jr., 2004, p.31-40); nos cemitérios através de pirâmides, sarcófagos, esfinges, colunas e obeliscos (ARAÚJO, 2004, p.45-53) templos e detalhes da arte cemiterial; na arquitetura amplamente difundida (BAKOS, 2004, p.73-82); na arte e na decoração de interiores (BAKOS, 2004, p.87-98).

Feitas essas considerações acerca da presença do Antigo Egito em relação à vida prática, há que destacar uma presença formal dessa cultura na sociedade brasileira, qual seja: a presença do Antigo Egito em museus brasileiros.

Conforme já destacamos, a presença primordial se dá através das peças atualmente mantidas no Museu Nacional ligado à Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tal presença, todavia, é muito mais ampla. De acordo com os estudos de Antônio Brancaglioni Jr.,

há pelo menos cinco coleções egípcias no Brasil que merecem destaque. A primeira, a própria coleção do Museu Nacional à qual nos remetemos anteriormente sobre sua constituição (BRANCAGLION JR., 2004, p.31-35).

Em seguida, a coleção do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, formado por meio de doações e aquisições de coleções particulares (BRANCAGLION JR., 2004, p.35-37). A terceira é a coleção de Pietro Maria Bardi no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand que pertencia ao jornalista e *marchand* italiano Pietro Maria Bardi (BRANCAGLION JR., 2004, p.37-38). Em seguida a coleção de Eva Klabin Rapaport, de origem particular, mas hoje aos auspícios da fundação que leva o mesmo nome, na cidade do Rio de Janeiro (BRANCAGLION JR., 2004, p.38-39) e, por fim, a coleção mineira do Museu Mariano Procópio, em Juiz de Fora, fundado por Alfredo Ferreira Lage em 1921 que, embora em diminuto número, possui peças egípcias (BRANCAGLION JR., 2004, p.29). As referências não englobam acervos particulares de colecionadores isolados que possuem interesse pelo Antigo Egito.

Além dos referidos acervos há outro tipo de material que chama a atenção em alguns museus brasileiros: trata-se de réplicas de artefatos egípcios elaboradas por artistas plásticos brasileiros. Destes artistas plásticos cabe destacar os irmãos Jarbas e Eduardo D'Ávila Vilela²⁰ que iniciaram produções de réplicas a partir da década de 1970 (SANTOS, 2010, p.10), chegando a criar entre fins da década de 1970 e início da década de 1980 o Museu do Egito em Aparecida do Norte, para abrigar o já grande número de peças produzidas. Entre os museus com réplicas constam ainda o Museu Egípcio e Rosacruz de Curitiba-Pr, formado em 1990, com réplicas dos irmãos já citados e outros artistas, que aqui será explorado nos capítulos 3 e 4, e o Museu de Arqueologia de Ponta Grossa²¹, com peças elaboradas pelo prof. Dr. Moacir Elias Santos (SANTOS, 2009, p.141-155). Tais museus, com as peças autênticas ou réplicas, configuram um quadro de extrema importância ao divulgar, estimular e ensinar sobre o Antigo Egito, conferindo grande caráter didático para a sociedade brasileira ampliando sua relação com essa antiga cultura.

²⁰ Mais informações sobre os irmãos e o Museu do Egito de Aparecida do Norte ver: SANTOS, Moacir Elias. Recriando e divulgando o Egito antigo no Brasil. Jornal "O Lince". Aparecida do Norte-SP, n.31, jan/fev, 2010, p.10-11.

²¹ Mais informações sobre o referido museu, ver: SANTOS, Moacir Elias. O Egito em Museus Paranaenses: possibilidades para o ensino e a pesquisa. IN: BAKOS, Margaret Marchiori et.al. Diálogos com o mundo faraônico. Rio Grande-RS: FURG, 2009, p.141-155.

Neste ínterim, considerando o quadro de interesses aqui elencados, sobre o passado egípcio presente no Brasil convém nos questionar: qual a razão do interesse por esse conhecimento histórico? Aqui abrimos espaço para o capítulo seguinte, no qual discutiremos esse interesse junto aos chamados usos do passado.

CAPÍTULO 2- O CONHECIMENTO SOBRE O PASSADO E OS USOS DO PASSADO

“A ciência da história está, assim, entre a cruz e a caldeirinha: como ciência, ela não é a especialidade competente para responder às perguntas fundamentais sobre o sentido e, no entanto, ela se sabe movida por tais questões, o que a impede de ignorá-las.” (Jörn Rüsen)

Vimos no capítulo anterior que a egiptomania faz o Egito Antigo, considerando suas ressignificações, tornar-se presente de diversas formas em nossas vidas. Tal fato deve-se à ânsia que as sociedades manifestam sobre si, na contemporaneidade, e sua relação com o tempo transcorrido. Desta forma, afirmamos que a egiptomania relaciona-se aos chamados usos do passado que discutiremos no presente capítulo com o intuito de demonstrar as características e explicações de algumas razões pelas quais os seres humanos se interessam tanto pela relação passado/presente, conscientes ou não dessa ação.

Mostramos ainda, no primeiro capítulo, que a egiptomania é um fenômeno e faz-se presente no Brasil em torno de diversos interesses manifestos em temas e formas de apropriação, de acordo com o tipo de relação que se tem com o passado. Seguindo a ideia da epígrafe, podemos afirmar, enfaticamente, que somos aquilo que vivemos e que a história constitui nosso ser individual e coletivamente. Nos dias de hoje, aumentam as reflexões sobre a forma como o passado se faz presente na vida das pessoas, permeando seus tempos e espaços, de forma que as pessoas tendo ou não consciência desse fato são por ele arrebatadas irrefutavelmente.

Articulando tal afirmação a esta tese, cabe considerar que ela ronda aquilo que é próprio à constituição da matriz disciplinar da História enquanto ciência, de onde se define como base as carências de orientação no tempo calcadas em interpretações. Considera-se assim, o interesse que se tem pelo Egito Antigo, suas apropriações e seus usos, conforme nossa epígrafe, como carências inerentes ao ser humano em torno de temas históricos, uma vez que isso diz respeito ao seu passado e presente.

2.1 Os usos do passado em perspectiva: entre o conhecimento formal e a vida prática

Buscando pensar sobre a egiptomania em relação aos usos do passado nos apropriamos das ideias do alemão Jörn Rüsen, teórico da história, que analisa a forma de construção da matriz disciplinar da História a partir de funções práticas manifestas entre os historiadores e também no cotidiano social (RÜSEN, 2001, p.26-30). Embora Rüsen não se ligue aos estudos específicos de egiptomania e usos do passado, seu pensamento nos é esclarecedor e problematizador ao observarmos tais fenômenos possibilitando profunda compreensão dos seus elementos constituidores. Assim, cabe pensar, primeiramente, na matriz disciplinar histórica, em conceito que Rüsen empresta de Thomas Kuhn¹, seria “o conjunto sistemático dos fatores ou princípios do pensamento histórico determinantes da ciência da história como disciplina especializada” (RÜSEN, 2001, p.29). Seguindo este raciocínio, a constituição da ciência histórica tem seus fundamentos no fato de que os seres humanos possuem interesses sobre o passado. Diz-nos Rüsen, complementando essa ideia:

“O melhor ponto de partida parece ser aquele que, na vida corrente, surge como consciência histórica ou pensamento histórico (no âmbito do qual o que chamamos ‘história’ constitui-se como ciência). Esse ponto de partida instaura-se na carência humana de orientação do agir e do sofrer os efeitos das ações no tempo. A partir dessa carência é possível constituir a ciência da história, ou seja, torna-la inteligível como resposta a uma questão, como solução de um problema, como satisfação (intelectual) de uma carência (de orientação)”. (RÜSEN, 2001, p.29-30)

Desta maneira, o interesse pela História e a necessidade de orientação no tempo, cerne do pensamento histórico, fundam a ciência. Dessa fundação, interessa-nos o fato de que tudo parte do cotidiano e da vida prática das pessoas, em consonância com a ideia já muito difundida de que esta é a ciência dos homens no tempo (BLOCH, 2001, p.55). É neste sentido que entendemos que egiptomania e usos do passado se inserem utilizando o pensamento rüseano: aparecem como objeto de ciência e, também, fundam-se no cotidiano e vida prática das pessoas. Em torno dessas ideias, consideremos o esquema resultante do pensamento

¹ Do livro *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

rüseano:



Imagem 13: Pensamento Rüseano (RÜSEN, 2001, p.35). Observa-se a estreita e dependente relação do conhecimento histórico e a vida prática das pessoas.

A vida prática encontra-se em frágil linha divisória com a ciência especializada e esta reflete as problemáticas daquela. Há, portanto, um contínuo e cambiante processo no qual o pensamento histórico pode ser apreendido entre interesses gerados por carências de orientação no tempo. Estas são constituidoras de ideias perspectivadas da experiência do passado, e levam à constituição de métodos e regras de pesquisa empírica que serão

organizadas em formas de apresentação que atuarão com funções na vida prática, num retorno, a partir da narrativa, à necessidade prática de orientação existencial (RÜSEN, 2001, p.30-35). Surge, então, como uma volta partindo de carências de orientação no tempo interpretadas. É por essas interdependências no processo do pensamento histórico que ressaltamos as reflexões de Rösen neste trabalho. Conhecer o passado, apropriar-se dele, significá-lo e ressignificá-lo, estabelecendo usos para o mesmo, faz parte de nossa própria vida na modernidade.

Seguindo o pensamento de Rösen, destacamos também a importância da narrativa no referido processo:

“Para se entender o que a narrativa realiza, é necessário caracterizar melhor a categoria de sentido. A constituição de sentido produzida pela narrativa histórica a partir da experiência no tempo opera-se em quatro planos: a) no da percepção de contingência e diferença no tempo; b) no da interpretação do percebido mediante a articulação narrativa; c) no da orientação da vida prática atual mediante os modelos de interpretação das mudanças temporais plenos do passado e, por fim, d) no da motivação do agir que resulta dessa orientação. ‘Sentido’ articula percepção, interpretação, orientação e motivação, de maneira que a relação do homem consigo e com o mundo possa ser pensada e realizada na perspectiva do tempo. Sentido histórico na relação com o mundo significa uma representação da evolução temporal do mundo humano tanto baseada na experiência quanto orientadora e motivadora do agir. Também na relação do homem com si mesmo, o tempo é interpretado em consecução, de modo que seja alcançado um mínimo de consciência do ‘eu’: identidade histórica” (RÜSEN, 2001, p.155-156)

Desta forma, a constituição do pensamento histórico perpassa a própria narrativa e a busca de sentido ao passado. Noutras palavras, há que ressaltar os itens levantados por Rösen no texto acima, que afirmam os seguintes princípios: há que existir a consciência de que estabelecemos uma relação com o passado; de que sempre narramos esse passado e o interpretamos (conscientes ou não de que o narramos ou interpretamos); a ideia de que esse passado orienta nossa vida prática atual e a percepção de que o passado nos dá algum tipo de motivação.

Tais princípios se articulam a outra instância relacionada à nossa vida prática: trata-se da formação histórica. Formação, *latu sensu*, quer dizer: conjunto de competências de interpretação do mundo e de si próprio, refletindo o máximo de orientação do agir com o máximo de autoconhecimento (RÜSEN, 2007, p.95). Desta forma, para apreender o mundo e

suas facetas historicizadas, tomar consciência dos princípios do pensamento histórico é dar forma à inata carência de orientação no tempo. A carência e a inquietude em relação ao tempo nos arrebatam de modo muito forte e conscientizar-se desse fato é constituir uma formação histórica. Os seres humanos nascem com uma composição física cerebral propícia à orientação no tempo e à narrativa e no decorrer da vida, em sua constituição individual e coletiva, passam por momentos de formação em família, em grupos sociais, na escola e outras instituições. As necessidades de narrar e dar sentido à existência humana nos tempos e espaços afloram conscientemente pela formação. Afirma-nos Rösen, sobre a formação histórica que:

“Formação leva muito a sério esse direcionamento à carência de orientação. Ela o contrapõe à fragmentação do saber científico necessariamente decorrente da especialização da ciência. Com isso, ela coloca à frente a carência do sujeito ausente, de fazer-se valer como pessoa, no uso do saber para fins de orientação de sua própria vida prática, de afirmar-se como instância de legitimação dos modos práticos de viver.” (RÜSEN, 2007, p.95)

O direcionamento em relação à carência de orientação no tempo, por sua vez, transcende as necessidades próprias da ciência histórica. A formação, em continuidade, também diz respeito ao modo de recepcionar o saber histórico, lidar com ele, tomar posição quanto a ele, utilizando-o (RÜSEN, 2007, p.101).

Ainda em torno das ideias da relação entre conhecimento histórico e vida prática, das carências de orientação no tempo e da formação em história, cabe acrescentar algumas palavras quanto à consciência histórica. Esta é a constituição de sentido sobre a experiência no tempo, no modo de memória que transcende sua própria vida prática. Questiona-nos Rösen dizendo:

“que outras qualidades se encontrariam nas operações típicas da consciência histórica, que não a memória histórica e o processo narrativo de sentido da experiência do tempo, que valem como orientação existencial e assim são o próprio aprendizado histórico?” (RÜSEN, 2007, p.104-105)

Nessa perspectiva, há de se considerar a experiência no tempo, sua interpretação e sua função orientadora na vida humana como pressuposto de qualquer relação de alteridade temporal e espacial. O ser humano não escapa ao fato de que na vida o passado se faz presente em sua existência. Há, por fim, de reconhecer o passado ao mesmo tempo como diferente, presente e necessário na vida prática. O fato, por exemplo, de estar em um museu é defrontar-se com todas essas ideias, suscitar inúmeras experiências e interpretações, constituir sentidos, fazer perguntas e buscar respostas às inquietações existenciais, usar o passado, ter sentimentos variados despertos.

Ao utilizar os pressupostos de Rüsen, é importante acrescentar outro conjunto de reflexões que vêm a declinar o campo de possibilidades dos usos da história e da história em relação à vida prática que podem subsidiar os estudos da egiptomania. Trata-se da abordagem de David Lowenthal, em *The past is a foreign country*. O autor, conceituado geógrafo estadunidense, traz uma gama de discussões que aprofundam o entendimento das pessoas em relação ao passado. Como Rüsen, ele estabelece a ligação que o passado tem com o presente e com a vida das pessoas considerando duas perspectivas: 1) o passado é sempre interpretado segundo o presente e 2) o passado é agora tratado de forma diferente de como foi tratado anteriormente (ONTIVEROS, 2001, p.1-2). O passado pode ser entendido como real, no entanto não pode real e totalmente ser conhecido. Em seu livro, Lowenthal aponta, desde a introdução, que o passado está presente em todas as partes e se questiona acerca das razões que nos movem a recuperar o passado e recorrer a ele em nossas vidas. O passado surge, então, como uma forma mais pomposa e manipulável que o presente, num misto de nostalgia e outros sentimentos (LOWENTHAL, 1985, p.4-6). Lista-nos o autor, em seu segundo capítulo (*Benefits and burdens of the past*²), um conjunto de benefícios em relação ao passado, tais como: familiaridade, reconhecimento, reafirmação, afirmação individual, sentimento de pertencimento, identidade, orientação e enriquecimento. Dá-nos o passado legitimação, fundamentação e prazer (LOWENTHAL, 1985, p.35-37). O passado oferece ainda precedência, afastamento (vida e romantismo), começos primordiais (respostas às questões básicas) e inocência primitiva (natureza, vida simples e honesta), continuidade, interrupção. Neste ínterim, há que considerar também as más memórias que podem prejudicar o presente (LOWENTHAL, 1985, p.35-72). As ambiguidades em relação ao passado podem ser inevitáveis e, assim, os sentimentos em relação a esse tempo transcorrido, os mais

² “Benefícios e ônus do passado”, tradução livre.

variados. E nesta tese, observar-se-á tal gama de possibilidades sobre o Egito Antigo visto em sua apropriação na egiptomania.

No capítulo 5, *How we know the past*³, Lowenthal afirma que podemos conhecer o passado por três caminhos: memória, história e relíquias (LOWENTHAL, 1985, p.187). A memória, pessoal e coletiva, é evocada de acordo com o presente, em interpretações subjetivas que as pessoas utilizam a partir de recordações, conduzindo a um passado em forma de crença individual, passível de deformação e alteração diante dos nossos caprichos e interesses, podendo ser uma opção/caminho mais pessoal (LOWENTHAL, 1985, p.193-210). A História, a sua vez, é sempre escrita por alguém. Desta forma, podem ser escritas distintas histórias sobre um mesmo acontecimento (LOWENTHAL, 1985, p. 210-238). Em terceiro lugar, as relíquias como resquícios do passado, simbolizam uma corporificação do passado acessível (LOWENTHAL, 1985, p.238-249). Estas não possuem significado por si, mas necessitam de contextualização que a atribuam um valor. Pensando sobre as três vias de acesso, considera o referido autor a necessidade de interpenetração das três para acessar o passado de forma mais precisa.

Por fim, há que afirmar que Rüsen e Lowenthal trazem a esta pesquisa um conjunto de ideias basilares para o entendimento de nossas problemáticas em torno dos usos do passado e da egiptomania. Aqui destacamos: a) existe uma carência de orientação no tempo por parte dos seres humanos; b) essa carência reflete questões da vida prática das pessoas em relação ao passado; c) a carência reflete uma busca de sentido à vida refletido no passado que é encontrado na memória e na narrativa; d) o interesse e a apropriação do passado denotam lapsos de consciência histórica; e) o passado é sempre pensado a partir do presente e f) nossa relação com o passado é movida por diversos sentimentos decorrentes das carências de orientação.

A partir dessas ideias basilares, consideremos que o passado pode ser compreendido de diferentes formas e que dele podem ser feitos inúmeros usos. As apropriações e usos do passado podem ser encontrados em todas as áreas do conhecimento que têm o passado como objeto. Vejamos, no item seguinte, alguns exemplos de usos do passado, em diferentes perspectivas.

³ “Como podemos conhecer o passado”, tradução livre.

2.2 Usos do passado em perspectiva

Aqui é importante salientar que estudamos a egiptomania e seus usos manifestos do passado a partir do Museu Egípcio e Rosacruz, que amplo campo de abordagens e problematizações. Para nós, o museu aparece num ponto de convergência entre interesses das disciplinas de História e Arqueologia, e as interpretações do cotidiano e vida social das pessoas que o visitam.

Não obstante, cabe ressaltar que a egiptomania não é campo exclusivo de usos do passado e, por isso, são necessárias algumas considerações acerca das perspectivas dos usos do passado, objetivando inseri-la na importância do que vem sendo discutido nesses domínios. Seguindo este caminho, deve-se ponderar sobre a seguinte questão: embora defendemos a História como estudo das ações dos homens no tempo, há que se questionar - esse estudo é exclusivo da História? Sabe-se que não, pois diversas são as ciências que se voltam ao passado dos homens, apropriando-se, no entanto, de distintas formas. Dentre elas, destacamos as que mais se aproximam de nosso objeto de discussão: Arqueologia e Museologia, sendo necessárias algumas reflexões a guisa de definição dos nossos espaços de reflexão, buscando os usos que da História, Arqueologia e a Museologia, podem ser feitos e que já foram objeto de diversos pesquisadores.

Aqui trataremos da Arqueologia Histórica e dos seus usos para se pensar e (re)construir o passado, entendendo esta enquanto um instrumento da construção da memória e da narrativa histórica, discutindo objetos que vem sendo trabalhados nacional e internacionalmente. Tal discussão, junto à da História e Museologia se articula à nossa reflexão, uma vez que ela trata de um Museu e suas implicações com os usos que faz do passado. Entendemos uma relação entre Arqueologia, História e Museu calcada na complementaridade, onde todas auxiliam na construção e/ou aproximação do passado, bem como nos usos que se faz deste.

Ao se discutir as formas como a Arqueologia pode contribuir com a discussão do passado, por vezes se pensa nessa como uma ciência auxiliar da História, ideia comumente vinculada nos contextos metódico-positivistas. Contudo, no adiantado das discussões sobre a ciência da Arqueologia, se declinam os conceitos, no sentido de mostrar historicamente como

ela sempre teve sua autonomia em relação às demais ciências, sendo fruto, assim como a História e Museologia, de apropriações ideológicas em vários contextos.

Quando se fala em relações entre História, Arqueologia, Museus, evoca-se uma articulação necessária a pensar, escrever e expor um recorte do passado a partir de referências a cada uma dessas áreas. Tomemos, por exemplo, o caso de um recurso/instrumento/material importante às três áreas: a fonte. Fonte histórica, cultura material, objeto de exposição, em todos os casos, o objeto último possui uma funcionalidade em relação ao passado. Na História, fruto de questionamentos interpretativos direcionados de onde se buscam informações do passado, base para a escrita da História. Na Arqueologia, enquanto cultura material, meio por meio do qual se articulam dados espaço-temporalmente (re) construindo a História de determinada Cultura. Entre a História e a Arqueologia existe, nesse contexto, certa complementaridade. Trata-se do fato de que a História se preocupa primeiramente com os materiais escritos e em seguida com os demais (pictográficos, cerâmica, etc) e a Arqueologia com a cultura material. Nos dois casos, a intertextualidade entre o escrito e a cultura material é uma articulação mais do que necessária. Por sua vez, no Museu (e aqui temos em mente museus de caráter histórico-arqueológicos) se manifestam intencionalidades presentes na História e Arqueologia por meio de narrativas escritas ilustradas/problematizadas a partir da cultura material.

No que diz respeito às atuais discussões da Arqueologia, principalmente as que são frutos da chamada Arqueologia Pós-Processual⁴ busca-se dar conta do caráter social, além do científico, desta ciência. Seja em campo ou em uma organização museal, a preocupação com a função social ou sentido próprio da prática tem refletido inquietações que envolvem academia e público leigo. Neste contexto, pensar os usos que se faz do passado em um contexto amplo, transcendendo a academia, faz-se muito produtivo.

⁴ Define-se “Escola Pós-Processual”: indo desde os hiper-relativistas aos moderados e tendo sua principal figura no arqueólogo inglês Ian Hodder, esta escola abrange diversas tendências teóricas atuais, muitas delas advindas da sociologia, da semiótica, do estruturalismo, da filosofia, do marxismo, entre outras procedências. Apesar das divergências, possui vários pontos comuns no âmbito da pesquisa arqueológica. Trouxe com ênfase para a Arqueologia a dimensão dos significados simbólicos que variarão e se destacarão em diferentes contextos culturais. Visa resgatar o significado cultural adquirido pela cultura material que determinada sociedade produziu e utilizou. Retoma para a Arqueologia a discussão de problemas de caráter histórico derivados de propostas da Nova História. Propugna a destacada ação dos arqueólogos enquanto construtores do passado a partir de sua classe social, ideologia, cultura e gênero como pontos de partida para as perguntas que formula às evidências arqueológicas.”(REIS, 2010, p.179)

Um dos caminhos é sem dúvida o de discutir o sentido da prática arqueológica, pois essa prática não afeta apenas contextos demasiado recuados no tempo, ou mesmo não diz respeito apenas a questões acadêmicas. A função da cultura material e sua articulação com uma cultura, ou culturas, é objeto de discussão importante, uma vez que busca resgatar a materialidade de uma cultura fundamentada em dimensões e sentidos simbólicos (HODDER, 1989, p.13). Esse resgate de materialidade do simbólico, ancorado numa busca de sentido e acesso a essas informações à sociedade tem tomado bastante expressão na Arqueologia, de onde se podem cunhar termos como Arqueologia Pós-Processual, Arqueologia Histórica⁵ ou mesmo Arqueologia Pública⁶.

A Arqueologia, no decorrer de todo o século XX, sofreu inúmeras interferências, que auxiliaram suas mudanças em todo esse século. Segundo Ian Hodder, quatro questões fortemente influenciaram mudanças sociais, incluindo o âmbito da ciência arqueológica: 1) desilusão com a ciência e o progresso; 2) uma modernidade alienadora com a desumanização do mundo; 3) mudanças mundiais Pós II Guerra Mundial e 4) os interesses de grupos (nacionais, individuais, relações de poder (HODDER, 1989, pp.65-66)). Estas questões trouxeram à tona a necessidade de busca de sentido à sua prática científica e, também, de formas de utilização da Arqueologia, na qual sua prática e interpretação contextos, estruturas e linguagens.

Em *The Meaning of Things: material culture and symbolic expression*, Ian Hodder, desenvolve essas questões evocadas organizando o debate: há que analisar a estrutura e o contexto considerando as ações de leitura e escrita envoltas na prática arqueológica⁷

⁵ Define Funari: “Arqueologia Histórica” tem sido usada, em particular na América do Norte, para referir-se ao estudo de um período histórico específico, o moderno (sensu anglico, i.e. do século XV em diante, Deetz 1977), em geral nas Américas. O termo Arqueologia Histórica, com tal definição, não é usado na Europa e na Ásia, já que se entende por históricas diversas arqueologias, como a Clássica e a Egípcia, para mencionar apenas duas delas.” (FUNARI, 2010, p.1)

⁶ “Arqueologia Pública é um conceito de recente desenvolvimento, resultado das transformações no âmbito das sociedades e das ciências, nas últimas décadas. Desde o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), as diversas sociedades passaram por transformações profundas, em particular com a emergência social de grupos como as minorias étnicas e as mulheres. Os movimentos pelos direitos civis e pela emancipação feminina intensificaram essas tendências e foram seguidos por múltiplos outros, tais como a luta contra o belicismo, pela liberdade de opção sexual, pela liberdade política e social, em diferentes países. A década de 1980 viria a consolidar essas novas realidades, com o questionamento da homogeneidade social e com a luta pelo respeito e valorização da diversidade ambiental e cultural.” Conforme Editorial da Revista Arqueologia Pública, São Paulo, nº 1, 2006.

⁷ Um reflexo dessa forma de pensar a Arqueologia está ligado à *World Archaeological Congress* (WAC) que através de grupos de discussões e eventos internacionais busca uma discussão além fronteiras e produção coletiva de materiais, livros, artigos, democratizando o debate das práticas e teorias arqueológicas.

(HODDER, 1989, p.74-75). A prática arqueológica, por sua vez, como está inserida em temporalidades não deixa de refletir inquietações dessas temporalidades, como problemas e objetos de pesquisa e também relação com a sociedade, uma vez que desta surgem necessidades de explicação, mobilização política, manifestação cultural, busca e afirmação de identidades, entre outras problematizações. Assim, a interpretação e utilização que se faz a partir da evidência material, se constituem de acordo com anseios projetados pela sociedade.

Um bom argumento que pode ser trazido para ancorar essas considerações está ligado à chamada Arqueologia Pública, que remete a uma arqueologia com direta ligação com a sociedade e também função social, uma vez que se trata de uma arqueologia engajada em questões sócio-políticas, interagindo com as sociedades envolvidas em suas práticas e teorias. Trata-se de uma Arqueologia que transcende os limites da academia, evocando engajamento, empoderamento de comunidades locais, discutindo modos de uso do passado onde a imaginação arqueológica pensa as conexões entre o passado e o volátil presente (LITTLE, 2007, p.136).

Barbara Little, arqueóloga estadunidense, contribui ao pensar na Arqueologia Pública, trazendo temas como memória pública e lugares de memória, educação/conhecimento/aprendizagem, direitos humanos, história e guerras culturais, civismo e justiça, todos possuindo ligações às práticas arqueológicas. Little discute essas questões analisando a própria História dos Estados Unidos, delineando a criação de parques nacionais memoriais, ligados à História do país, as relações de identidade entre comunidades locais e cultura material, a utilização da educação/ensino/aprendizagem na utilização do passado que se deseja construir, entre interesses políticos, sociais e/ou acadêmicos.

É, portanto, essa perspectiva da Arqueologia uma aproximação com a sociedade; esta que é seu público e fomentador de questões sociais e objetos; assim a forma como a memória chega às pessoas é um exemplo importante da aproximação da ciência com a sociedade. A preservação de espaços de importância histórica, representantes de modos de vida passada de onde se busca um sentido para o passado hoje é uma mostra dessa aproximação. A História por meio de textos, a Arqueologia da cultura material, os museus com seus acervos, patrimônios tombados, são formas de laicizar o conhecimento científico criando uma memória pública acessível aos cidadãos (LITTLE, 2007, pp.138-139). O

estabelecimento de lugares de memória é uma importante ferramenta para essa ação didática de instrumentalizar o conhecimento histórico-arqueológico, não obstante, está cerceado de intencionalidades.

Desta forma, faz-se necessário ligar o sentido da teoria e prática arqueológica pensando que a Arqueologia auxilia na análise, interpretação, (re)construção e exposição do passado, junto aos seus usos, conforme Hodder e Little. Entender, portanto, os usos do passado, requer o entendimento de suas perspectivas ideológicas/manipuladoras/intencionais uma vez que a Arqueologia possui seu lado de engajamento político. Deve-se enfatizar que diante dessa racionalidade intrínseca do saber histórico, e também manifesto nos usos da Arqueologia, de sua clareza apolínea, formas e funções parecem pertencer a outro lado da ciência, a sua vivacidade dionisíaca, na qual se trata não das regras e das fundamentações, mas das formas estéticas, das intenções retóricas e do uso prático (RÜSEN, 2007, p. 9), uso este que constitui a essência desse tipo de Arqueologia.

Tais discussões tomam âmbito mundial e possuem grande expressão no Brasil. Pedro Paulo Funari representa um elo entre as discussões em torno das novas práticas arqueológicas, mormente no que diz respeito ao seu lado de engajamento. Funari, junto a diversos pesquisadores ligados ao WAC, tem articulado debates na América Latina, com temáticas locais ou globais que refletem a Arqueologia Pública, Pós-Processual, bem como as relações entre essas e a questão da História e dos Museus. Em um livro organizado com Charles Orser Junior e Solange Nunes de Oliveira Schiavetto, Funari e vários autores buscaram dar importância a temas em torno da questão da identidade, discurso e poder, que perpassam a Arqueologia, a História e a Museologia.

Tomemos aqui algumas discussões que se encontram no livro *Identities, discurso e poder: estudos da arqueologia contemporânea*, organizado por Funari e os três pesquisadores referenciados anteriormente, para problematizar os usos, sentidos, teorias e práticas arqueológicas.

No referido livro, Laurent Olivier se propõe a analisar como a arqueologia foi utilizada no 3º Reich e na França da Era Vichy. Destaca Olivier que estudos a partir da década de 1970 já permitem “mensurar a extensão da manipulação dos dados da Arqueologia em benefício de uma empresa de legitimação da política cultural e racial do nacional-socialismo” (OLIVIER, 2005, p.167). A arqueologia alemã do 3º Reich teve profundo contato com a francesa, até a vitória do Reich, o que se percebe nas correspondências entre os

pesquisadores alemães e franceses. Na arqueologia alemã houve busca da ariana ancestralidade das línguas indo-germânicas. O Período Neolítico, importante momento de desenvolvimento das culturas européias contemporâneas, caracterizando um germanocentrismo que buscava eclipsar qualquer evidência que provasse que povos indo-europeus não foram os únicos a contribuir com as origens européias, principalmente das raízes alemãs (OLIVIER, 2005, pp.168-169).

Desta forma, no contexto da arqueologia ligada ao nazismo, museus e descobrimentos eram direcionados de forma a construir uma realidade que justificasse a ideologia do Partido Nazista. Segundo Bettina Arnold é entre 1933 e 1945 que, por meio do controle das escavações, do entendimento da Alemanha Pré-Histórica, do retorno a teorias etno-históricas e da propagação de tratados eugênicos, se assenta a ideologia nazista (ARNOLD, 1990, p.464). Uma apropriação da Arqueologia para justificar uma teoria etno-política.

Considerando as perspectivas brevemente expostas, há que enfatizar, portanto, dois caminhos: 1) primeiramente, uma arqueologia para justificar nacionalismos e dominações territoriais e culturais; 2) com a arqueologia pós-processual e pública, questiona-se profundamente a prática arqueológica, numa busca de engajamento em relação a questões sociais e políticas. Queremos observar, portanto, a utilização do passado com múltiplas intencionalidades e destacar algumas possibilidades para, em seguida, inserir a egiptomania como uso do passado, ligado à História e Arqueologia, mas muito presente na vida das pessoas.

Segundo esse raciocínio, cabe mencionar por exemplo o estudo “The past as propaganda: totalitarian archaeology in Nazi Germany” no qual Bettina Arnold trabalha a forma como ideias arqueológicas foram utilizadas para construção do Estado Nazista, buscando-se no controle de escavações, na apropriação da Pré-História Europeia de forma a favorecer a evidência de etnias para origem dos alemães (ARNOLD, 1990, p.464). Assim, a construção e aplicação de teorias raciais edificou uma distorção do passado, direcionando olhares e etnias para formação de um povo alemão (ARNOLD, 1990, p.465).

De acordo com Bettina Arnold, tratou-se de uma apropriação da Pré-História com objetivo de legitimação política, onde a ancestralidade alemã era buscada em pontos comuns para fortalecer uma identidade e, obviamente, a sua utilização na construção ideológica do Partido Nacional-Socialista Alemão (ARNOLD, 1990, p.465-467). A ênfase étnica se voltava

a povos do norte e oeste da Europa, bem como a valorização da cultura greco-romana no período histórico. A ascensão da arqueologia ideológica e nazista contou com adesão de intelectuais que, incentivados ou induzidos pelos ideais do Estado trabalharam a seu favor (ARNOLD, 1990, p.472). De acordo com Arnold, portanto, a relação entre Arqueologia, usos do passado e ideologias, deve ser objeto de estudo e reflexão na prática do pesquisador, pois tal discussão evoca pensar sobre o passado, seu contexto e as suas possíveis apropriações, no próprio passado ou presente.

Com um objeto similar de investigação, Laurent Olivier, já citado anteriormente, em seu estudo, da obra dirigida por Funari, trabalha com “A arqueologia do 3º Reich e a França: notas para servir ao estudo da ‘banalidade do mal’ em arqueologia”. Na relação entre o 3º Reich e a França, cabe o destaque aos contatos estabelecidos pelos pesquisadores da Arqueologia Alemã com a francesa entre os anos de 1930 e 1940 (OLIVIER, 2005, p.168). Na correspondência entre intelectuais, fica claro o interesse em buscar a ancestralidade das línguas “índo-germânicas” sem relação a qualquer escrita semítica. Tais ideais não se manifestam apenas por cartas; manifestam-se na prática nas regiões incorporadas pela Alemanha, na França (OLIVIER, 2005, p.173-179). Assim, afirma Olivier:

“os contatos da Arqueologia nacional-socialista com a pesquisa francesa não se limitam ao período da ocupação alemã, mas se desenvolveram, ao contrário, no decênio que precede a conquista da França, principalmente depois de 1933. Na essência, esses trabalhos consistem, então, em documentar em uma perspectiva aberta por Kossina, os sítios e os vestígios materiais que são atribuídos à cultura da ‘raça’ ou do(s) ‘povo’(s) germânico(s). São sobretudo os períodos da pré-história recente que estão no jogo dessa Arqueologia étnica ou racial de característica ‘germanocentrista’, na medida em que as pesquisas têm por objeto isolar, no mais distante passado da Europa, as origens e desenvolvimento dessa germanidade ignorada pelas fontes históricas tradicionais.” (OLIVIER, 2005, p.189)

A pesquisa direcionada de campo, baseada em teorias étnicas que conferem identidade e pureza aos alemães, tem base em exclusões e distorções do passado, conforme também nos enfatizou Bettina Arnold. Tal apropriação chega ainda a um exagero quando, de acordo com Olivier, “podemos dizer que a guerra modifica o papel da Arqueologia alemã, que se torna um utensílio da geopolítica do 3º Reich e de sua política racial” (OLIVIER, 2005, p.190), quando aspectos de ideologia política se plasmam em organização e dominação territorial. Neste caminho, conclui Olivier dizendo:

“A entrada na guerra do estado nacional socialista confere um papel desmedido à Arqueologia alemã que – em seu percurso de exposição dos pretendidos fundamentos biológicos da cultura germânica – fornece, a partir de então, por sua vez, a base ‘científica’ e a justificação ideológica da política de subserviência e de ‘depuração’ racial do 3º Reich.” (OLIVIER, 2005, p.190)

Complementarmente a Arnold, Olivier chama atenção para a utilização ideológica do passado pela Arqueologia, também chegando ao fato da dominação territorial. No mesmo caminho, sobre apropriações ideológicas do passado, o trabalho de Glaydson José da Silva traz uma contribuição para o seu entendimento. Em “História Antiga e usos do passado: um estudo das apropriações da Antiguidade sob o regime de Vichy (1940-1944)” mostra como o Nazismo e o Fascismo se apropriaram da Antiguidade para sustentarem seus projetos nacionais e suas propostas políticas e de homem para o Ocidente, colocando-o no topo da civilização (SILVA, 2007, p.30).

Aponta Silva que o regime Vichy se apoiava no passado gaulês, romano e galo-romano. O autor discute como Arqueologia e História romana foram utilizadas na ocupação alemã da França e aponta ainda como Jerome Carcopino influencia a educação da França sobre sua identidade romano-gaulesa, considerando que:

“É na França de Vichy, com suas leis racistas que retiram direitos tendo como pretexto a origem dos cidadãos (...) que se inspira o F.N. [o Front National]. (...) A identidade nacional ancorada no mito gaulês permite, assim, o reencontro com o passado ideal distante e que tem na tradição gaulesa, em sua longevidade, a resposta para os dramas atuais da sociedade francesa.” (SILVA, 2007, p.178-179)

Desta forma, a obra de Glaydson Silva demonstra como se usou e abusou do passado gaulês, romano e galo-romano para sustentação de posições políticas, domínios territoriais e étnicos.

Seguindo ainda esta perspectiva de dominação nacional, ideológica e territorial, a discussão de Susan Lawrence e Nick Shephard em “Historical archaeology and colonialism”, problematiza o colonialismo e pós-colonialismo modernos. Considerando Lawrence e Shephard, respectivamente australiana e sul-africana, a ideia de colonialismo pode ser antiga,

mas suas aplicações são características modernas. O fato dos autores representarem as nacionalidades citadas já nos mostra um aspecto da arqueologia engajada, pensando sobre práticas anteriores e refletindo os contextos de seus países.

A colonização que se enfatiza no texto dos autores é a social, econômica, cultural, política e psicológica (LAWRENCE; SHEPHARD, 2006, p.69). Daí o pensamento da arqueologia histórica se desdobrar a partir da visão das culturas europeias como mais desenvolvidas em relação aos outros povos e justificava a ocupação e dominação dos mesmos (2006, p.70). Outrossim, a arqueologia histórica pós-processual traz outra perspectiva e aqui adentramos as novas reflexões sobre a prática arqueológica por meio de escavações em sítios indígenas e escravos percebem-se resistências, e não mera relação dominante/dominado (2006, p.70-71).

A essas novas perspectivas o WAC contribui em reflexão, discutindo as relações de dominação a partir de diversas fontes, novas leituras, identidades e papéis entre os sujeitos (2006, p.71). A partir dessas reflexões, temas alternativos a respeito de alteridades e suas experiências espaço-temporais podem ser percebidos via cultura material. Por meio dos olhares propostos pelos autores, observando grupos étnicos e suas relações sociais, em seus campos, do ponto de vista do colonizado, são perceptíveis formas de resistências (2006, p.73). História oral associada às escavações possibilitam opiniões mais profundas sobre as relações de poder em colônias modernas. Neste ínterim, segundo Lawrence e Shepherd, a partir de estudos em sítios coloniais é possível perceber a eclosão de temas de grande valor, como poder, identidade, resistência, etnicidade e gênero, os quais se constituem em terreno para a arqueologia histórica (2006, p.85) e, também, pública, já que de grande interesse social. A aculturação, adaptação, criação de sociedades híbridas e/ou novas, observar a experiência da colonização possibilita a contestação da ordem tradicional atribuída pelo simples olhar de quem domina (2006, p.85).

Ressaltamos, portanto, que da História e Arqueologia são feitos múltiplos usos diante de muitas intencionalidades. Na linha da matriz disciplinar de Rüsen (2001, p.35), das funções às formas de apresentação, da ciência à vida prática, o passado é objeto de apropriação e estudos.

Dentro do vasto campo dos usos do passado em perspectiva é que circunscrevemos nosso foco sobre a egiptomania. Entendemos essa, em suas manifestações, como usos do passado que carecem de reflexão, diante de sua dimensão. Por isso, afirmamos

ainda nesse capítulo que, como diz-nos Jean-Marcel Humbert (1994), a egiptomania está cheia de originalidade em suas manifestações, não sendo apenas uma mania ou avatar do exotismo, mas também possui um elo com o colonialismo que circundou a Arqueologia Egípcia (HUMBERT, 1994, p.23-24). Além disso, pode-se afirmar que não é mania porque não se manifesta instintivamente, não é um hábito estranho mas possui ligação com algum tipo de conhecimento e sentimento relacionado ao passado egípcio e não é avatar pois não se trata de transposição de imagem ou simples caricaturização ou exagero. Há que considerar as funções artísticas, culturais, políticas e até sociais dos usos que se faz do Antigo Egito (HUMBERT, 1994, p.24). Há apropriações que adaptam o passado a novas realidades, a políticas entre França e Inglaterra nos séculos XIX e XX (HUMBERT, 1994, p.27) ligadas à prática arqueológica. Utilizações didáticas e de ensino também podem ser identificadas, ou ainda criações completamente fantasiosas (HUMBERT, 1994, p.27-28). É fato, nos aponta Humbert, que a egiptomania incorpora todo um setor de nosso inconsciente coletivo e que é por isso que em cada espectador existe um elemento de cumplicidade no uso (HUMBERT, 1994, p.32).

Partindo das delimitações de Humbert é necessário ainda definir, de acordo com esta tese, o lugar do museu que estudamos em relação à egiptomania. Abordar o Museu Egípcio e Rosacruz significa também inseri-lo no campo de usos do passado. Para isto, cabe apontar o estudo de Erik Hornug, “The secret lore of Egypt: its impact on the West”, que explora as apropriações que o Ocidente fez do conhecimento esotérico dos antigos egípcios e que em parte será evidenciado no capítulo seguinte. No referido livro, Hornug dedica especial atenção à forma como a Ordem Rosacruz utiliza aspectos do Antigo Egito no tocante à egiptosofia em sua instituição. Diz Hornug que a Ordem Rosacruz faz referência a uma tradição acerca de 1500 a.C. que teria impulsionado Akhenaton a fundar uma nova religião e desse fato a Ordem retira o seu marco místico e conhecimentos iniciáticos (HORNUG, 2001, p.111-114). É clara, segundo Hornug, a ideia de que a Ordem criou sua tradição de conhecimentos místicos a partir de utilizações da sabedoria secreta do Egito a que o autor faz menção. Feitas essas considerações, devemos afirmar por fim, no presente capítulo, a importância de entendermos o interesse pelo passado como presente na vida prática das pessoas e ainda conhecimento formalizado na ciência. Tal presença manifesta-se nos diversos usos aos quais problematizamos a caminho de recortar nosso foco, ao fim, sobre a egiptomania e os usos possíveis do passado que, a partir da Ordem Rosacruz se farão presentes em seu museu. Seguindo este caminho, no capítulo seguinte elencaremos diversos

aspectos que configuram o discurso construído pela Ordem Rosacruz e é passado aos seus membros conferindo à ordem a sua áurea mística para, em seguida, entrarmos propriamente no museu, observando-o como espaço propício de se estudar a egiptomania e usos do passado.

CAPÍTULO 3 - O MUSEU EGÍPCIO E ROSACRUZ E SEU CONTEXTO

“Neste momento nasce a egiptomania. De exegeses a sonhos, de especulações a discursos obscuros, o Egito se dispersa numa falta de nitidez em que a realidade se oblitera”. (Dimitri Meeks)

Frente às definições feitas no capítulo anterior, vimos que o passado é entendido como necessário aos homens em sua orientação no tempo, na busca de sentidos e respostas às inquietações que lhes são apresentados no presente. Diante disso, o passado aparece nos estudos científicos e na vida prática como objeto de diversos usos. Utilizações ideológicas nos meios políticos, na busca de origens ou justificativas de dominação; apropriações por movimentos sociais para discussão das relações dominação/resistência; resgates, construções ou afirmações de identidades plurais; utilizações por parte de governos na execução de seus ideais, entre outras. O passado é narrado, usado, distorcido, recontado, significado e resignificado.

Entre os usos que destacamos no primeiro capítulo e justificamos no capítulo anterior, enfatizamos, por fim, a egiptomania, que é uma espécie de revivificação do Egito Antigo feita por meio do empréstimo de signos dessa civilização e novos usos que são feitos dos mesmos (HUMBERT, 1994, p.21). Tal resignificação aparece amplamente na sociedade, em todas as partes do mundo, imerso nas mais variadas formas e temas. Bakos e sua equipe de pesquisa elencaram algumas dessas formas e temas na arquitetura, artes, em brinquedos, no cinema, literatura, música e publicidade entre os mais visíveis e recorrentes (BAKOS et.al., 2012, p.243; 2004; 2008). Avançando por esses estudos, aqui vamos lançar nosso olhar a um conjunto de usos da cultura egípcia antiga, em suas apropriações, significações e ressignificações, bem como em seus desdobramentos, junto ao Museu Egípcio e Rosacruz, da cidade de Curitiba-Paraná. É importante ressaltar que o referido museu é único no Brasil pelo vínculo direto à Ordem Rosacruz, sendo importante à própria Ordem, mas, também, à sociedade, uma vez que é aberto ao público. O mesmo representa uma importante ferramenta cultural e educacional na cidade de Curitiba, fomentando interesses sobre o Egito Antigo.

No presente capítulo apresentaremos, na primeira parte, a Antiga e Mística Ordem *Rosae Crucis*, à qual o referido museu se vincula, configurando o seu contexto. Na segunda parte, iremos apresentar o museu e seu acervo para, a partir disso, definir alguns pontos sobre os usos que faz do passado e temas presentes que são estimuladores sobre o conhecimento do Antigo Egito. A pesquisa junto ao MERC desenvolveu-se entre os anos de 2010 e 2011, de

onde foram extraídas informações sobre a exposição em cartaz nesses anos e as fotos apresentadas.

3.1 AMORC: Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis

De acordo com Vítor Lins Oliveira (2009, p.8) a expressão Fraternidade Rosacruz foi publicada pela primeira vez no manifesto *Fama Fraternitatis*¹, de 1614, que traz uma espécie de narrativa do nascimento da fraternidade sob a direção do lendário personagem Christian Rosenkreutz, em Kassel, no centro-oeste do que hoje é a Alemanha. Na obra *O Iluminismo Rosacruz*, Frances A. Yates escreve sobre a importância do manifesto que a partir:

“Do grande reservatório do poder espiritual e intelectual, da visão moral e reformadora, apresentados pelos manifestos rosa-crucianos, a franco-maçonaria desviou uma corrente; outras fluíram para a Sociedade Real, para o movimento Alquímico, e em muitas outras direções”. (YATES, 1983, p.276)

Constitui desde a origem dos manifestos² o caráter místico que tornará a Ordem objeto de curiosidade e atração de público, embora em sua instituição seus ensinamentos se destinem privilegiadamente aos seus seguidores. Constrói-se um imaginário em torno das crenças rosacruzes, definindo-se o imaginário em um conjunto de imagens e relações de imagens que constituem o capital pensado do *homo sapiens*, um grande denominador no qual se encontram todas as criações do pensamento humano (DURAND, 2002, p.18). Tal imaginário se fortifica no ocidente quando a Ordem se afirma no aspecto levantado por Yates:

“O aspecto mais extraordinário do movimento rosa-cruciano é a sua insistência no advento de um iluminismo. O mundo, ao aproximar-se de seu fim, deve receber uma nova iluminação, na qual os progressos da ciência feitos na era anterior à Renascença serão imensamente expandidos. As novas descobertas são agora viáveis, uma nova era está despontando. E essa iluminação espiritual interior,

¹ Seguindo a esse manifesto surgem ainda outros dois: Confessio Fraternitatis (1615) e Casamento Alquímico de Christian Rosenkreutz (1616), considerados documentos fundadores da Ordem.

² Para uma discussão aprofundada dos manifestos sugiro leitura da dissertação: OLIVEIRA, Vítor Lins. Rosacruçianismo: História e Imaginário. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, 2009.

revelando ao homem novas possibilidades nele encerradas, ensinando-o a compreender a sua própria dignidade e superioridade, e o papel para o qual foi convidado a desempenhar no programa divino”. (YATES, 1983, p.291)

Mostra Yates um Iluminismo místico, mas com o homem em seu centro buscando sempre um desenvolvimento espiritual. Não obstante, concomitante a esse misticismo, pensadores como Francis Bacon, René Descartes e Isaac Newton tiveram grande influência do Iluminismo Rosacruz em suas obras, inseridas no progresso do século XVII³. A obra de Yates mostra, enfim, toda a efervescência em torno desse século, que criava um genuíno movimento religioso e intelectual que, com as palavras “magia” e “alquimia”, bebiam nas fontes de uma tradição hermética e mágica do Renascimento (YATES, 1983).

Segundo Yates, o termo Iluminismo em sua obra se associa à palavra rosacruz de forma completamente exclusiva, não remetendo ao conceito que geralmente é historicizado e limitado. A obra de Yates sobre o Iluminismo Rosacruz trata quase exclusivamente das primeiras décadas do século XVII, nas quais possibilita identificar um movimento que pode receber tal nome, o de iluminismo rosacruz (YATES, 1981, p.8). No sentido puramente histórico de Yates o termo rosacruz representa uma fase da história da Europa ocupando a transição entre o Renascimento e a chamada Revolução Científica do século XVII. Segundo a autora, esta é uma fase na qual a tradição hermético-cabalística do Renascimento recebe a influência de outra tradição de hermetismo, a da alquimia (YATES, 1981, p.8-9).

Mas há que dizer que não é nosso interesse aqui tratar da história da Ordem, no entanto observar esse marco inicial é fundamental para compreender a área de misticismo que a cobre, pois, na atualidade e oficialmente cabe destacar que a Ordem Rosacruz declara-se, institucionalmente, enquanto uma organização internacional de caráter místico-filosófico com o intuito de desenvolver o ser humano dentro da Cultura e Tradição Rosacruz (Site AMORC, 2009). É esta a auto-definição da Ordem, que enquanto Instituição enuncia uma autoria caracterizadora e construtora de sua própria identidade. É a ordem produtora e disseminadora de sua auto-imagem, controladora de sua própria constituição discursiva. A Ordem, em suas manifestações modernas possui variações, compartilhando conhecimentos, assim como a maçonaria. No entanto, a mais tradicional se intitula Antiga e Mística Ordem *Rosae Crucis* (AMORC), a qual busca suas origens na fusão do cristianismo primitivo com a

³ Mais detalhes sobre as referidas influências, bem como de outros pensadores, ver as obras: YATES, Frances Amelia. O Iluminismo Rosa-Cruz. São Paulo: Editora Pensamento, 1983; OLIVEIRA, Vítor Lins. Rosacruçianismo: História e Imaginário. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, 2009.

mitologia egípcia e, somando a isso, os rosacruz se dizem herdeiros de tradições antigas que remontam à alquimia medieval, ao gnosticismo, ao ocultismo, ao hermetismo no Antigo Egito, à cabala e ao neoplatonismo. A partir dessa suposta origem na Antiguidade, traz para si a Ordem um sentimento de pertencimento, tendo seu marco fundador no passado egípcio, tempo transcorrido e sinônimo de alteridade, de onde qualquer manifestação cultural/religiosa no presente é se colocar essa estranheza do tempo passado em nossa vida cotidiana.

A AMORC tem a sede mundial em Língua Inglesa em São José na Califórnia, EUA, diz ter sido fundada no Antigo Egito, e organizada pelo Faraó Amenhotep IV (também conhecido como Akhenaten), por volta de 1500 a.C.⁴ (AMORC, 2009, p.6). O que se confirma historicamente é que a Ordem foi fundada em 1915 por Harvey Spencer Lewis, nos Estados Unidos⁵.

A forma como a AMORC se apropria do passado egípcio para construir sua instituição, conferindo-lhe identidade e um campo de significações é bastante ampla e ao mesmo tempo vaga em definições e transposições de conhecimento. No entanto, é fato que o conjunto de informações escritas e visuais que a Ordem passa ao mundo vincula um conjunto de apropriações, significações e ressignificações sobre o Egito Antigo. Passemos a algumas caracterizações sobre a AMORC.

Sobre essa origem/pertencimento em relação ao Antigo Egito há que pontuar as informações que a própria ordem propaga sobre si. Em uma publicação coletiva e institucional chamada “Domínio da vida” (2009), veiculado à chamada Grande Loja da Língua Portuguesa, mas que reflete ideias internacionalmente difundidas, há cinco pontos que ressaltamos (AMORC, 2009, p.6-7):

- 1) que a AMORC remonta ao Egito Antigo de 1500 a.C., época em que grupos seletos teriam sido formados, para investigar os mistérios da vida, do homem e do universo;
- 2) que, de acordo com a tradição Rosacruz, as grandes pirâmides de Gizé, diferentemente do que afirmam os historiadores, não eram tumbas de faraós, mas sim locais de estudo e iniciação;

⁴ Ao verificar tal data no “The Oxford history of ancient Egypt”, organizado por Ian Shaw, observamos a divergência de datas para o referido faraó. Segundo Ian Shaw (p.3), a datação mais próxima de Akhenaten seria em torno de 1350 a.C. e não 1500 a.C. como divulga a AMORC.

⁵ Embora fundada nos Estados Unidos, a Ordem possui sedes mundiais divididas por idiomas, por exemplo: Grande Loja da Língua Alemã, Grande Loja da Língua Espanhola (América), Grande Loja da Língua Espanhola (Europa, África e Australásia), Grande Loja da Língua Francesa, Grande Loja da Língua Inglesa (América do Norte e Sul), Grande Loja da Língua Inglesa (Austrália, Nova Zelândia e Ásia), Grande Loja da Língua Inglesa (Europa e África), Grande Loja da Língua Portuguesa – GLP, entre outras.

3) que o faraó Tothmés III (1500-1447 a.C.)⁶ foi quem organizou a primeira fraternidade de iniciados;

4) que mais tarde, Amenhotep IV, iniciado nos estudos esotéricos, deu um sentido novo à religião, filosofia e arte do Egito e;

5) que Amenhotep IV nesse novo sentido estabeleceu Aton como símbolo de divindade única, sendo considerado pelos historiadores o primeiro monoteísta da história⁷.

A partir desses princípios, ao longo dos milênios, o que se transformaria na AMORC ecoaria na história dentro de conhecimentos místicos para iniciados. É fato que essa mística ajudaria a agigantar o interesse pelo Egito Antigo e utilizar essa imagem para sua propagação e propaganda. Neste sentido, um breve olhar acerca de alguns aspectos voltados ao interesse e uso do Antigo Egito pela AMORC merece destaque.

Em uma importante publicação de Spencer Lewis, chamada “Mansões da Alma: reencarnação da Alma na Terra”, de 1930, remete-se à relação entre mundo natural e sobrenatural, corpo físico e alma próprios da religiosidade egípcia sem, no entanto, nominar as apropriações dos conceitos da religiosidade egípcia (LEWIS, 1987, p.33-40). Não obstante, desde a reorganização da ordem por Lewis, apropriações e interesses relativos ao passado egípcio se propagariam. Em outra publicação, esta seriada, chamada “O Rosacruz”, a cada edição existem artigos/ou temas voltados a essa antiga civilização. Em apenas uma série de publicações a qual tivemos acesso foi possível identificar interesses sobre o imaginário dos antigos egípcios (LARRÉ, 2005, p.42-45), uma forte atração em relação aos textos dos sarcófagos (SIDAQUI, 2006, p.42-47), informações sobre a Música egípcia antiga (GONÇALVES, 2007, p.38-43), misticismo sobre o Antigo Egito (JÚNIOR, 2007, p.16-19; BIDON, 2008, p.22-29; CAILLAUD, 2009, p.40-43), informações sobre viagens e sentimentos relacionados a excursões feitas por membros da ordem às atrações turísticas do Egito (ROCHA, 2008, p.26-29; EGITO 2008, 2008, p.8-15), interesse específico por Tutmés III e Akhenaton (KNUTSON, 2009, p.26-29; MOTTE, 2009, p.8-13). Há, portanto, na AMORC, uma plural gama de interesses em relação ao Egito Antigo que refletem a constituição do MERC.

⁶ Ao verificar tal data no “The Oxford history of ancient Egypt”, organizado por Ian Shaw, observamos a divergência de datas para o referido faraó. Segundo Ian Shaw (p.3), a datação seria entre 1479 e 1524 a.C.

⁷ Segundo o egiptólogo Ciro Flamarion Cardoso, é inexato afirmar o monoteísmo, pois existiam pelo menos quatro formas de processos em relação ao sagrado: a monolatria, sem negar outros deuses; o henoteísmo, assimilação ou síntese de diversos deuses a favor de um; sincretismo, agregando uma ou mais divindades sob um epíteto composto e; conjunção, transformando deuses em uma super divindade momentânea. Para mais informações ver: CARDONO: Ciro Flamarion. O politeísmo dos antigos egípcios sob o Reino Novo (1530-1069 a.C.). IN: LIMA, A.C.C.; TACLA, A.B. (org.). Experiências politeístas. Cadernos do CEIA, ano 1, n.1, Niterói: CEIA/UFF, 2008, p.63-76.

Na cidade de Curitiba, estado do Paraná, no Brasil, encontra-se a Grande Loja da Língua Portuguesa, à qual se vincula o Museu Egípcio e Rosacruz. A própria sede da ordem possui uma arquitetura característica com releituras de templos e outras construções do Antigo Egito. Junto ao museu, há um complexo de prédios que já levam os visitantes a certo sentimento de grandiosidade, milenaridade, exotismo e misticismo. É no espaço em que se insere o museu que tem início a sua apresentação e eficácia discursiva junto ao visitante, pois este desde o início pode ter uma experiência minimamente contextualizada. O Complexo (Imagem 14) é composto pela Grande Loja da Língua Portuguesa, Galeria de Artes Francis Bacon, Auditório Spencer Lewis, Tradicional Ordem Martinista, Biblioteca de Alexandria e o Museu Egípcio e Rosacruz. Pelos espaços entre os prédios, há paredes com hieróglifos, reproduções de imagens sagradas e bem notadamente uma grande réplica da Pedra de Roseta⁸.



Imagem 14: Mosaico do complexo de prédios do Bosque Rosacruz. Fotos: Leandro Heck. Elementos de arquitetura e imagens inspirados no Egito Antigo.

⁸ Dá-se a esse complexo de construções o nome de “Bosque Rosacruz”.

3.2 O MERC: Museu Egípcio e Rosacruz

O Museu Egípcio e Rosacruz surgiu quando Eduardo D'Ávila Vilela⁹, artista plástico que confeccionou diversas réplicas de artefatos egípcios por causa do seu interesse pessoal, com receio de que seu trabalho fosse perdido encaminhou uma carta ao grande mestre da AMORC, Charles Veja Parucker, objetivando que fosse criado em Curitiba um espaço para receber sua coleção (SANTOS, 2013). A partir desse interesse, o acervo que estava na Loja de São Paulo foi encaminhado para o Paraná (SANTOS, 2013).

O Museu em questão (Imagem 15), ligado à AMORC, é composto por réplicas de artefatos egípcios, de tipologia variada, sendo autêntica apenas a múmia apelidada com o nome de Tothmea, datada de aproximadamente VI a V a.C. Fundado em 1990¹⁰, o museu é aberto à visitação pública, sendo possível agendamento com escolas. Sobre o museu, este declara que:

“...possui a missão de proporcionar ao seu visitante uma viagem à antiguidade egípcia, através do roteiro de suas exposições de longa duração. Ele compreende a iniciativa da Ordem Rosacruz – AMORC de contribuir para o processo educativo cultural da comunidade onde se encontra inserido...” (AMORC, 2009)

As imagens, portanto, que o museu passa são abertas a qualquer público que tenha interesse em relação ao Egito Antigo, atraindo os mais variados interesses quanto ao complexo de prédios, estrutura e acervo do museu.

⁹ Mais informações sobre o interesse do artista plástico, sua origem e produção, ver o artigo de Moacir Elias Santos, disponível em <http://www.jornalolince.com.br/2010/arquivos/recriando-egito-antigo-brasil-www.jornalolince.com.br-edicao031.pdf> com último acesso em 15/04/2013.

¹⁰ Mais informações da história do museu, ver: SANTOS, Moacir Elias. O Egito em Museus Paranaenses: possibilidades para o ensino e a pesquisa. IN: BAKOS, Margaret Marchiori et.al. Diálogos com o mundo faraônico. Rio Grande-RS: FURG, 2009, p.141-155.



Imagem 15: Fachada do MERC. (Imagens diversas, 2012). A foto retirada do site http://www.amorc.org.br/Imagens_CCA/museu.jpg no referido ano não mais se encontra disponível, pois o museu acima ilustrado foi demolido.

As réplicas em questão foram elaboradas pelos artistas plásticos Eduardo D'Ávila Vilela, Luis César Vieira Branco, Tathy Zimmermann, Christopher Zoellner, e contribuição dos artistas Moacir Elias Santos e Aylton Tomás e, intencionalmente, buscam causar no visitante a mesma impressão de que se fossem verdadeiras (AMORC, 2009). Consideraremos, neste sentido, tanto as peças enquanto réplicas quanto a múmia, formas de estimular sentimentos relacionados à egiptomania, mas também relacionadas ao conhecimento histórico.

O museu realiza exposições de longa duração, organizando seu acervo periodicamente através de temas. Após sua inauguração em 1990 ocorreram diversas composições, entre as quais podemos citar: Exposição de Inauguração (1990-1991), “Egito magia de um povo” (1992), “O Egito Faraônico, uma Eterna Presença no Presente” (1992-1993), “Egito: alvorecer da civilização” (1993-1994), “O cotidiano do povo egípcio” (1994-1996), “A arte egípcia através dos faraós e deuses” (1996-1998), “Egito: mistérios e verdades” (1998-2000), “Egito, cultura e misticismo: legado milenar imensurável” (2000-

2002), “Ecos do Antigo Egito” (2002-2004), “Do Egito para o mundo: as grandes descobertas arqueológicas” (2005-2006), “Costumes, hábitos e tradições: o cotidiano no Antigo Egito” (2006-2008) e “Divindades Egípcias: valores sociais no Antigo Egito” (2008-2011). Durante nossa pesquisa, entre os anos de 2010 e 2011, ocorria a exposição de longa duração citada por último, com o título de “Divindades Egípcias: valores sociais no Antigo Egito”, na qual aqui vamos abordar.

A experiência que se enfatiza para a visita está ligada a uma forma de narrativa, não cronológica, mas temática, conforme se vê ao passar sala a sala. Na organização dos espaços¹¹, a exposição busca destacar as crenças religiosas egípcias, mormente a perspectiva de uma religiosidade ligada ao politeísmo, *post mortem*, antropozoomorfismo, representações de deuses e do mundo sagrado, por meio das pinturas hieroglíficas e, ainda, o cotidiano da vida dos egípcios em caracteres gerais.

Ver-se-á que em cada espaço, o sentimento do exótico, do milenar, místico, mas também de tentativa de aproximação junto ao cotidiano de trabalho, festividade e fé está presente, onde a:

...síntese significativa, estruturada e estruturante das evidências empíricas que são reunidas pela pesquisa, articuladas pela interpretação, sustentadas pela argumentação e enunciadas pela narrativa que as insere no contexto mais amplo do presente prático em que se situam autor e interlocutor (MARTINS, 2002, p.18).

Por esta composição narrativa e discursiva o museu passa diversas informações e sentimentos. Mas consideramos que o público, ligado ou não à AMORC, constrói cada qual sua recepção. O enunciador organizador do discurso museológico abre fala a públicos diversos, de onde a construção da experiência pertence ao indivíduo receptor. Desta forma, a enunciação e o enunciador no museu definem seus espaços de regularidades associados às suas condições de produção/reprodução/sentido, constituindo o falante sujeito de seu discurso que se assujeita (MANGUENEAU, 1997, p.21) a si e assujeita ao visitante. Nesta perspectiva, há que pensarmos no museu, em sua exposição e no público visitante, como envolvidos em um processo próprio da história como enunciamos no primeiro capítulo. Carências, usos na vida prática, busca de sentido, apropriação do passado e consciência histórica, relação passado/presente e motivações pessoais fazem-se presentes nas vidas das pessoas.

11 Informações básicas contidas nos folhetins disponibilizados no início da visita do museu, gratuitamente.

A AMORC se apropria do passado egípcio para sua constituição simbólica e de conhecimento, a caminho de uma egiptomania que ressignifica essa antiga civilização. O museu constitui-se a partir dessas apropriações, no entanto, como é aberto ao público amplia o campo de possibilidades desse interesse sobre o Antigo Egito que se desdobra nos visitantes por meio de usos que os próprios subjetivamente fazem pela manifestação de sentimentos diversos.

Moacir Elias Santos, Thiago José Moreira e Vivian Tedardi, no capítulo “A Ordem Rosacruz e a Arquitetura Egípcia”, no livro de Bakos, comentam sobre a experiência de visitar o museu:

“Aparentemente, é como se estivéssemos dentro de uma autêntica tumba do antigo Egito. Nas paredes, uma profusão de hieróglifos e pinturas com motivos sagrados convida os visitantes do Museu Egípcio e Rosacruz, em Curitiba, a imaginar-se em uma verdadeira viagem no tempo”. (SANTOS, 2004, p.119)

Uma experiência, portanto, singular tratando-se de Brasil. O referido museu um forte exemplo de inspiração que o Antigo Egito causa nos membros da ordem, sendo uma inspiração arquitetônica que influencia muitos templos espalhados pelo mundo (SANTOS, 2004, p.119). Analisando o museu e o contexto onde ele está, Santos problematiza que:

“Se a egiptomania é a utilização de símbolos e elementos do antigo Egito, aos quais são atribuídos novos usos e significados, essas edificações da Grande Loja – bem como a sede dos organismos afiliados, espalhados pelo Brasil – constituem um exemplo claro. Os seis prédios do Bosque Rosacruz, inspirado na arquitetura egípcia, embora contenham elementos correspondentes a padrões canônicos da arte antiga, possuem também representações meramente decorativas...” (SANTOS, 2004, p.120-121)

Essa apropriação de elementos e ressignificação demonstram os usos que a AMORC faz da cultura egípcia antiga, nas feições arquitetônicas de seus prédios e imagens inspiradas em ícones do Egito Antigo. Velhos elementos com novos usos. Há, no complexo de prédios e no museu, representações hieroglíficas sem nenhuma ordem semântica, com falhas e meramente decorativas (SANTOS, 2004, p.121). A partir dessas visíveis evidências conclui Santos que:

“A reutilização de símbolos e elementos arquitetônicos do antigo Egito nas fachadas dos edifícios rosacruz ecoa, no presente, como uma espécie de reverência ao passado, que aos olhos ocidentais tornou-se sinônimo de algo grandioso e inspirador [que] contribuíram para a formação de uma imagem de mistério, um mundo mágico visível e ao mesmo tempo oculto nas areias do deserto,

no imaginário popular. E foi justamente essa imaginação um dos fatores responsáveis pelo fenômeno da egiptomania”. (SANTOS, 2004, p.123)

A partir dessas ideias, adentremos, por fim, no museu propriamente dito, buscando apreender os sentimentos dos visitantes que declinam os usos que o museu faz a partir da egiptomania.

Entre todas as peças do acervo do Museu Egípcio e Rosacruz, percebem-se pontos em comum, que dão a ele características temáticas associadas às “Divindades Egípcias: valores sociais no Antigo Egito”. Ligadas a essa temática, intuito das mensagens do museu, é construir percepções e gerados os mais variados sentimentos por parte do visitante, que podem ser pensados a partir do interesse que as pessoas têm pelo Egito Antigo.

Tal interesse se liga em parte pela egiptomania, fomentada pela atual sociedade, mas que é:

“...considerada por alguns como um produto da campanha de Napoleão Bonaparte, ao Egito, no século XVIII, fato que levou à descoberta da Pedra de Roseta e à decifração da escrita hieroglífica, por Jean François Champollion, através do estudo de suas inscrições bilíngües, possui, na verdade, raízes no mundo antigo, com ênfase, no período greco-romano. As experiências de egiptomania serviram para atizar, alimentar, renovar a ancestral chama da paixão dos ocidentais por aquilo o que, a seus olhos era fascinante: o exótico oriente antigo que, desde o século IV a.C., com a conquista do Egito por Alexandre da Macedônia despertava a curiosidade. A partir de então, pela bacia do Mediterrâneo oriental navegaram, do continente africano ao europeu, obras primas originais dos egípcios antigos que se, de um lado, construíram as coleções de peças egípcias dos museus do mundo inteiro, de outro, forneceram modelos para as práticas de egiptomania, essas também universais.” (NOBRE, 2009, p.4)

Junto a essa egiptomania, ainda há os marcos que definem em grande parte o interesse pelo Egito Antigo que, resumidamente, são a presença de arquétipos (deuses masculinos e femininos, mães, filhos, pais, fertilidade), produção de materiais ligados a essa cultura (óperas, filmes, livros bem ilustrados, documentários, artigos em revistas) e o interesse pelos mitos e diversidade de suas histórias (RICE & MacDONALD, 2003, pp.3-18). Junte-se a isso a chamada “mumiamania”, que se caracteriza como um grande interesse pelas múmias

reais e suas representações (RICE & MacDONALD, 2003) presentes em museus, filmes, entre diversos outros materiais.

Desses marcos de interesse pelo Egito, a distância no tempo e no espaço e o presente nos museus (RICE & MacDONALD, 2003, p. 87) ampliam a inclinação por essa Antiguidade, que evoca idéias como Mito e seus paradoxos existentes em suas incríveis histórias, a vida e a morte, a arqueologia, as pirâmides, os faraós, suas construções icônicas, povos perdidos em um tempo e espaços perdidos (RICE & MacDONALD, 2003, p. 88-92).

Construamos, textualmente, alguns dos principais pontos da exposição do museu que está dividida em quatro salas. Esta construção museal da exposição, por meio de recursos materiais representativos da história e arqueologia é o meio através do qual compõe sua cena enunciativa, onde os atos de enunciação, na linguagem de quem fala, o museu, e de quem ouve/vê, os visitantes, irão se materializar (MANGUENEAU, 1997, pp.29-44).

E assim se constrói a exposição “Divindades Egípcias: valores sociais no Antigo Egito”, que fotografamos e descrevemos entre 2010 e 2011: na **Primeira Sala**, encontram-se materiais que mostram a visão egípcia sobre a criação do mundo, o *post mortem* e culto a animais. Osíris (Imagem 16) que é deus associado à vegetação, fertilidade e vida após a morte, ligado a Ísis e Hórus, seu filho. Traz a felicidade e vida eterna aos seus protegidos no *post mortem* (HART, 2005, pp.114-124), onde Hórus é representado como falcão, rei dos vivos no Egito, importante símbolo de poder, principalmente aos faraós (HART, 2005, pp.70-75); Isis deusa do amor, harmonia e festividades ajudou a remontar Osíris destruído por seu irmão SETH, deusa-mãe egípcia (HART, 2005, pp. 79); Hathor, Deusa-Vaca, associada às mulheres, céu, alegria, vinho e fertilidade (HART, 2005, pp.61-65); Taueret, deusa hipopótamo, protetora da mulher e do nascimento (HART, 2005, pp.154-155); representações de hipopótamos, animais sagrados do Nilo, fruto de maravilhamento pelo historiador grego Heródoto; Sobek deus crocodilo associado aos governantes simbolizando sua mente (HART, 2005, p. 148); Bastet deusa felina filha do Deus-Sol protetora das mulheres grávidas (HART, 2005, pp.45.46); Oferendeiras da Mastaba de Ti levando oferendas ao morto para seu sustento na pós-morte; Estela Ptolomaica com representação do morto junto a divindades; Máscara e Estatueta de Anúbis ligadas a Anúbis (Imagem 17), deus chacal da morte/mumificação ligado a proteção das tumbas e (HART, 2005, pp.25-28); Tampa de Ataúde, Máscara Funerária com atributos de Ísis, Barco Funerário representando travessia para vida após a morte e Vasos Canópicos para conservação das vísceras do morto (Imagem 18).



Imagem 16: Deus Osíris (sala 1), uma das representações da fertilidade e vida após a morte. A vida após a morte é uma das características que, através de suas representações, mais fascina os visitantes de qualquer museu que contenha artefatos egípcios. Fotos de Leandro Hecko.



Imagem 17: Máscara e Estatueta de Anúbis. Outra divindade ligada à morte. Chama a atenção por sua representação de chacal e associação à mumificação. É em força de imagem mais atrativa que as representações de Osíris, uma vez que nesta réplica mostra suas feições antrozoomórficas, elemento que seduz aos visitantes. Fotos: Leandro Hecko.

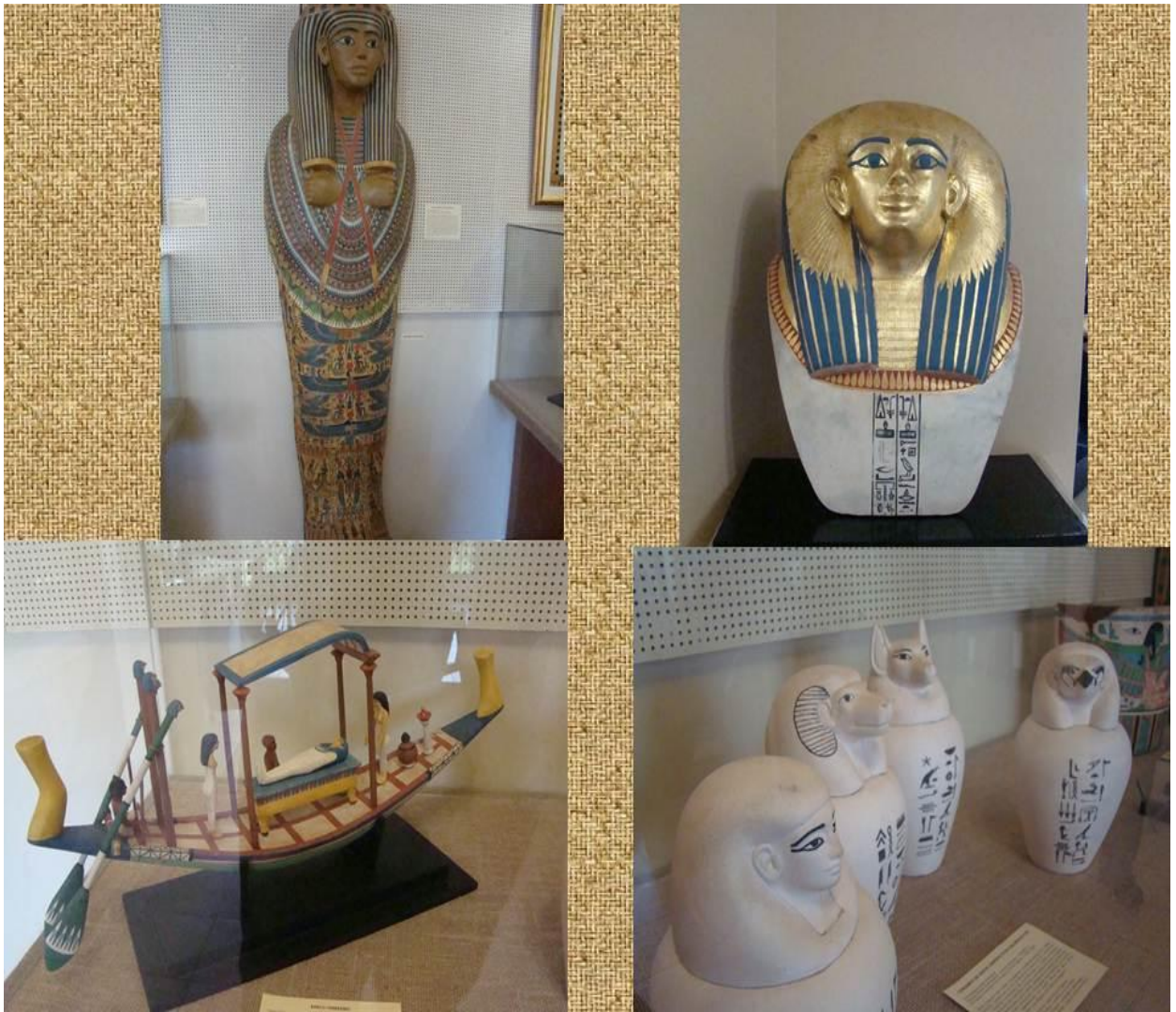


Imagem 18: Tapa de Ataúde, Máscara Funerária com atributos de Ísis, Vasos Canópicos e Barco Funerário (Da esquerda para direita, em sentido horário). Guardar o morto, de forma adornada, proteger suas vísceras e pensar numa travessia para outro mundo. Funções das representações destas peças, que no todo da primeira sala ilustram a visão Egípcia da morte e *post mortem* dos egípcios antigos. Fotos: Leandro Hecko.

Na **Segunda Sala**, uma exposição relacionada a quatro divindades: Hápi, Toth, Imhotep e Háthor. Hápi que representa a fertilidade através da inundação anual do Nilo (HART, 2005, p. 61). Toth, deus lunar, associado aos escribas, podendo ser representado como o pássaro Íbis ou ainda um Babuíno (HART, 2005, pp.156-159). Imhotep, arquiteto egípcio deificado e cultuado (HART, 2005, pp.78-79). Háthor, já descrita anteriormente. Ainda se detém a aspectos geográficos, artísticos, cotidiano, festividades, culto aos deuses e ainda há uma réplica da Pedra de Roseta (Figura 8), contendo escritos em hieróglifos, egípcio demótico e grego, decifrada por Jean-François Champollion (Imagem 19) e Thomas Young entre 1822-23. Há também uma maquete Pirâmides de Gizé (Khufu, Khafre e Menkaure) e uma Estátua de Osíris com lugar especial em uma mini-câmara.



Imagem 19: Pedra de Roseta e Jean-François Champollion. A pedra e seu descobridor/decifrador remetem ao grande interesse pelo Egito Antigo na França do Século XIX, junto às incursões de Bonaparte no Egito. Fotos: Leandro Hecko.

Na **Terceira Sala**, a ênfase recai sobre o faraó, soberano com poder legitimado pelo deus Hórus, bem como a relação entre prática social e religiosidade. A Estela de Djert,

faraó que expõe na estela a proteção divina. A Esfinge da Rainha Faraó Hatshepshut¹² (Imagem 20) que foi uma esposa real e faraó da XIII Dinastia do Império Novo. Busto de Nefertiti (Imagem 20) esposa principal do faraó Amen-hotep IV, mais conhecido como Akhenaton. Tutakhamon emergindo de uma flor de Lótus, faraó do Antigo Egito que faleceu ainda na adolescência sendo provavelmente filho e genro de Akhenaton. Estatueta de Akhenaton, cujo nome inicial foi Amen-hotep IV (ou, na versão helenizada, Amenófis IV), foi um grande faraó da XVIII Dinastia egípcia. Akhenaton é também, segundo a AMORC um fundador de seu misticismo. Máscara Mortuária de Tutakhamon, cuja original chama atenção pelo fato de ser em ouro. Por fim, nesta sala, uma contextualização como introdução ao Projeto Tothmea (Imagem 21), que conta a história de como a múmia apelidada de Tothmea chegou ao museu, bem como curiosidades sobre a mesma (SANTOS, 2009).



Imagem 20: Esfinge da Rainha Faraó Hatshepshut e Busto de Nefertiti. Duas representações de poder, e beleza, respectivamente, ícones das mulheres como sujeitos históricos e grandes personagens da História.

12 Breves dados biográficos/históricos foram retirados de: RICC, Michael. Who's Who's in Ancient Egypt; BUNSON, Margaret R. Encyclopedia of Ancient Egypt; BIERBRIER, Morris L. Historical Dictionary of Ancient Egypt; SHAW, Ian. Ancient Egypt: a very short introduction; site: <http://www.reshafim.org.il/ad/egypt/dynasties.htm>

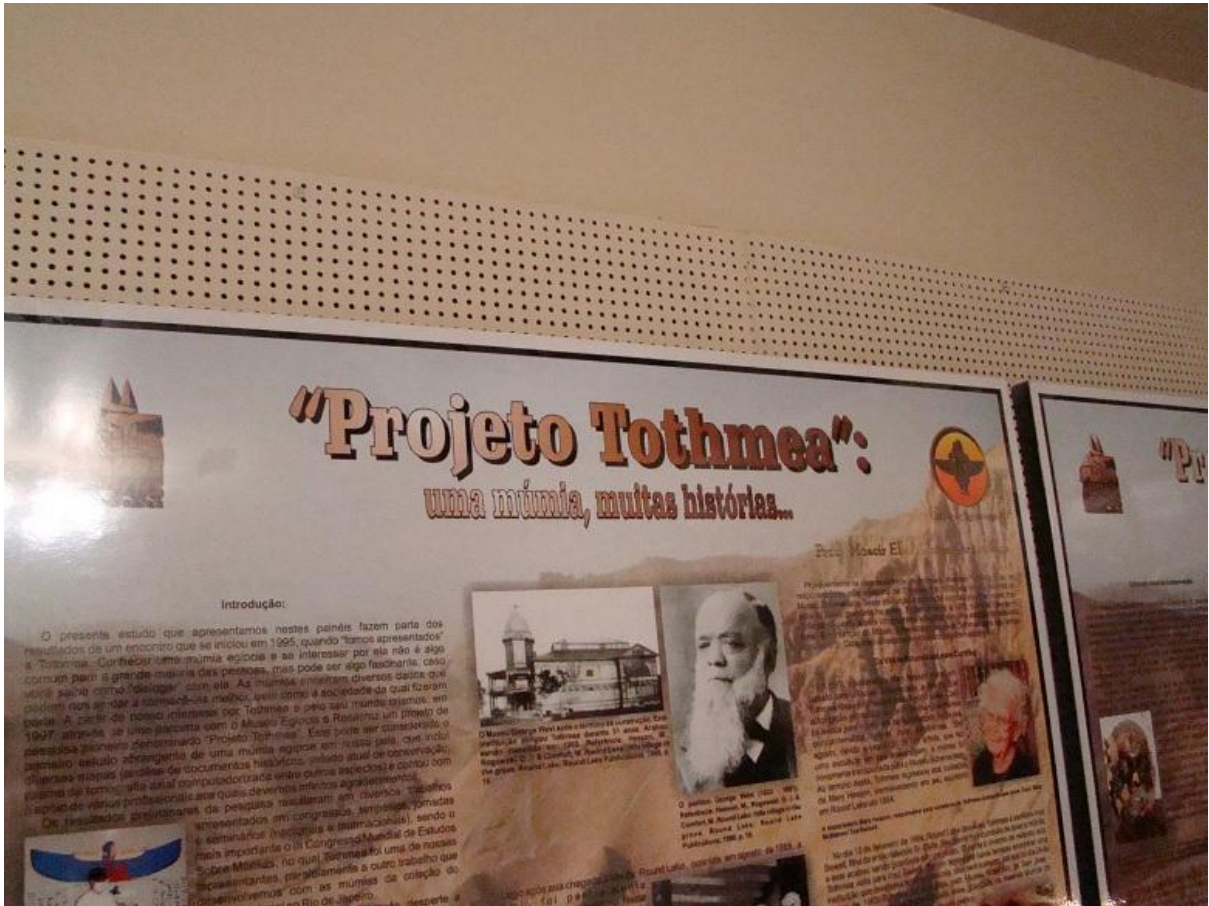


Imagem 21: Projeto Tothmea. Foto: Leandro Hecko. Mais fotos da sala da múmia não foram tiradas por não haver permissão.

A **Quarta Sala** é uma câmara mortuária, precedida por uma ante-câmara (Imagens 22 e 23), preenchida apenas por hieróglifos e imagens nas paredes, caracterizando um espaço funerário sucedido pela câmara onde se encontra conservada a múmia de Tothmea (Imagens 24 e 25). Há destaque à múmia devido ao fato dela ser a única peça autêntica do museu.



Imagem 22: Visão geral da Antecâmara (Imagens Antecâmara Tothmea, 2012). A imagem foi coletada do site http://www.amorc.org.br/museu_egipcio/tothmea.html e não se encontra mais disponível, já que o mesmo passa por reformulações.



Imagem 23: Detalhe Antecâmara (Imagens Antecâmara Tothmea, 2012). A imagem foi coletada do site http://www.amorc.org.br/museu_egipcio/tothmea.html e não se encontra mais disponível, já que o mesmo passa por reformulações.



Imagem 24: Sarcófago Tothmea. (Imagens Tothmea, 2012). A imagem foi coletada do site http://www.amorc.org.br/museu_egipcio/tothmea.html e não se encontra mais disponível, já que o mesmo passa por reformulações.



Imagem 25: Face de Tothmea. (Imagens Tothmea, 2012). A imagem foi coletada do site http://www.amorc.org.br/museu_egipcio/tothmea.html e não se encontra mais disponível, já que o mesmo passa por reformulações.

Observando a composição do acervo do museu, podemos apreender as mensagens que as peças passam aos visitantes. Além de sua importância didática histórica geral, são de importância para a História da Ordem e têm um significado aos seus membros. Não obstante,

as mensagens ultrapassam qualquer significado ou comunicado tendencioso aos conhecimentos rosacruz, uma vez que abordam questões arqueológicas e históricas, criando uma didática própria do museu inerente à materialização do passado aos observadores do presente.

Neste sentido, a Ordem Rosacruz que constrói seu discurso institucional, com a autoridade de quem evoca sua origem no Egito Antigo, faz mais que isso: dá a todos os visitantes a possibilidade de, subjetivamente, cada qual experimentar o passado da civilização Egípcia, evocando para isso a mitologia egípcia, a Arqueologia e a História. Observando o acervo, é possível contornar as seguintes problemáticas: o recorte de grandes deuses da mitologia egípcia muito evidenciados junto ao público leigo (Isis, Osíris, Hórus); o recorte de grandes personagens históricas no Egito Antigo (Akhenaton, Imhotep, Hatshepshut, Nefertiti, Tutankhamon); a tentativa de aproximação do cotidiano de trabalho (agricultura, sobrevivência, escrita, clima, natureza); a crença no pós-morte (múmias, Osíris, embalsamamento, Anúbis); politeísmo; antropozoomorfismo (Bastet, Sobek, Hathor, Thot); grandiosidade (construções de forma geral, pirâmides, templos, esfinges); riqueza (mascara de Tutankhamon, joias, amuletos, peitorais); milenaridade/eternidade (pela sobrevivência de tantos resquícios arqueológicos e contínuo interesse ainda existente pela cultura); Arqueologia e História do Egito (informações básicas contidas nos folhetins, fichas de catálogo das peças, banners distribuídos pelo espaço); pesquisa arqueológica e histórica (pelos banners, projeto Tothmea, fichas de catálogo, Pedra de Roseta associada ao quadro de Champollion); sacralidade (pelos deuses, culto aos deuses e mortos, crença no pós-morte, templos); maravilhoso (diante do exotismo dos deuses com forma de animais, da mumificação, da grandiosidade e significação do Egito Antigo na História da Humanidade).

Por fim, cabe ressaltar que o acervo ao levar um conjunto de temas declinados do Antigo Egito, desperta nas pessoas, baseados nas experiências e conhecimentos que trazem consigo um conjunto de sentimentos. São esses sentimentos identificáveis por meio do acervo do MERC e suas impressões nos visitantes. É neste espaço, portanto, que observamos os aspectos já anteriormente levantados: primeiramente a egiptomania fazendo o Antigo Egito presente, com destaque à sua presença no Brasil; em segundo lugar, a egiptomania observada como um ponto comum ser um objeto de estudos de um lado, que, por outro faz-se presente na vida das pessoas no amplo campo de usos do passado que são feitos; em terceiro lugar, os dois itens anteriores presentes na Ordem Rosacruz e no MERC como elementos suscitadores de diversos olhares e sentimentos em relação ao Egito Antigo, conforme observaremos no capítulo seguinte.

4 – A EGIPTOMANIA E OS SENTIMENTOS: OLHARES SOBRE O PÚBLICO VISITANTE DO MERC E SUAS SENSIBILIDADES

“Disse até aqui o que vi e o que consegui saber por mim mesmo em minhas pesquisas. Falarei agora do país, baseado no que me disseram os Egípcios, acrescentando à minha narrativa o que tive ocasião de observar com meus próprios olhos.” (Heródoto de Halicarnasso, II, 49)¹

Até aqui afirmamos que a egiptomania chegou ao Brasil no século XIX, sendo ela conceituada como um conjunto de ressignificações e apropriações de aspectos da cultura egípcia antiga por meio de diversos usos. Pensamos a egiptomania no campo dos usos do passado demonstrando que os mesmos existem a partir de múltiplos interesses, pessoais e/ou institucionais, de forma que sejam respondidas às carências de orientação no tempo dentro dos contextos em que são feitos. Mostramos, em seguida, que a Ordem Rosacruz se apropria de elementos da cultura do Egito Antigo dando forma às suas tradições e isso aparece no Museu Egípcio e Rosacruz que divulga e atrai pessoas de diversas origens que se interessam de alguma forma pela antiguidade egípcia. Diante de tudo isso, cabe aqui observarmos a forma como as pessoas manifestam interesses que já são ressignificações ou apropriações daquela cultura antiga.

Foi necessário conhecer e nos contextualizar em relação ao espaço e ao público observando preliminarmente aspectos que serviriam para delimitar a forma de ação e como chegar ao conhecimento do público e informações destes em relação ao acervo. As informações coletadas correspondem a um recorte temporal (2010 a 2011) no qual fotografamos a exposição “Divindades Egípcias: valores sociais no Antigo Egito” e elaboramos e aplicamos os questionários de levantamento de dados. Após este momento, procedendo a análise, optamos por limitar o público a analisar, buscando observar uma faixa etária na qual as pessoas já tivessem passado por suas fases escolares da Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio). Neste ínterim, há que compreender que adentrar nas inquietações que as pessoas manifestam acerca do MERC, esquadrinhando seus sentimentos, ideias e formas de interesses é tarefa complexa. Mas para apreender os usos que são feitos no campo das subjetividades das apropriações sobre o acervo de réplicas egípcias e da múmia é um desafio imprescindível. Neste caminho, foram feitos alguns procedimentos para descortinar o espaço do museu e interagir com os visitantes.

¹ Na versão: HERÓDOTO. História. Tradução de J. Brito Broca. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

Atentando para o fato de que esta pesquisa trata do MERC e buscando perceber os sentimentos suscitados por tal museu, enquanto característico histórico arqueológico e ainda a forma como a relação expografia/recepção/narrativa/memória culmina em sentimentos nessa relação com Egito Antigo, compondo um quadro de experiências histórico-museológicas, discutiremos dois pontos metodológicos fundamentais:

- 1) A questão da dimensão de análise;
- 2) A questão das fontes e metodologia.

Sobre a dimensão da análise, ressaltamos que abordamos um museu específico e o discutimos a partir da percepção de um conjunto de pessoas que responderam questionários. Tal abordagem colocou esta pesquisa em uma escala reduzida, não obstante, com a possibilidade de ver e entender conceitos importantes na reflexão sobre egiptomania: os muitos museus brasileiros, museus maiores, públicos maiores e contextos outros da vida prática, uma ampla discussão sobre narrativa e memória expressas num museu histórico arqueológico.

A partir da discussão sobre a constituição desta pesquisa, há que definir e circundar quais tipos de fontes o acervo do museu oferece e a percepção do visitante em relação ao museu por meio de questionários.

Levando em consideração essas duas inquietações, objetivamos discuti-las à luz de sua dimensão de análise, bem como da constituição de questionários investigativos a partir de informações quantitativas e qualitativas, conforme exposto nas divisões do presente capítulo.

4.1 Sobre a dimensão de análise

Pensando sobre investigações no contexto de museus há que considerar uma série de informações. Em 2004, Myrian Sepúlveda dos Santos (p.54) diagnosticava uma situação preocupante ao dizer que:

“Apesar de mais de 80% dos museus brasileiros serem ainda instituições públicas, nós não encontramos na esfera governamental, no âmbito municipal, estadual ou federal, nem levantamento de dados sobre os museus existentes, nem estudos ou avaliações sobre as práticas desenvolvidas por eles”. (SANTOS, 2004, p.54)

Ainda hoje, este dado e crítica de 2004 podem suavemente reverberar, sendo um pressuposto para se estudar públicos e museus com diferentes objetivos, sejam políticas de gestão ou pesquisas acadêmicas. Não obstante, em 2009, o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, sancionou em 20 de janeiro, a Lei nº 11.906, que cria o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), entendido como uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura, para coordenar a Política Nacional de Museus (MINC, 2010). O IBRAM, após sua criação, iniciou uma ação que já aponta dados importantes para se perceber a quantidade de museus existentes no Brasil, sua distribuição, visitação, entre outros aspectos.

O Brasil, segundo levantamento do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) com base em 2008, tem mais de 3000 museus (IBRAM, 2011, p.27)². Um campo muito grande para pesquisa, uma vez que os museus ligados à História e Arqueologia somam quantidade considerável. Diante desse número, não se pode deixar de enfatizar a importância de pensar os espaços dos museus, quanto aos seus contextos, entre os acervos e públicos. A necessidade de pensar sobre essas instituições assenta-se no fato de que são administradas, no âmbito público ou privado, e cada vez mais assumem um papel social importante, sendo espaço privilegiado para se perceber ideias, formas e usos que as pessoas fazem do passado. Percebam-se os dados e a dimensão da presença dos museus no Brasil, por meio das Imagens 26 e 27:

² Mais dados sobre museus, regiões e outras estatísticas podem ser encontrados em *Museus em Números/Instituto Brasileiro de Museus Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.*

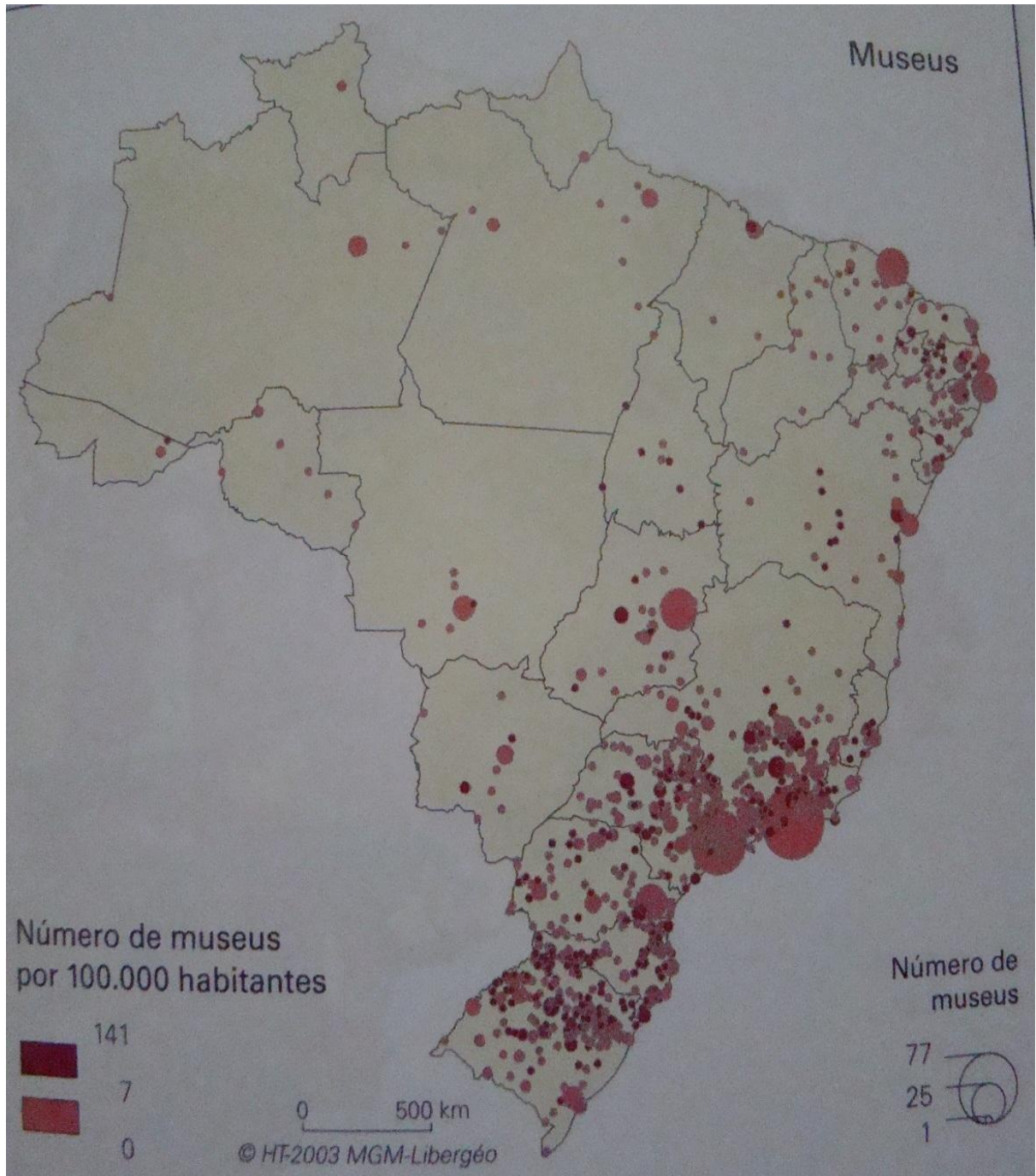


Imagem 26: Distribuição territorial dos museus no Brasil (THÉRY & MELLO, 2009, p.187).

Distribuição – Número de museus por Unidade Federativa		
1	São Paulo	410
2	Rio Grande do Sul	358
3	Minas Gerais	308
4	Rio de Janeiro	194
5	Santa Catarina	182
6	Paraná	175
7	Bahia	143
8	Ceará	108
9	Pernambuco	84
10	Distrito Federal	57
11	Alagoas	54
12	Rio Grande do Norte	52
13	Espirito Santo	52
14	Goiás	51
15	Mato Grosso do Sul	44
16	Pará	39
17	Paraíba	37
18	Amazonas	26
19	Sergipe	20
20	Mato Grosso	20
21	Acre	19
22	Piauí	18
23	Maranhão	16
24	Rondônia	10
25	Tocantins	8
26	Amapá	8
27	Roraima	3

Fonte: DEMU/PHAN. Elaboração Minc

Imagem 27: Museus por Unidade Federativa (MINC, 2009, p.74).

A partir das informações acima, verifica-se a grande quantidade de museus e sua distribuição pelo território nacional, sendo que as áreas de maior concentração estão nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste. Tais dados se devem ao fato de que a presença dos museus nos estados está correlacionada ao seu tamanho geográfico e populacional e às influências históricas (MINC, 2009, p.74). Essa projeção em mapa e tabela dos dados sobre os museus existentes em nosso país ajuda a dimensionar a amplitude do trabalho aos que pretendem estudar temas relacionados aos museus.

Feita essa demonstração da dimensão do campo dos museus brasileiros, afirma-se que neste íterim, um estudo aprofundado que buscasse qualquer objeto em âmbito nacional ou estadual, tornar-se-ia inviável. Como em qualquer estudo, há necessidade de dimensionar o que se pretende pesquisar delimitando a escala de observação de forma em que o micro contenha informações do macro e vice-versa. Essa é uma prática comum em estudos de acervos de museus, públicos e pesquisas históricas³.

3 Vejam-se os estudos: ALMEIDA, A.M. A relação do público com o Museu do Instituto Butantã: análise da

Desta forma, pensando no encaminhamento para possíveis recortes percorrendo os seguintes passos: 1) delimitamos os objetivos ao trabalhar com museus histórico-arqueológicos, ou seja, que contenham objetos históricos e de cultura material⁴ pensada pela arqueologia (MENESES, 2005); 2) voltamos o olhar para museus histórico-arqueológicos sobre a Antiguidade; 3) por fim, definiu-se como foco os museus histórico-arqueológicos sobre a Antiguidade Egípcia.

Seguindo esses passos, nosso universo de museus para trabalhar já diminuiu, restando o acervo do Museu Nacional no Rio de Janeiro, o do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, a Coleção Pietro Maria Bardi no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, a coleção de Eva Klabin Rapaport no Rio de Janeiro e o acervo do Museu Mariano Procópio em Juiz de Fora, Minas Gerais (BRANCAGLION JR., 2004, p.29-42). Consideramos, na cidade de Curitiba, o chamado Museu Egípcio e Rosacruz, que possui réplicas de artefatos egípcios antigos e uma múmia autêntica em seu acervo, que também se colocou como uma possibilidade de trabalho. Neste contexto, pensamos o último museu, também pela mística em torno da Ordem, conforme pontuamos no capítulo anterior e, somado a isso, o fato dele estar associado à Grande Loja da Língua Portuguesa, ou seja, ser uma referência entre os países desse idioma. Esses fatores ampliam a importância do museu para o Brasil, bem como reforçam a necessidade de que o mesmo sirva de base para pesquisas relacionadas às nossas temáticas.

E, elencados esses museus, embora já diminuto o recorte, as distâncias espaciais e dificuldades de mobilidade e aplicação de uma pesquisa nesses museus apresentaria grandes dificuldades. Fez-se necessário aprimorar o recorte partindo das questões que se deseja explorar, para averiguar que outras possibilidades existiriam. Tendo em mente um museu que apresentasse um acervo de antiguidades egípcias, colocamos então algumas questões: por que as pessoas visitam esse tipo de museu? Que sentimentos estão presentes ou se desenvolvem em uma visita a um museu com antiguidades egípcias? Que relação tais sentimentos têm com a percepção e usos do passado desses visitantes?

Feitas essas definições, argumentamos que no tocante à historiografia e em consonância com esta pesquisa, a forma de se dimensionar e abordar o objeto são bastante discutidas no campo da chamada micro-história, que ao definir o segmento da micro-história

exposição 'Na natureza não existem vilões'. Dissertação de Mestrado. USP, 1995; ALMEIDA, A.M. História nos museus de História e Ciência: o que o público espera. ANPUH/SP-UNICAMP, Campinas, 2004, cd-rom; DEGELO, Maria Ivone. O público de museu: um pequeno diagnóstico. Revista Eletrônica do Coletivo Estudos de Estética. Jan, 2009, n.1

⁴ Mesmo considerando o caso do MERC, com acervo de réplicas e única peça autêntica.

diz que se trata de uma redução da escala de análise usando um microscópio (LEVI, 1993, p.17). Edoardo Grendi, ao pensar sobre o surgimento desse tipo de enfoque histórico afirma que:

“O 'discurso micro-histórico' que começou a circular de modo informal no meado da década de 70 insere-se conscientemente numa evolução temática própria da historiografia italiana, frente à qual ele se situava: aprofundava o diagnóstico oferecido sobre a evolução em curso com a proposição, inovadora, de uma mudança radical da escala de observação” (GRENDI, 1998, p.252)

Além disso, para o historiador italiano, a micro-história e sua micro-análise surgiriam como uma história social mais elaborada (GRENDI, 1998, p.258), já que o objeto diante do tempo e espaço continua a ter valor social em grande e/ou pequena escala.

Conforme o mapa e a tabela relacionados anteriormente, tem-se a visão da totalidade das instituições denominadas museus no país, e para um estudo que busque especificidades sobre acervo, público e implicações históricas relacionadas à recepção museal, fez-se necessário diminuir a escala de análise, circundando museus histórico-arqueológicos, ligados à Antiguidade, Antiguidade Egípcia e, por fim, às questões que poderiam ser projetadas, de onde se definiu como espaço de trabalho o Museu Egípcio e Rosacruz de Curitiba. A título de exemplo, quanto à questão da micro-história e da redução da escala de análise, em um célebre estudo sobre um povoado e o mercado de terras, em A herança imaterial, Giovanni Levi enfatiza que:

“Eu tratei de ver certas coisas, e em particular o mercado da terra, por exemplo, estudados ao nível local, ao nível micro, estudados com o microscópio, podiam nos revelar os mecanismos que em uma escala maior não conseguiríamos ver.” (LEVI, 1993, p.17)⁵

Busca-se, segundo Levi, uma escala reduzida como um laboratório, de onde problemas gerais podem ser deduzidos, discutidos e analisados (1993, p.17-18). A valorização no objeto visto em escala reduzida não desqualifica considerações generalizantes para uma macro-análise, pois uma é dependente da outra. Assim como não seria possível a Levi o estudo do mercado de terra em um amplo contexto, a mim não seria o do museu no amplo contexto brasileiro. Não obstante, as questões propostas podem transitar do micro ao macro e vice-versa, uma vez que são ligadas ao conhecimento histórico de forma geral. Trata-se de um olhar micro, junto ao museu escolhido, mas com questões de grande dimensão e que refletem

⁵ Tradução livre.

problemas que poderiam ser explorados em quaisquer outros espaços.

E amparados na perspectiva da micro-história como um olhar em escala diferenciada na pesquisa, resguardando seu valor maior, vimos nesta investigação uma aproximação teórica justificadora ao se escolher um único museu para análise, um único acervo e o público visitante de apenas uma instituição. Neste contexto, vale dizer que:

“Repensar a micro-história', hoje, é fazer a sua história, e parece-me insuficiente, nesse sentido, reduzi-la apenas ao movimento da historiografia geral, sem levar em conta o contexto italiano, a história dos micro-historiadores. Quanto ao mais, parece-me evidente que a prática micro-histórica é hoje uma das mais vivas e uma das mais fecundas do ponto de vista analítico: a escolha essencial de uma escala de observação se baseia na convicção central de que ela oferece a possibilidade de enriquecer as significações dos processos históricos por meio de uma renovação radical das categorias interpretativas e de sua verificação experimental.” (GRENDI, 1998, p.262)

E entendemos o repensar a micro-histórica, aqui num uso metodologicamente adotado, como uma provocação a também repensar os objetos históricos relacionados a museus, ou mesmo os objetos históricos inseridos no campo dos usos do passado, ou ainda no amplo e profícuo diálogo com a Arqueologia. É necessário, portanto, abrir margem a que novos e pequenos horizontes de análise sejam considerados pela História, em uma visão em escala reduzida num diálogo com o todo.

Cabe destacar neste sentido que toda pesquisa histórica objetiva responder a questionamentos propostos pelo investigador ou ainda levantar mais questões. As perguntas podem ser suscitadas pela leitura dos documentos ou ainda a partir de inquietações desprendidas destas, que serão constituídas após as perguntas. O caso desta pesquisa insere-se na segunda relação com as fontes.

O museu, configurado como espaço privilegiado de narrativas e memórias, é lugar para se discutir como a sociedade que constitui o público visitante apreende/interage/compreende conceitos históricos associados ao tipo de acervo/museu, significando e ressignificando o passado. E neste espaço, percebemos o conhecimento sobre o passado publicizado em ligação direta com a sociedade possibilitando conexões entre o passado e o volátil presente (LITTLE, 2007, p.136). História e Arqueologia utilizando formas de laicizar o conhecimento de forma acessível aos cidadãos (LITTLE, 2007, p.138-139). É a partir do conhecimento exposto no museu que o público interage, consome, ressignifica e faz

usos do passado a partir de seus interesses. Neste sentido, há dois lados a serem percebidos como ponto de partida na reflexão sobre museus como o MERC: o do museu e o do seu público. Para tanto, tem-se uma ação transdisciplinar: parte-se de uma investigação ligada à História, diante de um museu histórico-arqueológico com forte presença de réplicas organizado dentro do espaço de um museu.

Neste contexto, as fontes a serem trabalhadas devem possibilitar reflexões amplas, enfocando heterodoxamente aspectos passíveis de discussão em todos os níveis. No espaço do museu, abordar a História Egípcia a partir das fontes escritas, iconográficas e de cultura material seria restringir o alcance do que se pretende em relação ao público. Ao abordar apenas a cultura material, o foco se voltaria às reflexões sobre a significação das peças em exposição e seus contextos na cultura egípcia antiga. Voltar-se diretamente ao público, seria destituir as representações elencadas na interação entre a História e a cultura material apresentada na exposição. Desta forma, para resolver esse problema considerou-se os dois lados a serem percebidos como ponto de partida na reflexão sobre museus históricos arqueológicos: o do museu e o do seu público.

O museu, neste ínterim, deve ser entendido como uma instituição que congrega exposição de diversas fontes históricas em um espaço de preservação réplicas em que, pela organização, mostra intencionalidades. E é em tal espaço que a visita ao museu “deixa de ser um deslocamento casual estimulado pela singularidade dos objetos materiais expostos” (SANTOS, 2006, p.7). O que move a organização do museu não está nos seus objetos exclusivamente, mas também o público uma vez que o interesse na exposição: “passa a ser um movimento obsessivamente guiado pela necessidade de se transmitir ao maior número de visitantes e no menor tempo possível mensagens imediatamente apreensíveis sobre o passado histórico” (SANTOS, 2006, p.7).

Seguindo este caminho considerou-se o acervo na forma como está organizado enquanto uma narrativa⁶, entendendo que:

“Os estudos de público e as avaliações de exposições em museus consideram o visitante um participante ativo da relação museal. Por meio de observação, entrevistas, questionários, depoimentos e conversas telefônicas, esses estudos nos trazem 'a voz' do visitante” (ALMEIDA, 2005, p.32)

⁶ Aqui considera-se com Myrian Sepúlveda dos Santos que ainda são poucos os historiadores que se preocupam em analisar a escrita da história em contextos não-acadêmicos, dentre os quais, a relação museu/público configura um tipo (SANTOS, 2006, p.10)

Pensar historicamente o acervo significa, portanto, associar a essa reflexão o público para o qual está voltado o acervo do museu, sendo cada vez mais importante explorar os conhecimentos prévios, os desejos e necessidades do visitante receptor (ALMEIDA, 2005, p.32). Os objetivos afetivos cognitivos (MILES, 1989, p. 153), as motivações dos visitantes, a relação contexto pessoal/contexto físico/contexto sociocultural em uma experiência interativa (FALK & DIERKING, 1992, p.5; CURY, 2005, p.371) compõem junto ao acervo objeto de investigação da Museologia contemporânea.

Diante dessa questão, faz-se necessário o contraponto de que para a História consideram-se fontes os materiais que utilizamos para reconstruir o passado (ROJAS, 2008, p.51) ou, ampliando as concepções: “todo aquele material, instrumento ou ferramenta, símbolo ou discurso intelectual, que procede da criatividade humana, através do qual se pode inferir algo acerca de uma determinada situação social no tempo” (ARÓSTEGUI, 2006, p. 491).

Neste contexto, é interesse ampliar essa ideia ao pensar no caso dos museus e seus visitantes: para reflexão histórica que materiais poderiam ser utilizados como fontes de pesquisa?

Se considerar como fontes apenas aquilo que vem do passado representando distanciamento em relação ao presente, seria complicado entender, por exemplo, apropriações do tempo presente sobre o passado, significações políticas ou culturais de acontecimentos passados, (re) leituras de temas e análises sobre os usos que se faz do passado. Em História⁷ e Arqueologia⁸, discussões sobre usos do passado são muito importantes e tratam também de problematizar e/ou atribuir a importância/sentido dessas disciplinas na contemporaneidade, dentre outras questões. Um trabalho que assente em aspectos de teoria da História, como é o caso de nossa pesquisa, diante de concepções restritivas de fontes se tornaria inviável.

Há, portanto, que construir caminhos e nesse sentido, ao questionar-nos sobre que fontes utilizaríamos em relação aos problemas que se tem, afirma-se que as fontes se constroem a partir do momento que se tem perguntas que a validam e partir da relação entre questões e possíveis respostas. É necessário ter um conjunto de questionamentos para se pensar e validar as fontes, mas estas podem sugerir outras perguntas. E sobre a especificidade do nosso objeto há que considerar que é presente, abordando pessoas vivas, por meio de um instrumento conceitual e de identificação. Desta forma, pretendeu-se chegar às informações

7 Como exemplo da disciplina de História, ver o estudo de Myrian Sepúlveda dos Santos sobre o uso do passado em um contexto de museus, configurando diferentes formas de composição narrativa, em A escrita do passado em museus históricos, conforme nossas referências bibliográficas.

8 Como exemplo no âmbito da Arqueologia, ver o estudo de Martin Bernal (1987).

desejadas utilizando uma ferramenta que interagisse com os visitantes. Entendemos, portanto, segundo Levi, que “Os documentos são o lugar do experimento” (1993, p.19) e, neste sentido, “tem que se deixar que o próprio documento sugira as perguntas” (1993, p.19)⁹. Parte-se, assim, de perguntas pré-concebidas para as fontes a serem construídas, sem impedir que perguntas sejam suscitadas a partir do momento em que as fontes estejam elaboradas.

Como anunciamos anteriormente, pensando no museu e no público, a fonte que corresponde são os questionários. Mais comuns em estudos de Museologia ou em Educação Histórica, os questionários possibilitam perceber uma miríade de questões ligadas à especificidade temática que se pesquisa. Neste caminho, observamos o estudo da pesquisadora Raquel dos Santos Funari que tratou de entender como as imagens sobre o Egito Antigo começavam a se construir junto a alunos do Ensino Fundamental e, para isso, utilizou questionários, problematizando:

“Teria sentido o uso de questionários para uma análise qualitativa? No contexto das reflexões epistemológicas contemporâneas, que enfatizam a construção dos dados e dos discursos históricos, teria ainda sentido o levantamento de informações?” (FUNARI, 2004, p.21)

Pensamos tal questão da mesma forma como Raquel dos Santos Funari problematizou sua pesquisa buscando compreender aspectos sobre o Egito Antigo no ensino de História, a caminho da construção de suas fontes e busca de informações. Entendemos no problema levantado pela pesquisadora ao abordar questões históricas junto a alunos de uma escola da Educação Básica que a utilização de questionários é uma forma viável de acesso ao contexto individual dos alunos buscando suas impressões em relação aos objetos estudados pela autora. Neste contexto, acreditamos que da mesma forma como tais ferramentas possibilitam a interação com alunos, os questionários viabilizam acesso ao público do museu e, desdobrando tais reflexões, pensamos que a elaboração e utilização de tais instrumentos também se ligam à construção das fontes para nosso tipo de pesquisa e, neste ínterim, foi o recurso utilizado para buscar as relações entre o museu e o visitante/receptor, de onde apreendemos aspectos sobre o Egito Antigo manifestos pelos indivíduos. A fase de aplicação dos questionários não é nada mais que o trabalho do historiador ao organizar as informações de seu trabalho e, segundo Ciro Flamarion Cardoso:

“Em todas as ciências factuais, uma vez formuladas as hipóteses e deduzidas conseqüências particulares comprováveis das mesmas, o pesquisador passa

⁹ Tradução livre.

a planejar e executar – mediante observações, comparações, experiências – a prova das hipóteses, cujas conseqüências particulares deverão ser verificadas e, através de tal verificação, comprovadas ou não. Nesta fase, de alguma maneira, ele coletará dados empíricos que serão criticados, avaliados, processados e interpretados”. (CARDOSO, 1982, p.84)

Há, portanto, uma relação de teste entre a fonte e o pesquisador, sendo uma ação dinâmica e recíproca diante das provocações que partem de ambos os lados. Uma ação que implica um movimento de construção de um instrumento, aplicação para coleta de informações, análises e interpretações. Seguindo o caminho da construção das fontes, os dados extraídos dos questionários constituirão informações estatísticas importantes, uma vez que:

“As informações estatísticas são expressões coletivas, embora sejam sempre fundadas em informações individuais que, por sucessivos processos de agregação, as constituem. As informações estatísticas, por sua natureza, ordenam as múltiplas e disformes individualidades, que são desconhecidas e ingovernáveis; partem delas, sempre, mas as superam, reconfigurando as em individualizações (individualidades individualizadas).” (SENRA, 2008, p.411)

É neste sentido que o trabalho com os questionários em relação ao acervo do museu, intermediado pelo público receptor ativo das informações, é validado. As possibilidades de análise partem do conceitual, individual e subjetivo para um estudo qualitativo, possibilitando concomitantemente uma análise quantitativa. Em uma pesquisa como a que se propôs é imprescindível que a fonte primeira seja os questionários em relação ao tipo de acervo/museu que se tem. Para isto, ferramentas teórico-metodológicas interdisciplinares e discussões sobre os usos do passado no âmbito dessas ciências possibilitaram a boa utilização e problematização a partir dos questionários fontes e acervo.

Levando em consideração essas reflexões, entendemos que o uso de questionário para essa pesquisa é ao mesmo tempo um levantamento de dados e um processo de construção de fontes. O questionário por si constitui um documento que demonstra informações sobre a visita de um sujeito ao museu, no entanto, a partir do momento em que o questionário é objeto de questionamentos sobre ideias históricas de sujeitos, ele se constitui como importante fonte de reflexão histórica.

4.2 Os questionários e os dados: como aparecem as sensibilidades dos visitantes

Aqui devemos considerar algumas ideias para circular as sensibilidades dos visitantes em relação ao acervo do museu. Basicamente essas ideias estão em torno de um imaginário que se tem sobre o Antigo Egito que é bastante presente e reavivado pela egiptomania e os sentimentos que são despertados na visita, que buscamos identificar.

Sobre o imaginário que pensamos, este se insere na forma como o esoterismo egípcio adentrou a imaginação Europeia Ocidental a qual constitui a base dos conhecimentos primordiais da Ordem Rosacruz que aparecem implícitos no museu. Desta forma, o Egito se configura uma fonte de profunda sabedoria esotérica (HORNUG, 2001, p.3), aqui exposto na forma da Ordem, mas que são perceptíveis, também, na forma como os visitantes sentem o museu. Vale ressaltar que o uso que a Ordem faz do Egito, ao colocar como uma de suas faces o museu, explicita de fato sua egiptomania ao suscitar esse uso e um sentimento que faz parte do nosso inconsciente coletivo e cada visitante se torna cúmplice (HUMBERT, 1994, p.32) da apropriação que a Ordem faz dessa antiga sociedade.

Paralelo a esse imaginário está a sensibilidade, que se refere à sensação e percepção, conforme explicita Skinner (1989) a partir da sua ideia de *sensing*, ao mostrar que esta se manifesta quando se vê, ouve, cheira, saboreia, enfim, sente-se o mundo (SKINNER *apud* ABIB, 2010, p.15). Portanto, essa sensibilidade trata da forma como, para nós, o visitante sentiu o museu, reagiu aos estímulos visuais e de mensagem e, a partir disso, significou a experiência da visita no museu com réplicas de peças egípcias e uma múmia autêntica.

Assim, buscando se aproximar do público visitante, no desenvolvimento da pesquisa, foram trabalhados dois questionários. Um primeiro, mais informativo, buscando identificar os sujeitos visitantes do museu e auxiliar na elaboração e direcionamentos para instrumento seguinte. O segundo, conceitual, buscando apreender que ideias/sentimentos/ usos fazem os visitantes do MERC em relação ao acervo. Para os dois, foram compreendidas três fases: elaboração, aplicação e análise de dados. Aqui, analisaremos os dois: Questionário A e B¹⁰.

Para a elaboração do questionário, na questão da forma e conteúdo inicial, foram considerados os trabalhos de Joana Isabel Barreiro Alves de Matos (2009, p.69), sobre a experiência de visita aos museus, observando que dados são importantes para um contato

¹⁰ Ambos encontram-se nos Anexos, bem como todas as tabulações de dados que foram feitas.

prévio com os visitantes. Isso foi necessário, pois o Museu Egípcio e Rosacruz nos era desconhecido e a primeira inquietação ocorrida foi quanto ao tipo de público que frequenta a instituição. Assim, por meio de algumas visitas e diálogos com a coordenadora do museu, Vivian Tedardi, decidimos construir um instrumento para verificação e problematização inicial quanto ao público visitante.

As questões iniciais que nortearam a elaboração do primeiro instrumento de pesquisa foram: 1) quem visita o museu? Pelo fato de vincular-se à Ordem Rosacruz ocorreu-nos que poderia haver uma tendência dos filiados à ordem serem maior número na visitação; 2) qual a faixa etária, tendência e frequência a visitar museus histórico-arqueológicos?; 3) por fim, na construção do primeiro questionário, perguntou-se sobre a formação, sexo e origem.

No Questionário A, conforme anexo, essa não foi a ordem das questões. Há nele uma apresentação, que diz que o questionário faz parte de uma pesquisa de doutorado, seguido da identificação de sexo (masculino/feminino), idade (a ser preenchida com os anos), formação (do Ensino Fundamental à Pós-Graduação *Strictu Sensu*). Aqui não se considerou que pessoas com formação mais antiga poderiam ter cursado os 1º e 2º Graus, ou alguma denominação anterior, nem o fato se haveria compreensão do que é uma pós-graduação *Latu* ou *Strictu Sensu*. Considera-se nesse caso, o vocabulário como passível de equívoco quanto ao preenchimento correto. Seguindo as questões, a pergunta sobre tendência a visitar museus histórico-arqueológicos, que devido ao recorte conceitual também poderia levar a equívocos de preenchimento, uma vez que o indivíduo pode visitar outros museus, mas não compreender o que seria um museu com réplicas relacionadas à cultura material. Após, foi elaborada uma pergunta sobre a frequência de visita (uma, duas, três ou mais vezes ao ano), continuando com a indagação se tem ou não vínculo com a Ordem Rosacruz e a origem, cidade/estado/país.

Para a aplicação, considerou-se que o maior índice de visita ocorre no período letivo, devido ao agendamento de escolas, compreendendo de março a novembro. Como o objetivo não era trabalhar com um público escolar, considerou-se o período de janeiro a início de março, quando o museu funciona e, segundo a diretora, o público é diverso e necessariamente não-escolar. Desta forma, o questionário foi aplicado de 18/01/2010 a 05/03/2010. A aplicação foi voluntária, deixando o questionário à mesa de assinaturas, ocorrendo apenas no início da visita a indicação por um monitor de que o questionário poderia ser respondido e fazia parte de uma pesquisa. Foram disponibilizados 300 questionários, dos quais, 275 retornaram preenchidos.

Após aplicação dos questionários, diante das questões propostas, houve uma tabulação geral dos dados levantados, conforme Anexo B. Sobre o processo de tabulação,

feita em Tabela do Word 2003, constatou-se grande ineficácia, que comentaremos em seguida aos dados, pois a mesma permite uma visualização restrita das informações com poucos confrontamentos. Para isso, basta observar o Anexo B, que se trata de uma tabulação simples. Para visualização dos dados, estes foram transpostos para o Excel 2003, em forma de Gráficos. Em uma transposição simples, tem-se, por sua vez, apenas uma boa visão das informações. De onde, as informações apontam que no período analisado, cerca de 84% dos visitantes não possuíam vínculo com a Ordem Rosacruz (vide Imagem 28). Essa informação ajudou na definição do questionário seguinte, voltando às questões ao público em geral sem vínculo com a Ordem.

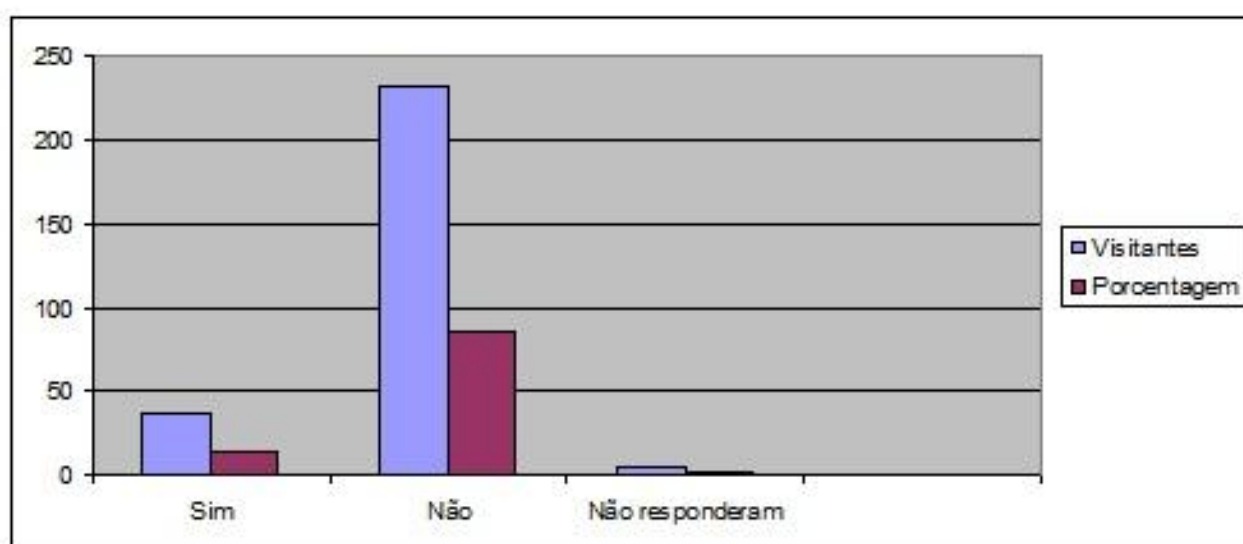


Imagem 28: Vínculo com a Ordem Rosacruz.

Sobre a segunda questão segue a Imagem 29, sobre a faixa etária dos visitantes e, também, as informações respondidas de forma simples, nos mostram que cerca de 62% dos visitantes responderam que costumam visitar museus histórico-arqueológicos (vide Imagem 30), sendo que cerca de 33% o fazem pelo menos uma vez por ano, 16% cerca de duas vezes e 25% mais de três vezes ao ano. Um alto índice, 24%, não respondeu a essa questão (vide Imagem 31), o que pode indicar que não a entenderam, ou não compreenderam esta e a anterior, sobre se visitavam ou não museus histórico-arqueológicos.

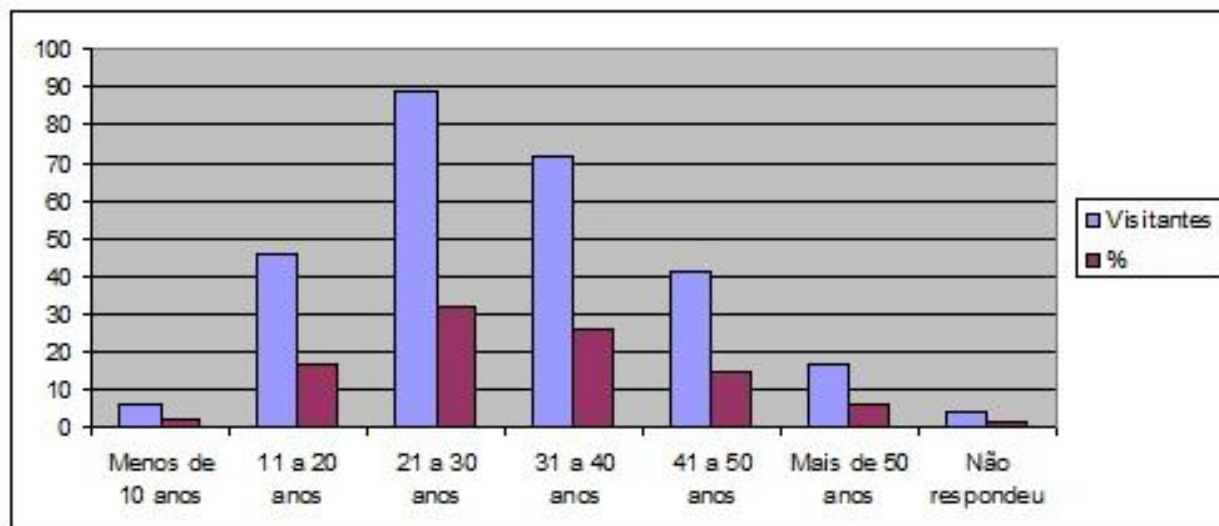


Imagem 29: Faixa etária.

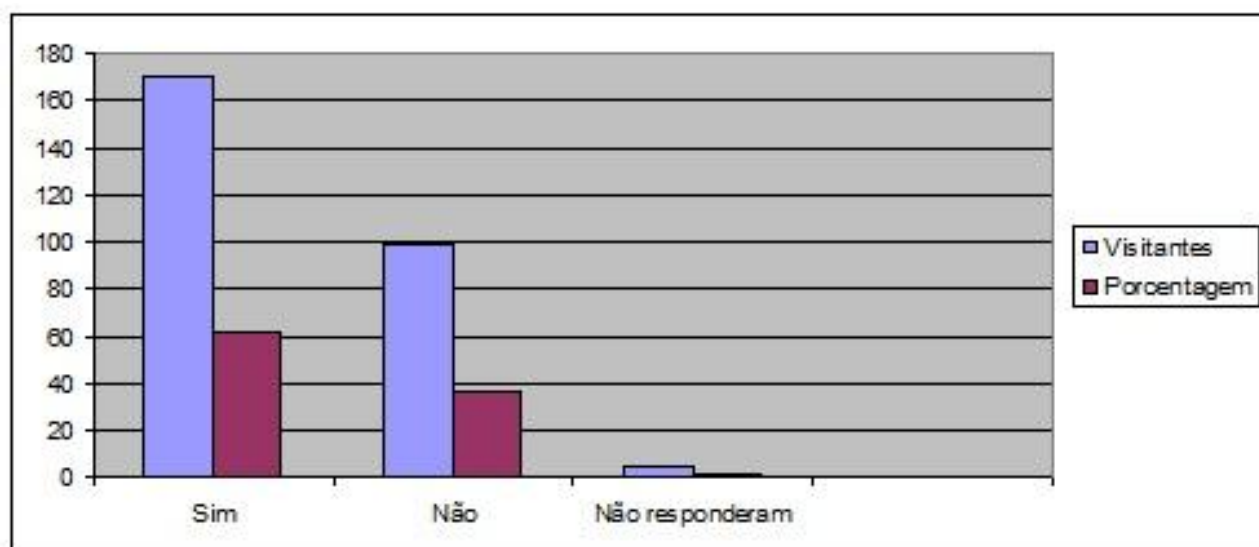


Imagem 30: Tendência a visitar museus histórico-arqueológicos.

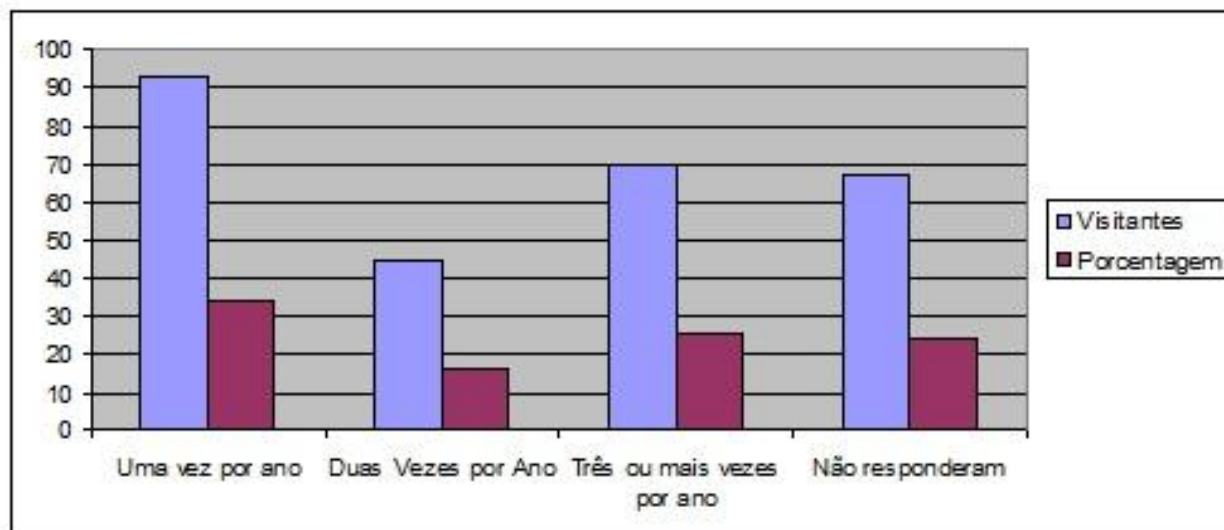


Imagem 31: Frequência de visitas a museus histórico-arqueológicos.

Sobre as outras questões, de terceira ordem, como formação (Imagem 32) e sexo (Imagem 33), seguem os dados. Consideramos a questão da formação importante para elaboração do próximo questionário a ser aplicado e a divisão/relação sexo/visitante aponta uma informação que poderia ser explorada, pois a maioria dos visitantes foi do sexo feminino.

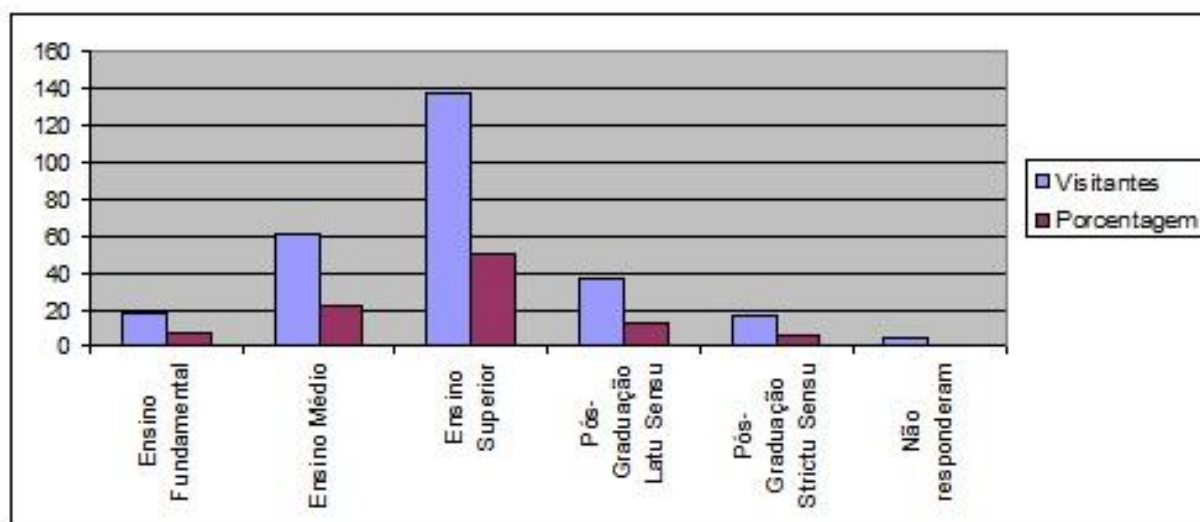


Imagem 32: Distribuição dos visitantes por escolaridade.

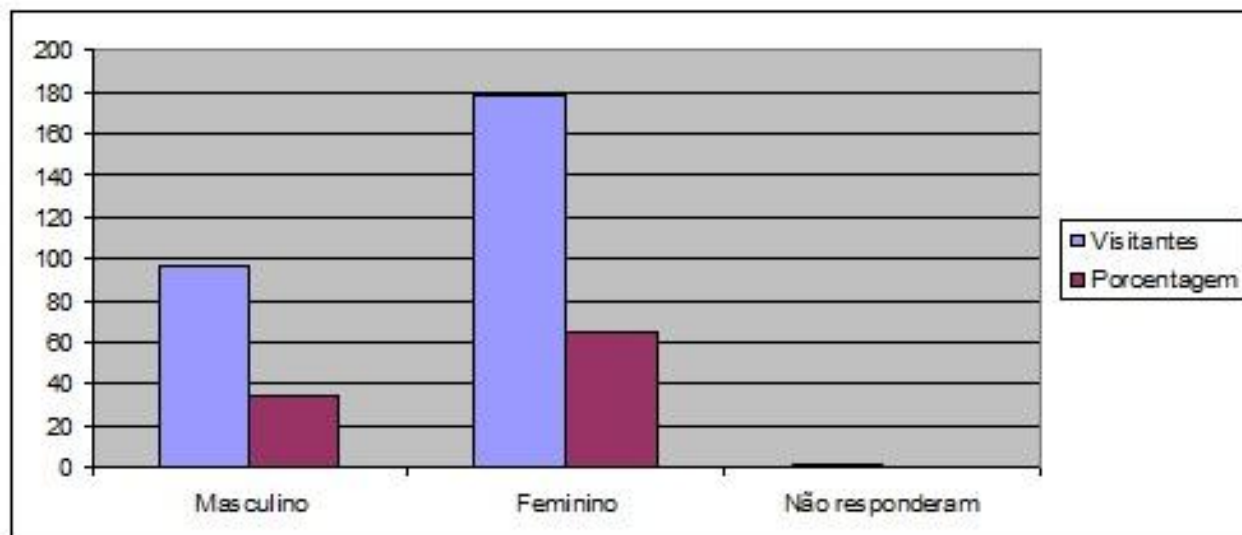


Imagem 33: Sexo.

Verificadas essas informações e visualizados os Gráficos, fechamos nosso primeiro conjunto de questões sobre os visitantes do Museu Egípcio e Rosacruz, a partir das quais concluímos que, no período de aplicação do questionário, a maioria dos visitantes não era vinculada à Ordem Rosacruz, estava na faixa etária entre 21 e 40 anos, costuma visitar museus histórico-arqueológicos e possuem curso superior. Para a elaboração do questionário posterior, esses dados foram importantes, uma vez que dizem respeito ao tipo de visitante que desejamos cercar.

No tocante à ineficácia apontada anteriormente para as tabulações, o que se verificou apenas após a primeira tabulação, foi a necessidade de construir um Banco de Dados em Excel, usando a função *Combo Box* (Anexo C), o que foi feito, para inserir dados e confrontar informações como a relação vínculo com a ordem/visitação/faixa etária, visitação/sexo, visitação/formação, entre muitos outros.

Assim, feitas essas exposições sobre a nossa escala de observação, chegamos a algumas considerações parciais para a elaboração de um instrumento de cunho conceitual, manifesto no Questionário B. Este foi aplicado entre os dias 17/01/2011 e 05/03/2011, quando foi solicitado que, preferencialmente, respondesse pessoas entre 21 e 40 anos. Este direcionamento foi solicitado para buscar um público que já tivesse passado por uma fase escolar mínima¹¹ e possuísse um conjunto mínimo de experiências de vida. Não obstante, destacou-se certa liberdade de responder ou não ao questionário.

Objetivamente alguns dados permaneceram como no Questionário A: a maior parte dos visitantes não possui vínculo com a AMORC; a maior parte dos visitantes possui

¹¹ 6º ano da Educação Básica, nível Fundamental, antiga 5ª série.

entre 21 e 40 anos; a maioria dos visitantes era do sexo feminino; a maioria costuma visitar museus ao menos uma vez por ano.

Sobre as informações extraídas dos questionários, conceitual e qualitativamente voltados à análise nos interessam três tabulações, que são:

- 1) objeto, informação ou imagem mais atraente;
- 2) origem do conhecimento sobre o Egito Antigo;
- 3) sentimentos que o Egito Antigo desperta.

A Imagem 34 mostra quais são os objetos, informações e/ou imagens mais recorrentes entre os interesses dos visitantes. A questão 8 do Questionário B que buscava determinar essas informações foi aberta, cabendo ao visitante escrever o que mais o interessou. Decrescentemente os interesses definidos foram: a múmia, cultura egípcia, mumificação, Anúbis, outras informações, Pedra de Roseta, adornos, arqueologia, artefatos, busto de Nefertiti, Deus Rá, deuses, esculturas, estatuetas de deuses, hieróglifos, História, Hórus, máscaras funerárias, relíquias, múmias de animais, objetos e formas, peças egípcias, pirâmides, quadros do interior das pirâmides, Taueret ou as peças em sua totalidade.

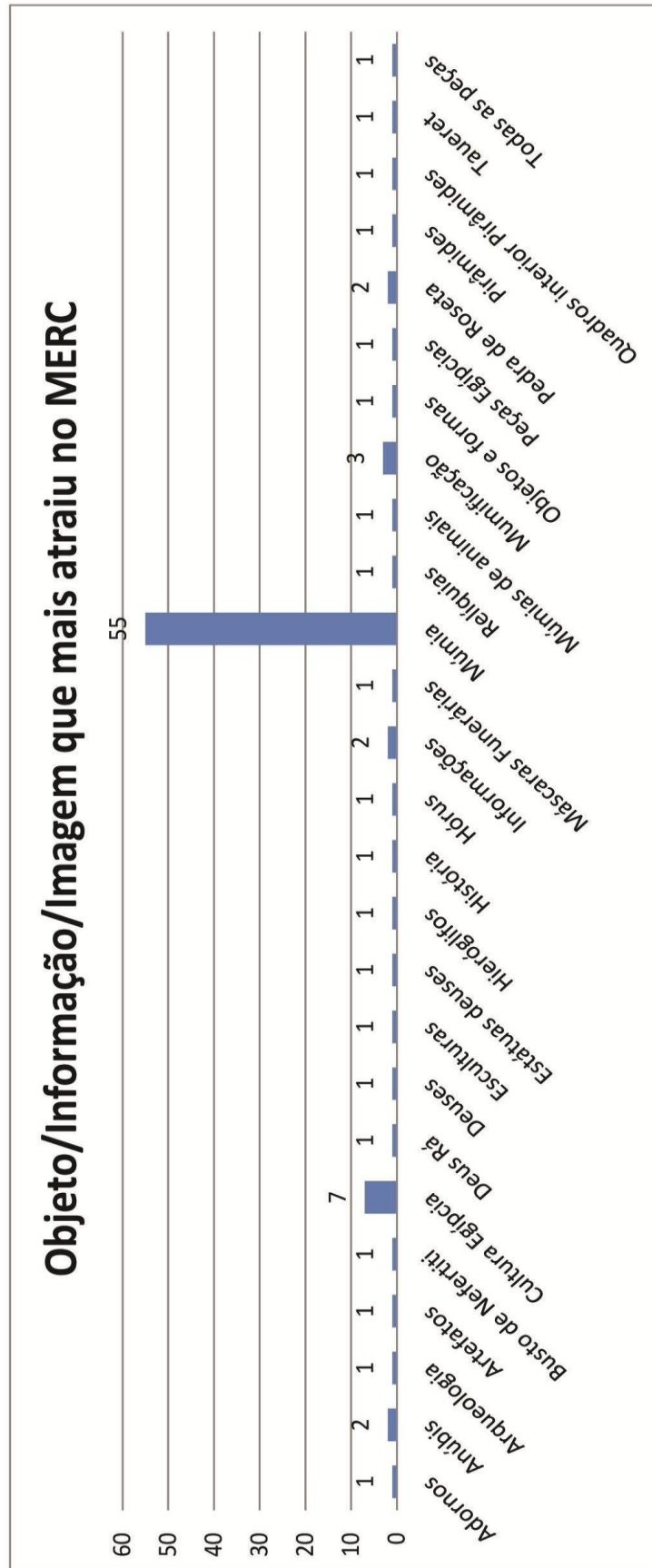


Imagem 34: Objeto/Informação/Imagem que mais atraiu no MERC. Grande destaque aos itens que demonstram interesse pela múmia ou assuntos correlatos.

Deste conjunto identificado de referências, o olhar voltado à múmia, ou mumificação, ou múmias de animais possui o maior destaque. Em seguida, o caráter informativo quanto à arqueologia, História e cultura egípcia. Os deuses/faraós e suas representações aparecem precedendo a arquitetura e hieróglifos.

Tais interesses são bastante contundentes se pensados à luz da origem de formação que se tem sobre o Antigo Egito, conforme Gráfico 8. As fontes mais latentes de informações são a escola, seguida de filmes, documentários, TV, desenhos animados e livros. Considerando essas informações é possível, por exemplo, determinar por que aspectos relacionados às múmias são mais recorrentes, uma vez que os meios de informação citados ressaltam aspectos relacionados a essa figura amplamente midiática.

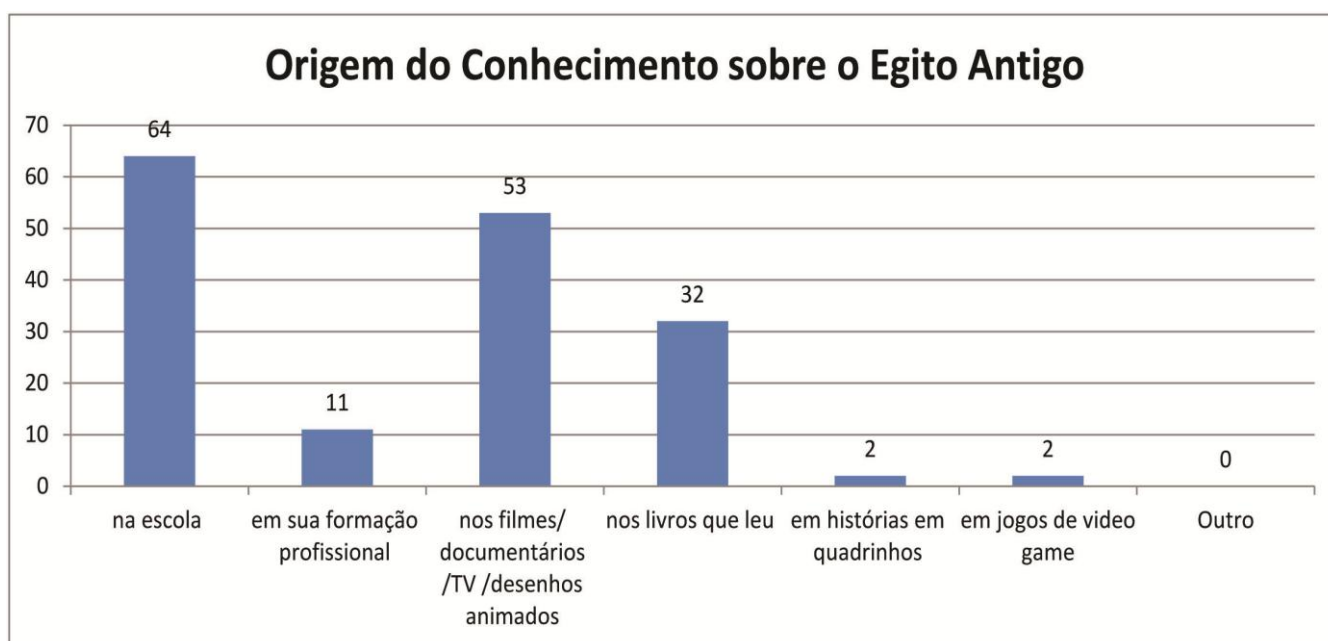


Imagem 35: Origem do Conhecimento sobre o Egito Antigo. Destaque às informações advindas da fase de formação escolar e cinema, documentários, TV e desenhos animados.

Por fim, considerando a Imagem 36, a partir da nona pergunta do Questionário B, também questão aberta, podemos identificar os sentimentos mais recorrentes sobre a paixão em relação ao Egito Antigo. Esta questão possibilitou que cada visitante assinalasse um ou mais sentimentos e também escrevesse aquilo não presente entre as opções.

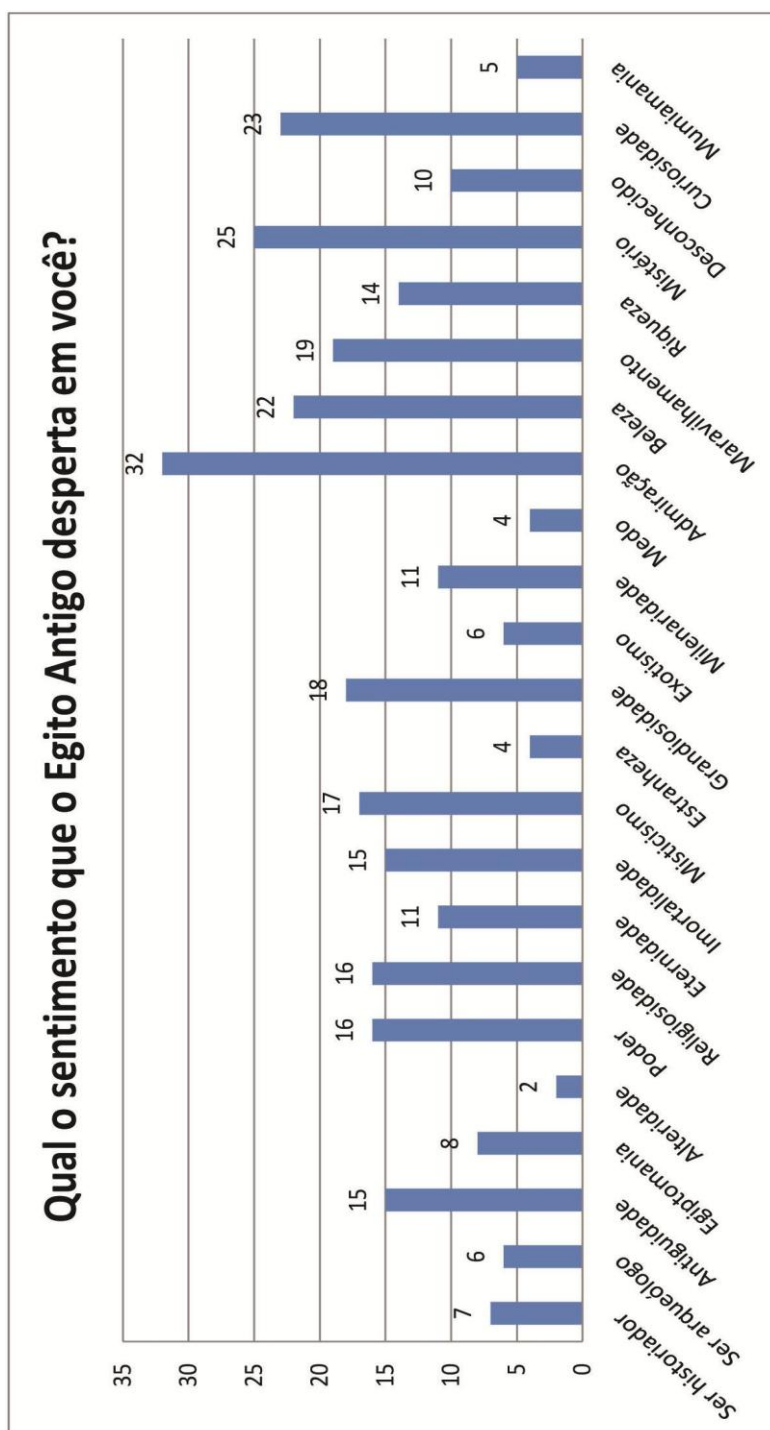


Imagem 36: Sentimentos que o Egito Antigo desperta. Atenção à pluralidade de sentimentos despertados.

Identificou-se, junto ao público visitante, uma miríade de sentimentos que devem ser compreendidos a partir dos usos que subjetivamente se faz de tal sociedade antiga, usos que desdobram a egiptomania presente na vida das pessoas. Foram exatamente identificados

os seguintes sentimentos: admiração, mistério, curiosidade e beleza, entre os mais presentes; maravilhamento, grandiosidade, imortalidade, antiguidade, poder, religiosidade, eternidade, ser compreendidos a partir dos usos que subjetivamente se faz de tal sociedade antiga, usos que desdobram a egiptomania presente na vida das pessoas. Foram exatamente identificados os seguintes sentimentos: admiração, mistério, curiosidade e beleza, entre os mais presentes; maravilhamento, grandiosidade, imortalidade, antiguidade, poder, religiosidade, eternidade, misticismo, estranheza, exotismo, milenaridade, medo, riqueza, desconhecido e mumiamania, entre os demais.

Dos sentimentos levantados, atentemos ao fato de que o museu coloca como ápice da exposição a única peça autêntica: a múmia. Esta aparece referenciada 55 vezes. E relacionado a essa mesma questão ainda aparece o interesse pelo processo de mumificação e pelas múmias de animais de onde pode se afirmar que o grande interesse por esse tema sem dúvida mostra-se devido ao apelo midiático que a figura de múmias tem com o público. A essa atração pelas múmias, sentimentos de admiração, mistério, curiosidade, desconhecimento, maravilhamento, medo, exotismo, estranheza, imortalidade e religiosidade associam-se. Em consonância com esses sentimentos no tocante às múmias, a procedência das informações na escola através de livros didáticos, filmes, documentários, desenhos animados, livros, histórias em quadrinhos e jogos de vídeo game mostram a amplitude do estímulo que fornecem para tal interesse. Neste contexto, entendemos os sentimentos como possibilitadores de uma profunda relação com a história, movendo interesses particulares e institucionais, mediando a relação entre esses com a história, movidos por particularidades diversas que materializam olhares sobre o passado projetados por cada sujeito.

As peças que precedem a múmia, por sua vez, complementam o ambiente como construímos no capítulo anterior. Fornecem todo subsídio necessário a instigar as mais profundas sensações em relação ao Egito Antigo, trazendo à tona conhecimentos, necessidades de orientação, interpretações e crenças a respeito desse passado distante. Por isso é tão significativa o olhar em relação ao acervo de tal museu. As percepções frente a ele nos abrem horizontes investigativos junto a contextos mais amplos de egiptomania.

Desta forma, cabe afirmar que a partir dos dados levantados com os instrumentos empíricos buscados nos questionários é possível delinear algumas ideias em relação aos capítulos anteriores, afirmando que os sentimentos manifestos nas respostas refletem interesses diversos pelo passado presentes nas vidas das pessoas. A egiptomania, neste amplo contexto, como uso do passado, só é possível a partir desses sentimentos, que mobilizam inquietações entre o Antigo e a sociedade contemporânea.

Neste sentido, cabe afirmar como relevante para esta tese, de forma diretamente associada e complementarmente explicativa, que a egiptomania se configura como um fenômeno trans-histórico que perpassa o tempo e se faz muito presente na contemporaneidade diante dos diversos estudos apontados nesta tese, incluindo privilegiadamente o Brasil; a egiptomania é um amplo campo de usos do passado que congrega interesses entre o conhecimento formal e a vida prática e, embora não seja único campo desses usos, é terreno de profícuas investigações; conforme apontamos no capítulo anterior a Ordem Rosacruz, em uma apropriação perceptível do Egito Antigo em sua mística no acervo do Museu Egípcio e Rosacruz, acaba por criar um espaço de experiência museal estimulante para seus visitantes a partir do qual pudemos definir um conjunto de informações que possibilitam afirmarmos que a egiptomania como uso do passado existe porque as pessoas se relacionam emocionalmente com o Egito Antigo, nutrindo sentimentos diversos sobre o passado, mostrando a necessidade de se relacionar com esse tempo transcorrido, que estimula o seu cotidiano na contemporaneidade. Por fim, cabe afirmar ainda duas questões importantes que são contribuições desta tese: primeiramente, ela possibilita a inserção da egiptomania no campo de usos do passado, como pudemos observar por meio dos dados tabulados oriundos dos questionários aplicados aos visitantes, a partir dos quais entendemos os sentimentos manifestos como usos pessoais feitos pelos visitantes do passado egípcio – vejam-se as imagens 34, 35 e 36, mostrando os dados referentes à origem do conhecimento sobre o Egito Antigo, as informações que mais chamaram a atenção dos visitantes e os sentimentos manifestos a partir de tais informações, mostrando uma apropriação sentimental pessoal do material exposto; no tocante à segunda questão, damos ênfase às abordagens teórica e metodológica feitas para o desenvolvimento desta pesquisa que possibilitaram aprofundar o entendimento desse fenômeno e campo de estudos, mostrando diferentes caminhos que podem ser percorridos na pesquisa do material do museu, abordagem junto ao público e temáticas que ainda podem ser deduzidas a partir dos dados tabulados de acordo com as imagens 34, 35 e 36. (comentar sobre sentimentos; o que historicamente se entende como sentimentos?)

Diante de nossos estudos, entendemos que as pessoas, individual ou coletivamente, edificam perspectivas históricas calcadas em sentimentos construídos a partir de suas relações com o passado. Partindo dessa afirmativa, evidenciamos a possibilidade de uma reflexão crítica tendo como base os gostos e os discursos que se apropriam da história, cabendo aqui enfatizar a importância desta tese que buscou, por meio do Museu Egípcio e Rosacruz, evidenciar essas ideias entendendo o referido museu, mesmo em seu tamanho

limitado, como importante ponto de partida para que as pessoas construam ideias sobre o passado Egípcio, as confrontem com informações que já levam ao processo de visita junto às réplicas dos artefatos e à múmia e nutram sentimentos em relação a tal passado. Com base nos dados levantados, observamos um público instruído que considera o Egito como importante para si e representa uma parcela da sociedade responsável pela manifestação da egiptomania, num ponto de encontro a partir do qual uma perspectiva mística e a sensibilidade acerca do conhecimento histórico transformam-se em objetos a serem estudados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percorridos os caminhos expostos nesta tese, cabem algumas considerações com o intuito não de retomar ideias, mas pontuar afirmações e conclusões importantes para o processo que encerra esta fase de pesquisa. Quando nos colocamos no mar da egiptomania fomos compelidos a um universo de possibilidades, de abordagens e problemas. De fato, é um mar bastante instigante, mas encerra seus riscos. Por um lado, ao perceber a vastidão das possibilidades, linguagens, fontes e viesses de discussões nos sentimos instigados. Por outro, um tanto receosos sobre como seria cercear um objeto, uma perspectiva que ainda não houvesse sido abordada. Neste panorama, optamos por trazer uma contribuição no sentido de aprofundar o entendimento da egiptomania a partir de uma abordagem ainda pouco explorada.

Entendemos que a egiptomania tem sido cada vez mais estudada e, apesar de ser um fenômeno antigo em terras brasileiras, ao considerarmos a definição de Humbert (1994, p.21), de empréstimos de caracteres egípcios antigos e atribuição de novos usos, desdobramos reflexões e contribuições para o campo de análise que tem se firmado. Em um primeiro momento, destacamos a contribuição de Bakos em diversos trabalhos (2003, 2004, 2008, 2010 e 2012) para delimitar a grande área temática no campo de estudos que a autora inaugurara e, já no primeiro capítulo, buscamos refletir acerca do grande interesse que o Egito Antigo desperta na contemporaneidade.

Diante desse quadro, coube discutir no segundo capítulo, acerca do próprio conhecimento sobre o passado e como tal conhecimento reflete usos que podem ser feitos diante do interesse existente em relação ao tempo transcorrido. Com Rüsen (2001, p.35) vimos uma frágil linha divisória entre o conhecimento histórico especializado e os interesses e funções que o mesmo desempenha na vida prática das pessoas respondendo anseios de orientação existencial e carências de orientação no tempo (RÜSEN, 2001, p.30-35). Nesse tipo de relação com o passado, este aparece como real, mas não podendo ser totalmente conhecido e, segundo Lowenthal, o passado surge como uma forma mais pomposa e manipulável que o presente, num misto de nostalgia e outros sentimentos (LOWENTHAL, 1985, p.4-6) que já, em nosso entendimento, nos ajuda a compreender a forma mostrada pela egiptomania como uso do passado específico no qual o Egito Antigo aparece com utilizações didáticas ou ainda completamente fantasiosas (HUMBERT, 1994, p.27-28).

Neste ponto, em nossa investigação, apresentamos a Ordem Rosacruz, que cria sua tradição de conhecimentos místicos a partir de utilizações da sabedoria dos antigos egípcios (HORNUG, 2001, p.111-114). Assim, no terceiro capítulo, tecemos algumas considerações sobre a Ordem Rosacruz, de forma a explicitar sua relação com o passado egípcio, em torno de sua áurea mística, abrindo espaço para apresentarmos o Museu Egípcio e Rosacruz, vinculado a tal ordem. Este caminho serviu para articularmos a pesquisa ao museu, de acordo com nossa intencionalidade: pensar a egiptomania e os usos do passado a partir das informações que o museu possibilitaria junto aos seus visitantes.

Com o quarto capítulo, buscamos coletar e refletir sobre as informações levantadas que nos evidenciaram de forma profunda a relação que as pessoas na contemporaneidade possuem com o Egito Antigo. Por meio dos dados delimitamos as origens do conhecimento que os visitantes tinham sobre essa antiga sociedade (Imagem 35), observando que o mesmo vem predominantemente da escola, filmes, documentários ou livros; delineamos também quais os objetos e/ou informações mais lhes atraíam a atenção (Imagem 34), com destaque à múmia ou informações sobre múmias, seguido do interesse pela arqueologia, história, deuses e faraós, hieróglifos e arquitetura; por fim, esquadrinhamos quais sentimentos o Egito Antigo despertava em cada um (Imagem36), a partir do qual foi possível encontrar informações que explicam o interesse das pessoas pelo passado egípcio que elucidam como elas se relacionam com esse passado e o utilizam em termos emocionais. De tais sentimentos destacamos a admiração, o mistério, a curiosidade e a beleza, entre os mais presentes; o maravilhamento, a grandiosidade, a imortalidade, a antiguidade, o poder, a religiosidade, a eternidade, o misticismo, a estranheza, o exotismo, a milenaridade, o medo, a riqueza, o desconhecido e a mumiamania.

Neste contexto, cabe a seguinte questão para finalizar: por que tal caminho foi percorrido desta forma e quais contribuições gostaríamos de deixar com a presente tese para o campo de estudos da egiptomania?

Em primeiro lugar, afirmamos a ideia de que é por meio dos sentimentos que as pessoas nutrem uma relação ao Egito Antigo que se pode explicar com profundidade o fenômeno da egiptomania em sua origem primordial: a apropriação que as pessoas fazem do conhecimento dessa antiga sociedade. Isso fica expresso nos sentimentos que destacamos anteriormente associados às informações de interesse e origens do conhecimento, a partir dos quais afirmamos que as pessoas se interessam pelo Egito Antigo e utilizam informações desse

passado manifestas na forma da egiptomania. O quadro da egiptomania, inicialmente destacado no primeiro capítulo, coloca-se como fruto desse conjunto de interesses e sentimentos.

Em segundo lugar e complementarmente, defendemos a ideia de que a egiptomania é um conjunto de usos do passado, considerando-os na amplitude das ideias do segundo capítulo, fomentados por múltiplos interesses a partir dos quais as pessoas fazem o passado estar presente de alguma forma em suas vidas. Essa presença foi evidenciada em nosso primeiro capítulo, por meio de museus, arqueologia, história, arte cimiterial, propagandas, obras de arte, charges, cinema, brinquedos, literatura, música, monumentos, entre outros, com aspectos relacionados à cultura egípcia antiga, identificáveis em nossa contemporaneidade. Complementamos afirmando que mesmo nosso estudo tendo partido de uma escala reduzida centrada no Museu Egípcio e Rosacruz, ele amplia o campo das possibilidades de estudos de egiptomania em Curitiba, ao encontro dos temas e sentimentos revelados através de nossos dados empíricos que podem ser utilizados como direcionamento de pesquisa em escalas amplas, abrangendo museus e regiões maiores, bem como recortes em outros segmentos a serem explorados no tocante aos sentimentos e usos do passado.

Cabe considerar que tudo isso aponta para a necessidade de voltarmos nossos olhos para a relação passado e presente, em linhas gerais e, também, especificamente à egiptomania. Embora esta não trate necessariamente de usos políticos e/ou engajados como temas relacionados à Arqueologia Pública ou ainda usos históricos ideológicos, conforme delineamos no segundo capítulo, compreender a egiptomania a partir das exposições do Museu Rosacruz implica em aprofundar nosso olhar sobre nós mesmos, as relações culturais que nos cercam e a forma como elas se constroem a partir do passado. Independentemente da faixa etária (Imagem 29), do grau de escolaridade (Imagem 32), do sexo (Imagem 33) e da origem dos conhecimentos sobre o Egito Antigo, (Imagem 35) o passado egípcio atrai interesse e faz-se presente, a partir do que se pode afirmar a existência de uma sutil linha divisória entre as duas temporalidades que, paradoxalmente, não nos separa do tempo transcorrido, senão nos arrasta junto a ele em nosso dia a dia, evocando memórias e usos de uma cultura que desde sempre nos envolve.

6. REFERÊNCIAS

6.1 FONTES

6.1.1 Publicações oficiais relacionadas à AMORC

- BIDON, Peter (2008). O Misticismo: na evolução das culturas. IN: O ROSACRUZ: misticismo, ciência, arte, cultura. 4º Trimestre, 2008, n. 266, p.22-29.
- CAILLAUD, Luis (2009). A voz dos sábios do Antigo Egito. IN: O ROSACRUZ: misticismo, ciência, arte, cultura. Primavera, 2009, n. 270, p.40-43.
- Casamento Alquímico de Christian Rosenkreutz (1998). In: ORDEM ROSACRUZ, AMORC. A Trilogia dos Rosacruzes. Tradução da Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa. Curitiba, Biblioteca Rosacruz – Ordem Rosacruz-AMORC, 1998.
- Confessio Fraternitatis* (1998). In: ORDEM ROSACRUZ, AMORC. A Trilogia dos Rosacruzes. Tradução da Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa. Curitiba, Biblioteca Rosacruz – Ordem Rosacruz-AMORC, 1998.
- Fama Fraternitatis* (1998). In: ORDEM ROSACRUZ, AMORC. A Trilogia dos Rosacruzes. Tradução da Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa. Curitiba, Biblioteca Rosacruz – Ordem Rosacruz-AMORC, 1998.
- GONÇALVES, Ronaldo. Música no Egito Antigo (2007). IN: O ROSACRUZ: misticismo, ciência, arte, cultura. 3º Trimestre, 2007, n. 261, p.38-43.
- EGITO 2008: XII e XIII Viagens Místico Iniciáticas Rosacruzes ao Egito (2008). IN: O ROSACRUZ: misticismo, ciência, arte, cultura. 3º Trimestre, 2008, n.265, p.8-15.
- JÚNIOR, Ruy Rocha (2007). As correntes iniciáticas da antiguidade e sua influência no cristianismo. IN: O ROSACRUZ: misticismo, ciência, arte, cultura. 4º Trimestre, 2007, n. 262, p.16-19.
- LARRÉ, Christian (2005). O mundo imaginário dos Antigos Egípcios. IN: O ROSACRUZ: misticismo, ciência, arte, cultura. 4º Trimestre, 2005, n. 254, p.42-45.
- LEWIS, Harvey Spencer (1987). Mansões da Alma: reencarnação da alma na Terra. Curitiba: AMORC, 1987.
- KNUTSON, Kristie E. Tutmés III e o Mistério da Iniciação (2009). IN: O ROSACRUZ: misticismo, ciência, arte, cultura. Primavera, 2009, n. 270, p.26-29.
- MOTTE, EARLE (2009). A Espiritualidade Egípcia e a “heresia” de Akhenaton. IN: O

ROSACRUZ: misticismo, ciência, arte, cultura. Verão, 2009, n. 267, p.8-13.

O DOMÍNIO DA VIDA (Edição de 2006). Retirado de: www.amorc.org.br com acesso em 07/09/2011.

ROCHA, Elisa (2008). Egito: vale a pena ser visto e sentido. IN: O ROSACRUZ: misticismo, ciência, arte, cultura. 1º Trimestre, 2008, n. 263, p.26-29.

SIDAQUI, Rogério (2006). Textos de sarcófagos. IN: O ROSACRUZ: misticismo, ciência, arte, cultura. 2º Trimestre, 2006, n. 256, p.42-47.

6.1.2 Publicações relacionadas ao Museu Egípcio e Rosacruz

Folhetim sobre o acervo. Disponível a todos os visitantes, 2009.

Folder Projeto Tothmea. Disponível a todos os visitantes, 2009.

6.1.3 Acervo e imagens do Museu

Imagens diversas (2012). Fachada do MERC. Foto retirada de http://www.amorc.org.br/Imagens_CCA/museu.jpg em 28/01/2012.

Imagens Antecâmara Tothmea (2012). http://www.amorc.org.br/museu_egipcio/tothmea.html, acesso em 2012.

Imagens Tothmea (2012). http://www.amorc.org.br/museu_egipcio/tothmea.html, acesso em 2012.

6.1.4 Sítios oficiais da AMORC e outros

AMORC (2009). <http://www.amorc.org.br/>, acesso 2009.

MERC (2012). http://www.amorc.org.br/museu_egipcio/, acesso 2012.

História Viva. Texto em http://www2.uol.com.br/historiaviva/noticias/brasil_tem_26_mil_museus_sudeste_lider_a_o_ranking.html com acesso em 10/01/2010.

MINC (2010) – Ministério da Cultura. Informação disponível em <http://www.cultura.gov.br/site/2009/01/21/presidente-lula-sanciona-criacao-do-instituto-brasileiro-de-museus-ibram/> com acesso em 27/07/2010.

EGIPTOMANIA (2004). <http://www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/>.

Dinastias Egípcias (2010): <http://www.reshafim.org.il/ad/egypt/dynasties.htm>.

História Viva, no sítio http://www2.uol.com.br/historiaviva/noticias/brasil_tem_26_mil_museus_sudeste_lidera_o_ranking.html com acesso em 10/01/2010.

José Sarney (2012). www.josesarney.org com acesso em 29/06/2012.

6.1.5 Questionários aplicados aos visitantes dos museus e suas tabulações

Questionário A. 275 questionários aplicados no MERC entre 18/01/2010 e 05/03/2010.

Questionário B. 90 questionários aplicados no MERC entre 17/01/2011 e 05/03/2011.

Tabulações. As tabulações de ambos os questionários encontram-se nos Anexos.

6.1.6 Imagens diversas sobre a Egiptomania no Brasil

Foto133. Charge com crítica - Dom Pedro II - Revista Ilustrada, 1871. Acervo de imagens do Projeto Egiptomania em <http://www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/>.

Foto006 Brasão cidade de Campinas - Indicação: Regina Célia Lima Xavier. Acervo de imagens do Projeto Egiptomania em <http://www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/>.

Imagem 007 Brasão da cidade de Pelotas. Acervo de imagens do Projeto Egiptomania em <http://www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/>.

A múmia do Sarney:. Bastos. Charge publicada em 02/02/2011.

Sarney Múmia. Retirado de <https://covildomalla.wordpress.com/2011/07/01/senado-exclui-impeachment-de-collor-da-galeria-de-imagens-da-casa/> com acesso em 31/05/2012.

Sarney Egito. Retirado de <http://coturnonoturno.blogspot.com.br/2011/02/mumia-maranhense-virou-motivo-de.html> com acesso em 31/05/2012.

Collor, Sarney e Renan Calheiros. As múmias. Retirado de <http://mesquita.blog.br/pro-dia-nascer-melhor-15082009> com acesso em 31/05/2012.

Sarney Múmia, o retorno. Retirado de <http://oposicaooviva.wordpress.com/2011/02/18/jader-barbalho-e-a-decisao-do-stf-quarta-feira-proxima-por-mirnacavacanti/> com acesso em 31/05/2012.

Charge do Aroeira – Sarney e Mubarak as duas múmias. Retirado de <http://ronilmasantos.blogspot.com.br/2011/02/charge-do-aroeira-sarney-e-mubarak-as.html> com acesso em 31/05/2012.

Caricatura de D. Pedro II (2003), retirada de BAKOS, Margaret (ORG). Egiptomania no

Brasil. São Paulo: Paris Editorial, 2004.

Sarney Kamon. Retirado de <http://eramos6.com.br/2011/02/01/uma-das-pragas-do-egito-sobrevive-ate-hoje-no-brasil/> com acesso em 31/05/2012.

Arrastão das múmias. Retirado de <http://argumentador.wordpress.com/2011/01/21/o-arrastao-das-mumias/> com acesso em 31/05/2012.

Como ficar eternamente no poder. Retirado de <http://regisperassoli.wordpress.com/page/4/> com acesso em 31/05/2012.

Maldição da Múmia. Retirado de <http://www.humornanet.com/servlet/sitem?itm=9271&mod=arq&cat=19> com acesso em 31/05/2012.

CPMF. Retirada de http://deslumieres.blogspot.com.br/2009_09_01_archive.html com acesso em 31/05/2012.

Túmulos. Retirado de http://jboscocartuns.blogspot.com.br/2011/02/tumulos_02.html com acesso em 31/05/2012.

Dom Pedro II e Dona Tereza Cristina excursionando no Egito (2003). Retirada de DELIE, M. & BECHARD, E. De Volta a Luz: Fotografias Nunca Vistas do Imperador. São Paulo: Banco Santos; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2003.

Foto019. Casa Egípcia - Localização: esquina da rua do Ouvidor com a av. Rio Branco - Rio de Janeiro - Contribuição: André Chevitarese e Carolina Guedes. Acervo de imagens do Projeto Egiptomania em <http://www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/>.

Foto020. Casa em Pelotas (RS) - Foto Viviane Adriana Saballa - Data de construção: 1989 (Pesq. De Welcsoner Silva da Cunha). Acervo de imagens do Projeto Egiptomania em <http://www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/>.

Foto021. Valinhos - Residência em São Paulo (SP) - Data de construção: 1929. Acervo de imagens do Projeto Egiptomania em <http://www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/>.

Foto036. Sobrado Neo-Egípcio (RJ) - Rua Pedro Alves nº 40/42 - Bairro Santo Cristo. Acervo de imagens do Projeto Egiptomania em <http://www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/>.

Foto002. Academia de ginástica em Natal (RGN) - Foto de Rodrigo Otávio da Silva. Acervo de imagens do Projeto Egiptomania em <http://www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/>.

Foto001. Ala de Esfinges - Templo Rosacruz (SP) - Foto de Flávio Carramillo. Acervo de imagens do Projeto Egiptomania em <http://www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/>.

Foto004. Detalhes das pinturas de parede da Sala Egípcia da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul. Acervo de imagens do Projeto Egiptomania em

<http://www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/>.

Foto028. Detalhe do teto da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul (Vulture).

Acervo de imagens do Projeto Egíptomania em

<http://www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/>.

Foto023. Cemitério no Rio de Janeiro - Cortesia: Caroline Guedes. Acervo de imagens do

Projeto Egíptomania em <http://www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/>.

6.1.7 Outras Fontes

CASTELLANI, José (1982). *Origens do misticismo na Maçonaria*. São Paulo: Traço Editora, 1982.

DEBANNÉ, Nicolas (1912). *D. Pedro II no Egipto (conferência)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, Tomo 75, Parte 2, 1912 (publicado em 1913).

D. PEDRO II (1909). *Diário de viagem ao Alto Nilo*. Trad. Alfonso d'Eschagnolle Taunay. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, Tomo 72, Parte 2, 1909 (publicado em 1910).

SANTOS, Francisco Marques dos (1845). *Aspectos da 1ª viagem dos Imperadores do Brasil à Europa e Egipto*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, Volume 188, 1945 (publicado em 1946).

6.2 Referências Bibliográficas

ABIB, José Antônio Damásio (2010). *Sensibilidade, felicidade e cultura*. Temas de Psicologia. Vol. 18, n.2, 2010, p.283-293.

ALMEIDA, Adriana Mortara (1995). *A relação do público com o Museu do Instituto Butantan: análise da exposição 'Na natureza não existem vilões'*. Dissertação de Mestrado. USP, 1995.

ALMEIDA, Adriana Mortara (2004). *História nos museus de História e Ciência: o que o público espera*. ANPUH/SP-UNICAMP, Campinas, 2004, cd-rom.

ALMEIDA, Adriana Mortara (2005). *O contexto do visitante na experiência museal: semelhanças e diferenças entre museus de ciência e de arte*. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v12, 2005, pp. 31-53.

ANDERSON, Benedict (2005). *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do Nacionalismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

- ARAÚJO, Thiago Nicolau e BELLOMO, Harry Rodrigues (2004). A presença do Antigo Egito nos cemitérios. In: BAKOS, Margaret (ORG). *Egiptomania no Brasil*. São Paulo: Paris Editorial, 2004.
- ARNOLD, Bettina (1990). The past as propaganda: totalitarian archaeology in Nazi Germany. *Antiquity*, n. 64, 1990, p. 464-78.
- ARÓSTEGUI, Julio (2006). *A pesquisa histórica: teoria e método*. Bauru-SP: Edusc, 2006.
- ARQUEOLOGIA Pública (2006). Editorial da Revista Arqueologia Pública, São Paulo, n. 1, 2006.
- BAKOS, Margaret Marchiori (2003). Egyptianizing motifs in architecture and art in Brazil. In.: HUMBERT, Jean-Marcel; PRICE, Clifford, orgs. *Imhotep today egyptianizing architecture*. Londres, 2003, v. 8, p. 231-245.
- BAKOS, Margaret (Org.); (2004). *Egiptomania no Brasil*. São Paulo: Paris Editorial, 2004.
- BAKOS, Margaret Marchiori (2004). El antiguo Egipto en Brasil: história de la egiptologia en Brasil. Espanha: *ArqueoWeb Revista Eletrônica*, v.5, n.3, 2004.
- BAKOS, Margaret Marchiori (2008). Ibero-américa Egípcia. *História: Questões e Debates*, Curitiba, n.48/49, p.265-286, 2008.
- BAKOS, Margaret Marchiori (2008). Visões Modernas do Mundo Antigo: a Egiptomania. In: FUNARI, Pedro Paulo; SILVA, Glaydson José da; MARTINS, Adilton Luís (orgs.) *História Antiga: contribuições brasileiras*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008.
- BAKOS, Margaret Marchiori (2010); BALTHAZAR, Gregory da Silva. Encontro de Tempos: a rainha Cleópatra no limiar da ciência e da imaginação. *Revista Historiador Especial Número 01. Ano 03. Julho de 2010*.
- BAKOS, Margaret Marchiori (2012). et.al. *História da Egiptomania no Brasil: Bibliografia Comentada*. Niterói-RJ, *Plêthos*, 2, 1, 2012, p.218-246.
- BERNAL, Martin (1987). *Black Athena: the afroasiatic roots of classical civilization*. Vol. 2. The Archaeological and Documentary Evidence. London & New Brunswick: Free Association books & Rutgers University Press, 1987.
- BIERBRIER, Morris L. (2008). *Historical Dictionary of Ancient Egypt*. Plymouth/UK, 2008.
- BLOCH, Marc (2001). *Apologia da história: ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BRANCAGLION JR, Antonio (2004). Coleções Egípcias no País. In: BAKOS, Margaret (ORG). *Egiptomania no Brasil*. São Paulo: Paris Editorial, 2004.
- BUNSON, Margaret R. (2002). *Encyclopedia of Ancient Egypt*. New York: Facts on File,

2002.

- CARDOSO, Ciro Flamarion (1982). Uma introdução à História. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CARDOSO, Ciro Flamarion (2004). Egiptomania na literatura. In: BAKOS, Margaret (ORG). Egiptomania no Brasil. São Paulo: Paris Editorial, 2004.
- CLEMENTE, Evo (2004). Egito na poesia brasileira: pequena antologia. In: BAKOS, Margaret (ORG). Egiptomania no Brasil. São Paulo: Paris Editorial, 2004.
- COELHO, Liliane Cristina (2009). O Antigo Egito em espaços privados: um estudo de Egiptomania. Retirado de www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/ em 30/07/2009.
- CORZO, Gabino la Rosa (2005). Os espaços da resistência escrava em Cuba. In: FUNARI, Pedro Paulo (org.). Identidades, discurso e poder: estudos da arqueologia contemporânea. São Paulo: Annablume, 2005.
- COSTA, Karine Lima (2013). Anacronismo em Charges: as análises da egiptomania. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestrado em História. Porto Alegre. Retirado de http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4346 com acesso em 10/04/2013.
- CULTURA EM NÚMEROS (2009): anuário de estatísticas culturais 2009. Brasília: MINC, 2009.
- CURY, Marília Xavier (2005). Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus. In: História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v12, 2005, pp.365-380.
- DEGELO, Maria Ivone (2009). O público de museu: um pequeno diagnóstico. Revista Eletrônica do Coletivo Estudos de Estética. Jan, 2009, n.1.
- DELIE, M. & BECHARD, E. (2003). De Volta a Luz: Fotografias Nunca Vistas do Imperador. São Paulo: Banco Santos; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2003.
- DURAND, Gilbert (1998). Campos do Imaginário. Lisboa, Instituto Piaget, 1998.
- EÇA DE QUEIROZ, José Maria de (1979). O Egito. In: Obras de Eça de Queiroz volume III. Porto: Lello & Irmão Editores, 1979.
- FALK, John H. & DIERKING, Lynn D. (1992). The museum experience. Washington-DC: Whalesback Books, 1992.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção (2002). A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. Cadernos de Pesquisa, n. 116, p. 21-39, julho/ 2002.
- FREITAS, Sebastião Costa Teixeira de (2003). D. Pedro II. São Paulo: Editora Três, 2003.

- FUNARI, Pedro Paulo (Org); (1998). *Cultura material e arqueologia histórica*. Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ UNICAMP, 1998.
- FUNARI, Pedro Paulo (2003). *A Arqueologia Histórica em uma perspectiva mundial*. Ponta Grossa-PR. *Revista de História Regional* 6(2): 35-41, Inverno 2001.
- FUNARI, Pedro Paulo A. (2003). *A renovação do ensino de História Antiga*. In: Karnal, Leandro (org.). *História na Sala de aula*. São Paulo: Contexto: 2003, pp.95-108.
- FUNARI, Pedro Paulo (org.); (2005). *Identidades, discurso e poder: estudos da arqueologia contemporânea*. São Paulo: Annablume, 2005.
- FUNARI, Pedro Paulo; SILVA, Glaydson José da; MARTINS, Adilton Luís (orgs.); (2008). *História Antiga: contribuições brasileiras*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008.
- FUNARI, Pedro Paulo ; OLIVEIRA, N.V. ; TAMANINI, E. (2008). *A Arqueologia Pública no Brasil e suas novas fronteiras*. *Praxis Archaeologica*, n. 3, 2008.
- FUNARI, Pedro Paulo A. (2010). *A Arqueologia Histórica em uma perspectiva mundial*. Disponível em: <http://www.arqueologiaegipcia.com.br/aarqueologiahistorica.pdf>. Acesso em: 20 de jan. de 2010.
- FUNARI, Raquel dos Santos (2004). *O Egito na sala de aula*. In: BAKOS, Margaret (ORG). *Egiptomania no Brasil*. São Paulo: Paris Editorial, 2004.
- FUNARI, Raquel dos Santos (2004). *Imagens do Antigo Egito: um estudo das representações históricas*. Campinas-SP, 2004. (Dissertação disponível em <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000333744>).
- FUNARI, Raquel dos Santos (2008). *O Interesse pelo Egito Faraônico: uma Aproximação Inicial*. In: FUNARI, Pedro Paulo; SILVA, Glaydson José da; MARTINS, Adilton Luís (orgs.) *História Antiga: contribuições brasileiras*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008.
- FUNARI, Raquel dos Santos (2008). *Reflexões acerca da subjetivação do Antigo Egito na sala de aula a partir do filme "O Príncipe do Egito"*. Tese (Doutorado). UNICAMP. Campinas-SP: 2008.
- GARRAFFONI, Renata Senna (2008). *Apresentação: Identidades e Conflitos no Mundo Antigo e Mundo Antigo e Cultura Moderna*. *História: Questões e Debates*, Curitiba, n.48/49, 2008, p.5-8.
- GHIGNATTI, Rosana Carvalho da Silva (2008). *Eça de Queiroz e a Paisagem Oriental*. XI Congresso Internacional da ABRALIC: *Tessituras, Interações, Convergências - USP - São Paulo, Brasil, 13 a 17 de julho de 2008*, p.1-6.
- GINZBURG, Carlo (1998). "O Inquisidor como Antropólogo". In: *Revista Brasileira de História* 11, (21). 1991.

- GRENDI, Edoardo (1998). "Repensar a micro-história?". In: REVEL, Jacques. Jogos de Escala: a experiência da micro-análise. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p.251-262.
- HART, Georg (2005). The Routledge Dictionary of Egyptian Gods and Goddesses. New York: Routledge, 2005.
- HERÓDOTO. História. Tradução de J. Brito Broca. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.
- HODDER, Ian (1989). The Meanings of Things: Material culture and symbolic expression. London: Routledge, 1989.
- HORNUG, Erick (2001). The secret lore of Egypt: its impact on the West. Cornell University Press, 2001.
- HUMBERT, Jean-Marcel (1994). Egyptomania. Egypt in Western Art .Ottawa: Éditions de la Réunion des Musées Nationaux, 1994.
- HUMBERT, Jean-Marcel (1994). Introduction. L'Égyptomanie à l'épreuve de l'archéologie. Actes du colloque international organisé au Musée du Louvre par le Service Culturel. Le 8 et 9 avril, 1994.
- Instituto Brasileiro de Museus Brasília (IBRAM); (2011). Museus em Números: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.
- JUNQUEIRA, Nathalia Monseff. Uma viagem ao antigo Egito: a relação entre presente e passado na narrativa de bordo de Gustav Flaubert. História: Questões e Debates, Curitiba, n.48/49, p.245-264.
- KITCHEN, K.A.; BELTRÃO, M.C. (1990). Catálogo da Coleção do Egito Antigo existente no Museu Nacional. Rio de Janeiro. Waminster: Aris &Phillips, 1990, 2v.
- KUHN, Thomas (1975). A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- LANGE, Kurt (1963). Pirâmides, esfinges e faraós. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1963.
- LAWRENCE, Susan & SHEPHERD, Nick (2006). "Historical archaeology and colonialism" IN: HICKS, Dan & BEAUDRY, Mary C. Historical Archaeology. Cambridge, UK; New York: Cambridge University Press, 2006.
- LEVI, Giovanni (2002). "Reciprocidad mediterránea". In: In: Tiempos Modernos: Revista Electrónica de Historia Moderna no. 7. 2002. <http://www.tiemposmodernos.org/viewissue.php?id=7&OJSSESSID=0aca5194e8a5f9c5f25c713b9dd65701>. acessado em 03/2004.
- LITTLE, Barbara J. (2007). Historical Archaeology. Why the past matters. Walnut Creek: Left Coast Press, 2007.
- LOWENTHAL, David (1985). The past is a foreign country. Cambridge : Cambridge. University Press, 1985.

- MAGRIS, Claudio (2004). La verità ha molte facce. Anche per la scienza, Corriere della Sera, 20/08/2004, p. 18.
- MANGUENEAU, Dominique (1997). Novas tendências em Análise do Discurso. Campinas: Pontes, 1997.
- MARTINS, Estevão de Rezende (2002). Historiografia Contemporânea: Um ensaio de tipologia comparativa. *Varia História*, n. 27, 2002, p.13-26.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra (2005). A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves & VIDAL, Diana Golçalves (Orgs.). *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: Argvmentum; Brasília: CNPq, 2005.
- MILES, Roger. L'evaluation dans son contexte de communication. In: SCHIELE, B. *Faire voir faire savoir: la muséologie scientifique au present*. Québec: Musée de la Civilizacion, 145-155.
- NOBRE, C., CERQUEIRA, F. POZZER, K. (ed.); (2009). *Fronteiras & Etnicidade no mundo antigo*. 13 Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. Pelotas, disponível em <http://www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/> com acesso em 29/07/2009.
- OLIVEIRA, Vítor Lins (2009). *Rosacruzismo: História e Imaginário*. João Pessoa: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES, 2009 (dissertação).
- OLIVIER, Laurent (2005). A Arqueologia do 3º Reich e a França: notas para servir ao estudo da “banalidade do mal” em Arqueologia. In: FUNARI, Pedro Paulo (org.). *Identities, discurso e poder: estudos da arqueologia contemporânea*. São Paulo: Annablume, 2005.
- ONTIVEROS, Óscar Miranda (2001). Comentários: LOWENTAL, David. El pasado es un país extraño. *Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales: Universidad de Barcelona*, Nº 289, 2001.
- PIÑON, Ana (2008). *Brasil: arqueología, identidad y origen*. Mar Del Plata/Argentina: Ediciones Suárez, 2008.
- REIS, José Alberione (2010). Prolegômenos sobre teoria na Arqueologia. *Revista Diálogos*, v1, n.6, 2010, p.179.
- ROJAS, José Luis de (2008). *La Etnohistoria de América: los indígenas protagonistas de su historia*. Buenos Aires: Editorial SB, 2008.
- RICC, Michael (2002). *Who's Who's in Ancient Egypt*. New York: Routledge, 2002.
- RÜSEN, Jörn (2001). *Razão Histórica*. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília-DF:

- EdUNB, 2001.
- RÜSEN, Jörn (2007). *História Viva*. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília-DF: EdUNB, 2007.
- SAID, Edward W. (2003). *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Tomás Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SANTOS, Jacqueline Monteiro dos (2012). *O Imperador Itinerante: D. Pedro II no Egito e a construção da identidade nacional*. Universidade Federal do Paraná, 2012 (monografia).
- SANTOS, Moacir Elias *et.al* (2004). A ordem Rosacruz e a arquitetura egípcia. In: BAKOS, Margaret (ORG). *Egiptomania no Brasil*. São Paulo: Paris Editorial, 2004.
- SANTOS, Moacir Elias (2009). O Egito em Museus Paranaenses: possibilidades para o ensino e a pesquisa. IN: BAKOS, Margaret Marchiori *et.al*. *Diálogos com o mundo faraônico*. Rio Grande-RS: FURG, 2009, p.141-155.
- SANTOS, Moacir Elias (2012). Das Necrópoles Egípcias para a Quinta da Boa Vista: um estudo das partes de múmias do Museu Nacional. *Revista Mundo Antigo*. Ano I, Volume I – junho, 2012.
- SANTOS, Moacir Elias (2013). Recriando e divulgando o Egito Antigo no Brasil. *Jornal O Lince*, Edição 31. Disponível em <http://www.jornalolince.com.br/2010/arquivos/recriando-egito-antigo-brasil-www.jornalolince.com.br-edicao031.pdf>, com acesso em 05/04/2013.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (2004). Museus brasileiros e política cultural. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 19, n.55, junho/2004.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (2006). *A escrita do passado em museus históricos*. Rio de Janeiro: Garamond, MINC, IPHAN, DEMU, 2006.
- SAUNERON, Serge (1970). *A Egiptologia*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz (2009). *De olho em D. Pedro II e seu reino tropical*. São Paulo: Claro Enigma, 2009.
- SHAW, Ian (2004). *Ancient Egypt: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- SHAW, Ian (ed.); (2000). *The Oxford history of ancient Egypt*. Oxford: New York: Oxford University Press, 2000.
- SENRA, Nelson (2008). Pesquisa histórica das estatísticas: temas e fontes. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro: v.15, n.2, p.411-425, abr.-jun. 2008.
- SILVA, Glaydson José da (2005). *Antiguidade, Arqueologia e a França de Vicchy: Usos do*

Passado. Tese de Doutorado. UNICAMP, 2005.

SILVA, Glaydson José da (2007). História Antiga e Usos do Passado: um estudo de apropriações da Antiguidade sob o regime de Vichy (1940-1944). São Paulo: AnnaBlume, 2007.

SKINNER, B.F. (1989). Recent issues in the analysis of behavior. Ohio: Merrill Publishing Company, 1989.

SOLÉ, Robet (2003). Egito, um olhar amoroso. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

TALON-HUGON, Carole (2009). A estética: história e teorias. Lisboa: Edições Grafia, 2009.

THÉRY, Hervé & MELLO, Neli Aparecida de (2009). Atlas do Brasil: disparidades e dinâmicas do Território. São Paulo: Edusp, 2009.

VEYNE, Paul (1972). Cómo se escribe la historia, Madri, Fragua, 1972.

YATES, Frances Amelia (1983). O Iluminismo Rosa-Cruz. São Paulo, Editora Pensamento, 1983.

YATES, Frances Amelia (1981). El Iluminismo Rosacruz. México: Fondo de Cultura Económica, 1981.

7. ANEXOS

7.1 ANEXO 1

Questionário A

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DOUTORADO	
QUESTIONÁRIO A	
Você está participando de uma pesquisa de Doutorado em História, que busca neste momento identificar o perfil dos visitantes do Museu Egípcio e Rosa Cruz. As informações solicitadas são pessoais e sigilosas, por isso não há necessidade de identificação nominal. Agradecemos sua colaboração.	
1) Sexo: feminino (<input type="checkbox"/>) masculino (<input type="checkbox"/>)	
2) Idade: ____ anos	
3) Formação: Ensino Fundamental – 5a a 8a séries (<input type="checkbox"/>) Ensino Médio – 1o a 3o anos (<input type="checkbox"/>) Ensino Superior (<input type="checkbox"/>) Formação em que Área? _____ Pós-Graduação – Latu Sensu (<input type="checkbox"/>) Em que Área? _____ Pós-Graduação – Strictu Sensu Mestrado/Doutorado(<input type="checkbox"/>) Em que Área? _____	
4) Costuma visitar museus histórico-arqueológicos? (<input type="checkbox"/>) sim (<input type="checkbox"/>) não	
5) Com que frequência? (<input type="checkbox"/>) Uma vez por ano (<input type="checkbox"/>) Duas vezes por ano (<input type="checkbox"/>) Três ou mais vezes por ano	
6) Possui algum vínculo com a Ordem Rosa-Cruz? (<input type="checkbox"/>) sim (<input type="checkbox"/>) não	
7) Qual sua origem? Cidade: _____ Estado: _____ País: _____ _____	

7.2 ANEXO 2

Tabulação Questionário A**Local de aplicação:** Museu Egípcio e Rosa Cruz – Curitiba / Paraná**Quantidade de questionários aplicados:** 300**Questionários que retornaram:** 275**Período de aplicação:** 18/01 a 05/03 de 2010**Faixa Etária**

Faixa Etária	Visitantes	%
Menos de 10 anos	6	2,18
11 a 20 anos	46	16,73
21 a 30 anos	89	32,36
31 a 40 anos	72	26,18
41 a 50 anos	41	14,91
Mais de 51 anos	17	6,18
Não respondeu	4	1,45
Total	275	

Tendência a visitar Museus histórico-arqueológicos

Tendência à visita	Visitantes	%
Sim	171	62,18
Não	99	36,00
Não respondeu	5	1,82
Total	275	

Frequência de Visita a Museus histórico-arqueológicos

Visitas por ano	Visitantes	%
Uma vez por ano	93	33,82
Duas vezes por ano	45	16,36
Três ou mais vezes por ano	70	25,45
Não respondeu	67	24,36
Total	275	

Distribuição dos Visitantes por Escolaridade

Escolaridade	Visitantes	%
Ensino Fundamental	18	6,55
Ensino Médio	61	22,18
Ensino Superior	138	50,18
Pós-Graduação <i>Latu Sensu</i>	37	13,45
Pós-Graduação <i>Strictu Sensu</i>	17	6,18
Não respondeu	4	1,45
Total	275	

Vínculo com a Ordem Rosa Cruz

Vínculo	Visitantes	%
Sim	37	13,45
Não	233	84,73
Não respondeu	5	1,82
Total	275	

Sexo

Sexo	Visitantes	%
Feminino	178	64,73
Masculino	96	34,91
Não respondeu	1	0,36
Total	275	

7.3 ANEXO 3

Formato do Banco de Dados para Análise dos Dados do Questionário A.

Registro	Sexo	Idade	Formação	Costuma visitar museus histórico-arqueológicos	Frequência	Possui Algum vínculo com a Ordem Rosa-Cruz
1						
2						
3						
4						
5						
6						
7						
8						
9						
10						
11						
12						
13						
14						
15						
16						
17						
18						
19						
20						
21						
22						
23						
24						
25						
26						
27						
28						
29						

7.4 ANEXO 4

Questionário B

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO

QUESTIONÁRIO B

Você está participando de uma pesquisa de Doutorado em História, que busca neste momento compreender que sentimentos/sensibilidades são desenvolvidos junto aos visitantes do Museu Egípcio e Rosa Cruz. As informações solicitadas são pessoais e sigilosas, por isso não há necessidade de identificação nominal. Agradecemos sua colaboração.

1) **Sexo:** feminino () masculino ()

2) **Idade:** ____ anos

3) Formação:

Ensino Fundamental – 5a a 8a séries ()

Ensino Médio – 1o a 3o anos ()

Ensino Superior () Formação em que Área? _____

Pós-Graduação – Latu Sensu () Em que Área? _____

Pós-Graduação – Strictu Sensu Mestrado/Doutorado() Em que Área? _____

4) Costuma visitar museus histórico-arqueológicos?

() sim () não

5) Com que frequência?

() Uma vez por ano

() Duas vezes por ano

() Três ou mais vezes por ano

6) Possui algum vínculo com a Ordem Rosa-Cruz?

() sim () não

7) Qual sua origem?

Cidade: _____ Estado: _____ País: _____

8) Que objeto/informação/imagem mais o atraiu no Museu Egípcio e Rosa Cruz?

9) Se pudesse definir em uma palavra o sentimento que o Egito Antigo desperta em você, como definiria?

() Vontade de ser historiador () Vontade de ser arqueólogo () Sentimento de

Antiguidade () Egiptomania () Alteridade () Poder () Religiosidade

() Eternidade () Imortalidade () Misticismo () Estranheza () Grandiosidade

() Exotismo () Milenaridade () Medo () Admiração () Beleza

() Maravilhamento () Riqueza () Mistério () Desconhecido

Curiosidade Mumiamania (gosto pelas múmias)

Algum outro sentimento. Qual? _____

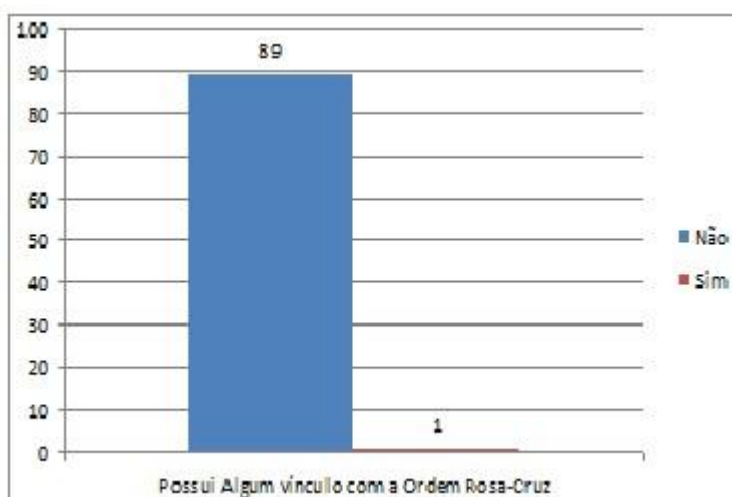
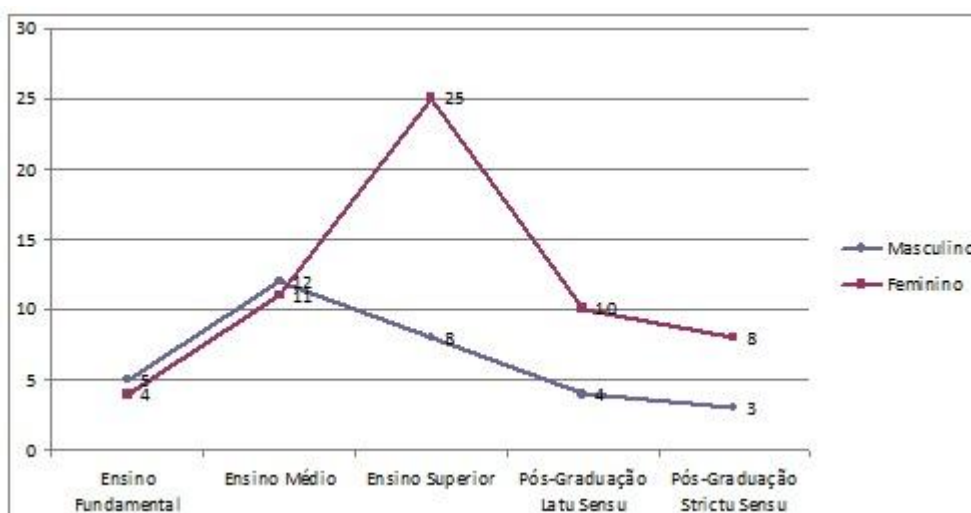
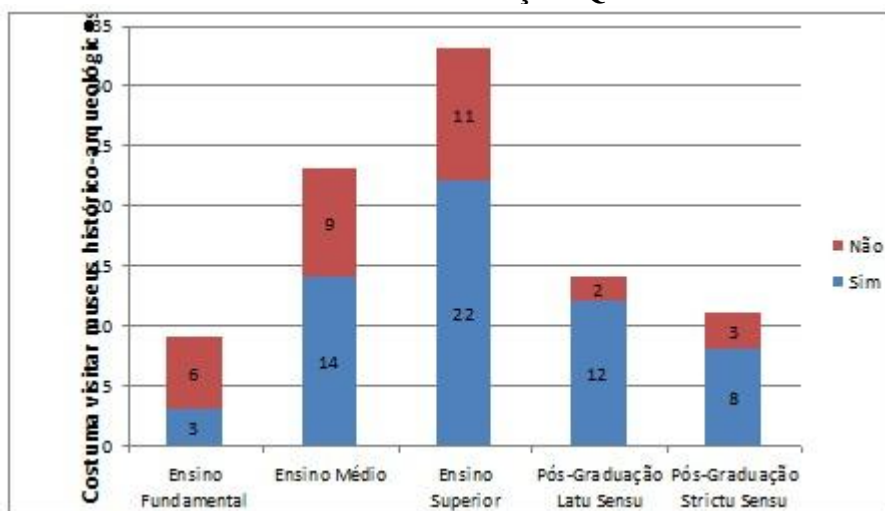
10) O conhecimento que você adquiriu sobre o Egito Antigo tem origem: na escola

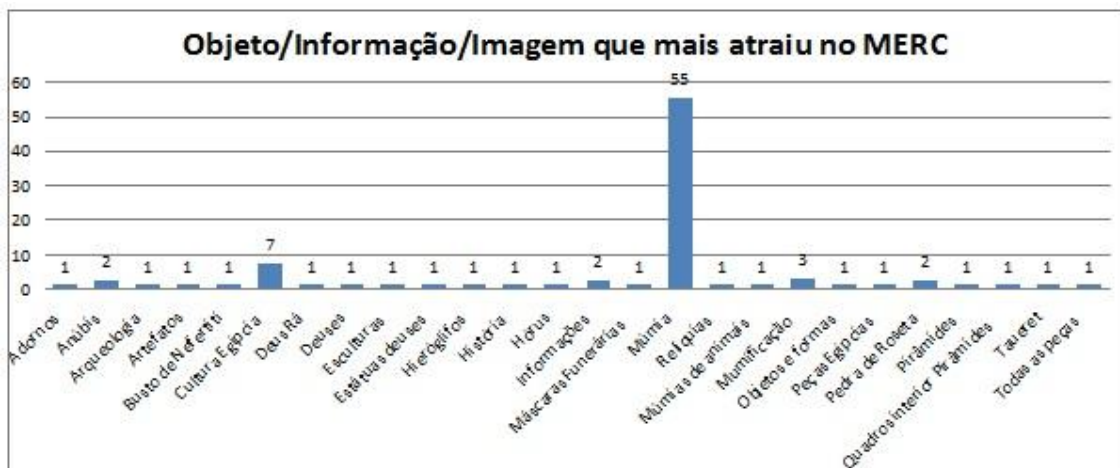
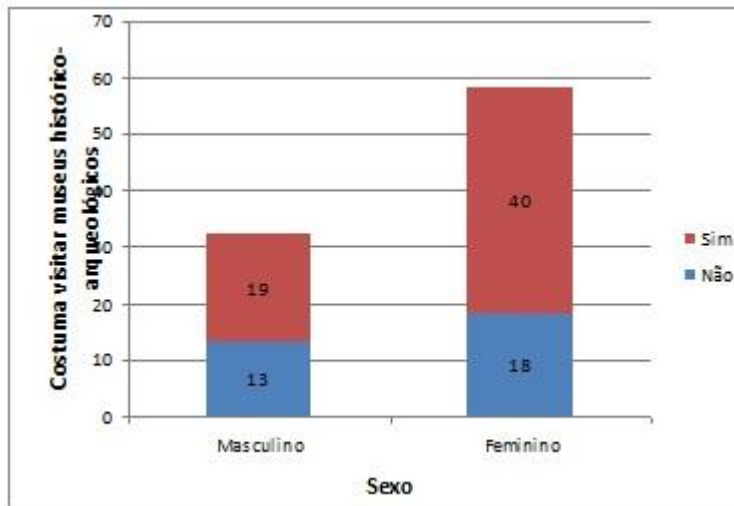
em sua formação profissional nos filmes/documentários/TV/desenhos animados

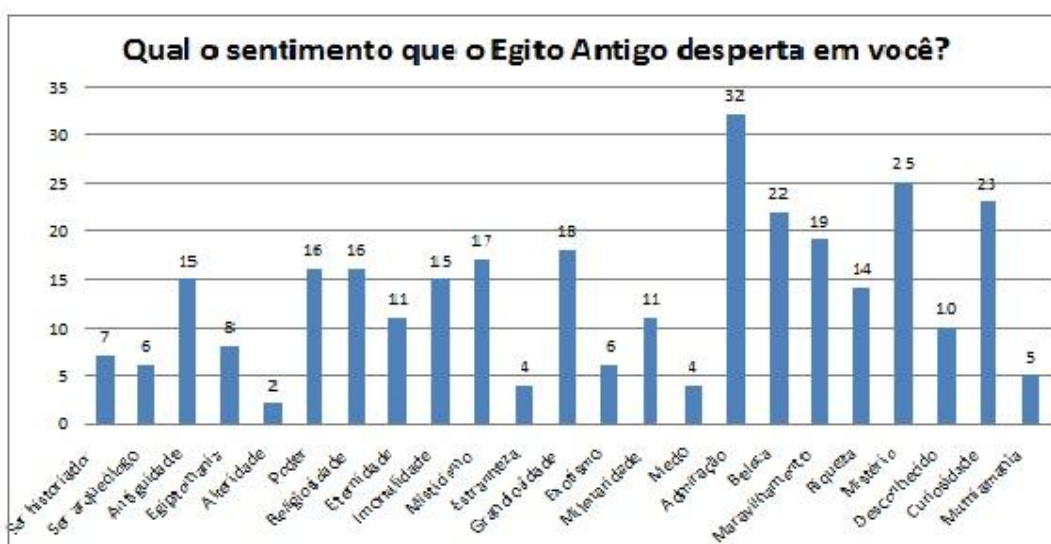
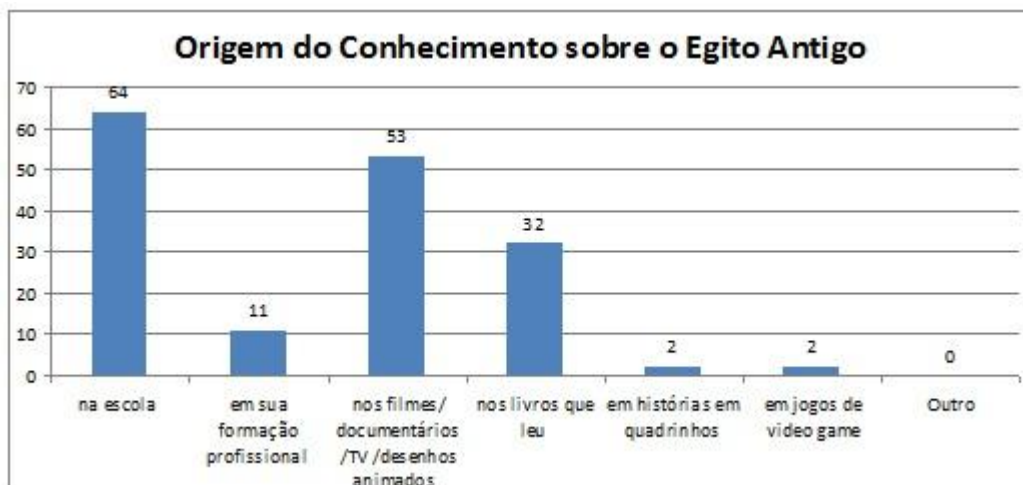
nos livros que leu em histórias em quadrinhos em jogos de video game

7.5 ANEXO 5

Tabulações Questionário B







7.6 ANEXO 6

Excertos Diário de D. Pedro II

Assim é que observa: Mariette pretende que a pyramide de Sakkarah, de que fallei hontem, poderia ser attribuida a Benerphes, da primeira dynastia, 5.000 annos antes de J. C. . . . Ha divergencia de 2.079 entre os egyptologos allemães a respeito da data do reinado do rei Mena . . . , Mena, o Ménos dos Gregos, significaria « o perpetuo » . . .

Excerto 1: da nota de D. Pedro II, citado pela Revista do IHGB p.135

Meu amigo Brugsh pensa que Mena vivia no anno de 4455 A. C., etc., etc.

Mais tarde elle escreveu no seu jornal :

« Porventura não é curioso approximar o nome de Mena com o de Minos dos Gregos e o de Manu dos Indús : haverá mais do que uma simples similhança ?

Reproduz igualmente observações sobre a epocha em que o camello e o cavallo começaram a apparecer nos monumentos egypticos. A proposito da sepultura de Knum Hotep procura saber si se poderia attribuir uma origem semitica á lingua dos antigos Egypticos e ao Copto; o nome de Ammon se liga ao hebraico amigo do povo.

Excerto 2: da nota de D. Pedro II, citado pela Revista do IHGB p.136

Elle estabelece em outra passagem o paralelo entre Mariette e aquelle que elle denominava seu amigo Brughs : « as descobertas de Mariette são mais brilhantes, mais impressionantes, diz elle, entretanto julgo que o meu amigo Brughs possui mais sciencia. » Menciona que conheceu o dr. Gaillardot por occasião da sua primeira viagem em 1871-72, e lembra a estima, que lhe votava o conde Joubert.

Excerto 3: da nota de D. Pedro II, citado pela Revista do IHGB p.136
136

Dá a conhecer as suas relações com o sr. de Rougé, que foi o seu iniciador em Egyptologia ; oppõe Rougé a Brugsh e este a Champollion, em diversos pontos duvidosos ; o seu livro de cabeceira era a grammatica hieroglyphica de Brughs, que elle lia antes de dormir ; observa, entretanto, que para « a leitura dos textos hieroglyphicos é necessario contar tanto com o faro de adivinhação, como com as regras da interpretação. »

Excerto 4: da nota de D. Pedro II, citado pela Revista do IHGB p.136
136

dos Pharaós. « Alguns vestígios flagrantes de incrível vandalismo, diz elle, a respeito das ruínas de Karnack e de Abydos; francamente o khediva poderia gastar um pouco menos com os seus palácios e despendêr um pouco mais com a conservação desses monumentos. »

Excerto 5: da nota de D. Pedro II, citado pela Revista do IHGB p.136
136

Nota em Karnack que as queixas de Setil contra Ammon, que o abandonou em uma batalha, lembram muito o estylo de David; demora-se com agrado na phrase final das censuras de Setil ao seu exercito. « Luctei só ». Esta phrase recordava-lhe evidentemente as suas proprias luctas em campos de batalha de outra ordem, onde tambem teve que luctar « sósinho ».

Excerto 6: da nota de D. Pedro II, citado pela Revista do IHGB p.136
138

Em outras occasiões as observações de d. Pedro apresentam uma nota commovida, que nos revela uma alma sensivel, embora não expressiva: « Não posso repetir com o filho de Pharaó Aen: Conservae-vos alegres durante vossa vida; com effeito, como é possível ter uma alegria que não é partilhada por meus amigos? Esta viagem encanta-me; entretanto, fico triste ao pensar em meus amigos, que estão privados de similhante prazer. »

Excerto 7: da nota de D. Pedro II, citado pela Revista do IHGB p.136
138

Contrariamente aos juizes de Lavoisier, estava persuadido de que « o paiz necessitava de sabios »; tinha que reinar não sómente sobre uma nação nova, mas tambem sobre um paiz virgem; sem duvida, o Brasil é um paiz para o qual a natureza se mostrou prodiga das suas riquezas; mas que póde fazer a natureza, si a sciencia não vier em seu auxillio? O exemplo do Egypto sempre lhe chamára a attenção; elle comprazia-se em comentar a phrase classica de Herodoto: « O Egypto é um presente do Nilo », phrase que reproduziu em seu jornal de viagem.

Excerto 8: da nota de D. Pedro II, citado pela Revista do IHGB p.136
148

Mas, para ser exacto, é preciso modificar um pouco esta phrase e dizer: «Um dom do Nilo e dos sábios». De que utilidade teria sido o Nilo ao Egypto, sem os trabalhos de irrigação dos Pharaós e dos engenheiros modernos? Que vestigio deixaria o Egypto no mundo, sem a sciencia dos que, na antiguidade, gravaram a sua historia e conservaram a civilização e a historia antiga nos livros de pedra, que são os monumentos dos Pharaós e sem a sciencia daquelles que souberam descobrir e ler esses livros: os Champollon, os Mariette, os Brugsh, os Maspéro? D. Pedro, reflectindo nisso, escreveu num livro dado pelo sabio egyptologo Lepsius ao consul allemão de Louxor: « Os monumentos do Egypto são para os pensadores uma revelação ».

Excerto 9: da nota de D. Pedro II, citado pela Revista do IHGB p.136
148

Censurou-se d. Pedro por ser a sua sciencia muito encyclopedica e pouco especializada; repete-se isto frequentemente como uma critica, sem se comprehender que é o melhor elogio que se lhe pôde fazer; com effeito, não ha dúvida que d. Pedro era menos sabio em Biologia do que Pasteur, em Astronomia do que Liais, Egyptologia do que Mariette, ou Maspéro ou Brugsh; mas o Brasil não precisava de um soberano que fosse mineralogista, chimico, astrónomo, ou auctoridade em Philologia e em Archeologia, mas sim de um soberano que entendesse de Chimica, de Astronomia, de Mathematica e sciencias em geral, de maneira a ser capaz de as amar e transmitir esse gosto ao seu povo; foi justamente o que d. Pedro desejou ser e conseguiu; nisto consiste o seu grande e inexquecivel merito, ao passo que teria faltado aos seus deveres si se especializasse nesta ou naquella parte e abandonasse as outras. Elle havia judiciosamente comprehendido as necessidades do Brasil, na sua epocha; as lettras estavam bastante desenvolvidas e poderiam continuar por suas proprias forças, as bellas artes poderiam esperar, mas a necessidade de communicar ao seu povo ou de penetra-lo do gosto pelas sciencias era urgente; portanto, era o estudo das sciencias que reclamava o auxilio da acção immediata de d. Pedro; por isso, elle prestava o seu concurso por ordem, de preferencia, como muito bem observou o dr. Oliveira Lima; primeiro ás sciencias, em seguida ás lettras e em ultimo lugar ás artes.

Excerto 10: da nota de D. Pedro II, citado pela Revista do IHGB p.
150

Mas, perguntar-me-heis, senhores, donde se originava o interesse de d. Pedro pelo Egypto, interesse que o levou a emprender duas longas viagens a este paiz e projectar, em 1888, uma terceira? Erroneamente suggeriu-lhe como causa uma futil curiosidade pela Egyptologia e, mesmo no seu tempo, alguns espiritos demosiado materialistas, por demais « businessmen », censuraram-no por esse facto; entretanto, não se tardou em fazer justiça a d. Pedro e em avaliar a profundeza das suas vistas. Sem du-

Excerto 11: da nota de D. Pedro II, citado pela Revista do IHGB p. 153

vida o Imperador experimentava um prazer intellectual nas suas pesquisas egyptologicas — e o seu jornal revelou-nos uma especial maneira de se occupar de Egyptologia, uma maneira que val bem com o seu character e que eu chamarei « estudar a Egyptologia como philosopho, como pensador », segundo sua propria expressão; mas não se limitava somente a isto; elle havia notado a extraordinaria similhaça de clima entre o Brasil e o Egypto. Com effeito, o Egypto está situado entre o tropico de Cancer, que passa em Assouan, e o grão 31 de latitude, que passa em Alexandria; ora, passando do Norte ao Sul, é precisamente esta a situação da parte meridional do Brasil collocada entre o tropico de Capricornio, que passa perto de S. Paulo, e o grão 31 de latitude Sul, que é o da fronteira meridional do Brasil; o resto do Brasil evidentemente está em latitude inferior e deveria ter um clima mais quente, correspondente ao do Sudan, mas como esta parte forma exactamente um planalto de 900 metros de altitude, em média a influencia da altitude corrige a da latitude, e, em vez de ter uma temperatura equivalente á da Africa Central, continúa a ter a do Egypto ou antes a do Alto Egypto. Tambem muitas culturas são communs ao Oriente e ao Brasil: a canna de assucar, o café, o algodão, o fumo, etc. Por consequinte, por que o Egypto com a sua adeantada civilização, com os seus processos de cultura vindos de tempos immemoriaes, com os immensos trabalhos que nelle eram executados ou projectados, deixaria de constituir um campo de estudo e de observação para o Brasil?

Excerto 12: da nota de D. Pedro II, citado pela Revista do IHGB p.154